



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



SANDERSON SILVA DE MOURA

A ARTE RETÓRICA COMO SABER NECESSÁRIO À PRÁTICA EDUCATIVA

**RIO BRANCO
2021**

SANDERSON SILVA DE MOURA

A ARTE RETÓRICA COMO SABER NECESSÁRIO À PRÁTICA EDUCATIVA

Defesa de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Acre, como requisito para obtenção do título de mestre em educação.

Linha: Formação de Professores e Trabalho Docente

Orientadora: Profa. Dra. Ednaceli Abreu Damasceno

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ednaceli Abreu Damasceno - Orientadora
PPGE/Universidade Federal do Acre - UFAC

Profa. Dra. Tânia Mara Rezende Machado – Membro Interno
PPGE/Universidade Federal do Acre -UFAC

Prof. Dr. Bortolo Valle – Membro Externo
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do
Paraná

RIO BRANCO
2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

- M929a Moura, Sanderson Silva de, 1976 -
 A arte retórica como saber necessário à prática educativa / Sanderson Silva de Moura; Orientadora: Dra. Ednacelí Abreu Damasceno. – 2021.
 165 f.; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado em Educação. Rio Branco, 2021.
 Inclui referências bibliográficas.
1. Docência. 2. Pedagogia Universitária. 3. Direito. I. Damasceno, Ednacelí Abreu. II. Título.

CDD: 370

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou grato a Deus pela saúde, pela disposição e pelo entusiasmo que me concebeu para que eu chegasse até o fim desta empreitada;

Sou grato a todos os nossos professores e professoras do PPGE pela dedicação e pelo compromisso com a educação pública e de qualidade;

Sou grato a minha orientadora professora doutora Ednaceli Abreu por sua forma delicada, gentil e respeitosa e competente com que me orientou ao longo deste trabalho;

Sou grato a minha esposa Neydeanne e a toda minha família por todo o apoio.

Sou grato ao professor Carlos Pontes, por ser um entusiasta desta obra.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à augusta Escola de Atenas, fundada em 2016 no Acre, que por meio de seus simpósios tem feito reviver a gloriosa tradição da retórica antiga, expandindo sua influência por todo o Brasil.

“Não podeis esquecer que esta nossa cidade é considerada como aquela que se tornou professora de todos os indivíduos aptos a discursar e educar. Naturalmente! Pois veem que ela concedeu os maiores prêmios aos detentores de tal poder; que ofereceu os maiores e mais variegados exercícios aos que escolheram competir e quiseram treinar tal tipo de atividade, e, ainda, que daqui todos adquiriram a experiência prática que, acima de tudo, os capacita para discursar. Ademais, consideram que o caráter genérico e equilibrado de nosso dialeto, além de nossa versatilidade mental e de nosso amor pelas palavras, contribuíram em parte não pouco significativa para a nossa educação discursiva. Por isso, não sem razão supõem que os indivíduos hábeis em discursar sejam todos discípulos de Atenas.”

(Isócrates, retor e educador grego, em *Antídose*, discurso proferido no ano de 353 a.C.)

RESUMO

A arte retórica é um saber que persiste e influencia, ao longo do tempo, amplos setores das ciências humanas, como o direito, a filosofia, a política, inclusive a educação, desde a antiguidade grega, quando era considerada a rainha das ciências, uma arte soberana. A presente dissertação se propõe a investigar a arte retórica como um saber necessário à prática educativa e ao trabalho docente. Nesse sentido, o problema que move esta presente dissertação de mestrado consiste na seguinte indagação: de que modo a arte retórica exerce seu papel como elemento diretamente ligado à arte de ensinar e como um saber necessário à prática educativa? Essa problemática central se desdobra nas seguintes questões: qual a relação entre retórica e educação ao longo da história? Quais os vínculos que estão presentes nos fundamentos teóricos da arte retórica e da arte de ensinar? Quais as contribuições da retórica e da argumentação para o trabalho docente, e como o professor, por meio de sua prática educativa, pode fazer uso desse saber de modo a possibilitar o empoderamento não só de si, mas também o empoderamento dos alunos tanto como indivíduos quanto cidadãos? Em conformidade com a problemática apresentada, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar de que modo a arte da retórica exerce seu papel como elemento diretamente ligado à arte de ensinar e como um saber necessário à prática educativa. A pesquisa se orienta a partir dos seguintes objetivos específicos: discorrer sobre a história da retórica, da Grécia Antiga aos dias atuais, explicitando, ao longo desse período, sua relação com a educação; identificar os vínculos presentes nos fundamentos teóricos da arte retórica e da arte de ensinar, a partir de aproximações pedagógicas entre a retórica e a *Didática Magna* de Comenius; verificar as contribuições da retórica e da argumentação para o trabalho docente, e como o professor, por meio de sua prática educativa, pode fazer uso desse saber de modo a possibilitar o empoderamento não só de si, mas dos alunos tanto como indivíduos quanto cidadãos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. O aporte teórico quanto à história da retórica e os fundamentos da retórica foram sustentados em autores como Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Perelman, Plebe, Barthes, Reboul, Barilli, dentre outros. O aporte teórico quanto à parte pedagógica está embasado em Comenius, Jaeger, Marrou, Paulo Freire e outros. O resultado da pesquisa aponta que o professor, no seu ofício de ensinar é um orador, e que, portanto, o domínio do saber retórico, um saber clássico, aplicado à prática docente é uma ferramenta útil, atual e necessária ao empoderamento, ao esclarecimento e a recuperação do valor da palavra do professor.

Palavras-chave: Retórica. Didática. Pedagogia. Prática educativa. Trabalho docente.

ABSTRACT

Rhetorical art is a knowledge that persists and influences, over time, broad sectors of the human sciences, such as law, philosophy, politics, including education, since ancient Greek times, when it was considered the queen of sciences, a sovereign art. This dissertation aims to investigate the art of rhetoric as a necessary knowledge for educational practice and teaching work. In this sense, the problem that drives this present master's thesis consists of the following question: How does rhetorical art play its role as an element directly linked to the art of teaching and as a necessary knowledge for educational practice? This central issue unfolds into the following questions: what is the relationship between rhetoric and education throughout history? What links are present in the theoretical foundations of the art of rhetoric and the art of teaching? What are the contributions of rhetoric and argumentation to the teaching work, and how the teacher, through their educational practice, can make use of this knowledge in order to enable the empowerment not only of themselves, but also the empowerment of students both as individuals and as citizens? In accordance with the problem presented, this research aims to analyze how the art of rhetoric plays its role as an element directly linked to the art of teaching and as a necessary knowledge for educational practice. The research is guided by the following specific objectives: to discuss the history of rhetoric, from Ancient Greece to the present day, explaining, throughout this period, its relationship with education; identify the links present in the theoretical foundations of the art of rhetoric and the art of teaching, from pedagogical approaches between rhetoric and Comenius's *Didactic Magna*; verify the contributions of rhetoric and argumentation to the teaching work, and how the teacher, through their educational practice, can make use of this knowledge in order to enable the empowerment not only of themselves, but of students, both as individuals and citizens. This is a bibliographical research with a qualitative approach. The theoretical contribution regarding the history of rhetoric and the foundations of rhetoric were supported by authors such as Aristotle, Cicero, Quintilian, Perelman, Plebe, Barthes, Reboul, Barilli, among others. The theoretical contribution regarding the pedagogical part is based on Comenius, Jaeger, Marrou, Paulo Freire and others. The result of the research shows that the teacher, in his teaching job, is an orator, and that, therefore, the domain of rhetorical knowledge, a classic knowledge, applied to teaching practice is a useful, current and necessary tool for empowerment, clarification and the recovery of the value of the teacher's word.

Keywords: Rhetoric. Didactics. Pedagogy. Educational practice. Teaching work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PERCURSOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	16
3 HISTÓRIA DA RETÓRICA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO	28
4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA RETÓRICA E DA ARTE DE ENSINAR	83
5 A RETÓRICA COMO SABER NECESSÁRIO À PRÁTICA EDUCATIVA.....	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	157

INTRODUÇÃO

Cumprido destacar, nesta introdução - seguindo o conselho do Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.), maior filósofo e retor latino da antiguidade, para quem “quando se quer pôr ordem e método numa discussão, é preciso começar definindo a coisa de que se trata, para se ter dela uma ideia nítida e precisa” (*Dos Deveres*, I, I) -, que o termo *retórica* não tem aqui a conotação negativa atribuída originalmente por Platão, e que cruzou os séculos até hoje, que dizia ser a retórica uma bajulação, uma manipulação, uma prostituição do saber, uma arte baseada na mera opinião (*doxa*) e desvinculada da verdade, do bem, da justiça, do conhecimento (*episteme*). Embora nem sempre Platão tenha visto a retórica nessa perspectiva, foi essa a visão platônica que predominou a respeito do tema.

Na verdade, filosofia e retórica, ao longo do tempo, tiveram uma relação de amor e ódio, de proximidade e de afastamento, como bem sintetiza Perelman ao dizer em seu *Império Retórico* que

"É milenar o confronto e as relações entre filosofia e retórica. Enquanto a retórica procura fazer prevalecer certas opiniões concorrentes, a filosofia busca pretensamente as verdades universais. Opondo, no seu célebre poema, a via da verdade, garantida pela divindade, à opinião, que é dos homens, Parmênides inaugura a competição entre filósofos e mestres de retórica. A réplica de Górgias não se fez esperar. Através de uma tripla argumentação, ele mostra que o Ser não é, e se existisse seria incognoscível, e se o conhecêssemos, esse conhecimento seria incomunicável; donde a importância da retórica, da técnica psicológica, que age sobre a vontade do ouvinte para obter a sua adesão. Do mesmo modo, mostrando que sobre todo o objeto há dois discursos opostos, os 'dissoi logoi', Protágoras nega a existência de uma verdade única. Sendo toda proposição objeto de controvérsia - pois se pode sempre defender o pró e o contra - deve-se conferir preeminência à retórica. Já Platão, nos passos de Parmênides, acusando a retórica de mero simulacro, a subordinará à filosofia, pois a única retórica digna do filósofo é aquela capaz de persuadir os próprios deuses, e, portanto, comprometida com a verdade, e não com o mundo das aparências" (1999, p. 165).

Veremos ao longo deste trabalho que a retórica ensinada pelos inventores da arte retórica, Córax e Tísias, desenvolvida pelos sofistas e teorizada por Aristóteles, por Cícero e Quintiliano, e contemporaneamente ressurgida com grande brilhantismo devido ao trabalho de Chaim Perelman, goza de um conceito altamente útil e positivo posta a serviço da educação, do direito, da filosofia, da democracia e de outros tantos saberes e instituições; é um saber elástico que se aplica e se amolda a todas as ciências humanas.

Desde os tempos dos antigos gregos - apesar das reações parmenídicas e platônicas vistas acima - a arte retórica, definida como a arte de bem falar em público, de *bene dicere*, de bem se expressar, de argumentar com competência visando à persuasão e ao convencimento, surgiu como um conhecimento relevante para o cidadão que objetivasse conquistar espaços sociais na pólis, fazer valer seus direitos e se qualificar como um homem livre capaz de aconselhar, ensinar, liderar e ser ouvidos pelos seus pares.

Aristóteles, em seu livro *Retórica* esclarece que:

A Retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular.

De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender ou acusar.

Simplesmente, na sua maioria, umas pessoas fazem-no ao acaso, e, outras, mediante prática que resulta do hábito. E, porque os dois modos são possíveis, é óbvio que seria também possível fazer a mesma coisa seguindo um método. Pois é possível estudar a razão pela qual tanto são bem-sucedidos os que agem por hábito como os que agem espontaneamente, e todos facilmente concordarão que tal estudo é tarefa de uma arte (2012, p. 6-7).

Fica evidente, pelo que diz o estagirita, que a retórica é um saber mobilizado de forma natural pelo ser humano, decorrente de seu próprio dom da fala, com objetivos múltiplos: ensinar, convencer, persuadir, defender, acusar, questionar, contestar, ponderar etc., coisas que fazemos com naturalidade no nosso dia a dia, seja na família, numa roda de conversa com amigos, seja no ambiente do trabalho. Estamos todos envoltos sob o manto da retórica, dela não podemos escapar, e uma rápida olhadela no nosso cotidiano, logo veremos que Aristóteles tem razão, que ela é inerente à comunicação humana e que todos nós a praticamos no nosso dia a dia.

Esse saber natural que brota da própria condição humana encontrou na Grécia Antiga seus sistematizadores, seus estudiosos. Todas as civilizações fizeram uso da retórica como um saber espontâneo, decorrente de seu dom da fala. No entanto, fazer deste saber comum uma arte, uma técnica, transformá-lo num método, numa ciência, aperfeiçoá-lo pelo estudo, é um feito original da cultura grega.

Desde Homero, que viveu no século VIII a.C., em seus poemas *Ilíada* e *Odisseia*, já estava presente um ideal de paideia retórica. No entanto, só com Córax

e Tísias, em Siracusa, Sicília, Magna Grécia, por volta de meados do século V a.C. que se elaborou o primeiro tratado de retórica que se tem notícia, tornando a retórica objeto de ensino, com a finalidade de preparar seus alunos para a defesa de seus direitos diante dos tribunais populares criados como decorrência da construção da democracia grega. Neste sentido podemos afirmar que a retórica tanto é filha quanto é guardiã da democracia nascente, servindo também como arma de luta política, pedagógica e judicial.

Seguindo os passos desses pioneiros, logo a retórica se tornou importante instrumento de ação política, forense e educativa, sendo ensinada pelos sofistas em Atenas, principalmente aos jovens que ambicionavam o sucesso na vida pública. Em pouco tempo, a retórica, agora sistematizada por escrito em inúmeros manuais (poucos chegaram aos dias atuais) e de posse de um método e de preceitos claros, passou a ser, ao lado da filosofia, os dois saberes mais prestigiados no mundo grego antigo, sendo ensinado nas escolas de Atenas, a exemplo da Academia de Platão, da Escola de Retórica de Isócrates e do Liceu de Aristóteles, dentre outras escolas filosóficas e retóricas da antiguidade clássica.

A influência da cultura grega, como é sabido, estendeu-se por todo o império romano, sendo a retórica a principal disciplina ministrada nas escolas particulares e públicas de Roma. Cícero a promoveu com maestria, sendo seguido por seu principal discípulo Marco Fábio Quintiliano, que escreveu uma monumental obra intitulada *Institutio Oratoria*, obra que exerceu grande influência pedagógica ao longo do tempo por tratar da educação, de forma integral, das crianças e dos jovens, desde o nascimento até a vida adulta.

Do mundo greco-romano, a retórica cruzou todo o período medieval como estimada disciplina ensinada juntamente com a Gramática e a Lógica, o que ficou conhecido como o *Trivium*. Era um saber estimado na prática pedagógica, religiosa e política daqueles tempos. Santo Agostinho, em seu livro *Doutrina Cristã*, seguindo a tradição antiga, estabelecia os objetivos da retórica: *docere, deletere, comovere, ensinar, deleitar e comover*, e a colocava a serviço do cristianismo em formação.

Durante todo o Renascimento e o Humanismo, a exemplo da *Ratio Studiorum* dos Jesuítas e da *Didática Magna* de Comenius, passando pelo Século das Luzes, com as conferências de Adam Smith, e em importantes acontecimentos do mundo moderno, a retórica, apesar de ser vista com desconfiança por alguns, sempre ocupou, por força de sua própria natureza, atualidade e valor permanente, e pelo

prestígio da tradição, conquistou o interesse dos homens cultivados, cultos, dos criadores de cultura. Rousseau, em seu *Emílio ou Da Educação*, dizia, admirado: “O que os antigos fizeram com a eloquência é prodigioso” (2004, p. 462).

Durante o século XIX, devido ao cientificismo e ao positivismo, com suas pretensões cartesianas de verdades absolutas, pensou-se mesmo que a retórica tinha perdido sua importância e seu valor, apesar de continuar sendo estudada nas escolas e ser objeto de estudo de alguns pensadores. Mas eis que a partir de meados do século XX, um novo impulso aos estudos da retórica tem se dado em todo mundo, principalmente devido aos profundos estudos do pensador belga Chaim Perelman, que escreveu o livro *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. O interesse por esse saber antigo ressurgiu com todo o vigor na atualidade, e em diversas partes do mundo, assim como ressurgiu na Renascença, em vários campos do conhecimento, na política, no direito, na filosofia, na educação, entre outros campos das ciências humanas.

O saber retórico sistematizado, teorizado, como veremos ao longo da dissertação, fundou seu edifício epistemológico em torno de conceitos estruturantes como a verossimilhança (eikós), opinião, adequação, subjetividade, relativismo, plasticidade das noções, conceitos esses que desafiam dogmas, pretensões de verdades absolutas, bitolas intelectuais - isso explica em parte a reação platônica, cartesiana e positivista a este saber ao longo de sua história - o que bem pode indicar a longevidade da arte retórica. Se existisse verdade absoluta que a todos vinculasse, se o homem tivesse ciência de todas as coisas do passado, do presente e do futuro, não haveria necessidade do debate, da opinião, da pesquisa, do diálogo, da persuasão, da retórica. É o que Górgias que dizer quando em seu discurso *Em defesa de Helena*, 11, diz:

Se de fato todos possuíssem a respeito de tudo memória do passado, [conhecimento] do presente e previsão do futuro o discurso não seria exatamente igual; mas agora não lhes é fácil nem recordar o passado nem ponderar sobre o presente nem prever o futuro. Deste modo, a maior parte dos homens, sobre a maior parte dos assuntos, oferece à alma a opinião como conselheira. (Sofistas: Testemunhos e Fragmentos, p. 130).

Portanto, como dito, está longe o dia do homem - ser marcado pela incompletude e pelas limitações do conhecimento - prescindir da argumentação para estabelecer o que é o certo, o errado, o justo, o injusto, o belo, o feio, e tantas outras coisas da vida social, diante da ausência de uma verdade absoluta que se imponha

a todos - o que bem explica a necessidade, a longevidade e a atualidade da arte retórica.

Nesse sentido, desde os remotos tempos, retórica e educação são saberes interdisciplinares que se entrelaçam, que se interagem, que se entrecruzam, na constante busca do homem pelo saber e pelo aperfeiçoamento integral de seu espírito.

Apesar da relevância, que a meu ver por si só se evidencia, da utilidade de bem falar, de saber bem se expressar em público, de argumentar com proficiência, de convencer e persuadir com clareza, objetivos da arte retórica, esse tema tem sido atualmente ainda pouco estudado no campo teórico e prático da pedagogia. Acreditamos que muitos profissionais da educação desejam se expressar melhor em público, diante de seus pares, diante da sociedade e diante de seus alunos, no entanto, carecem de trabalhos científicos voltados para essa temática.

Desde muito jovem me senti atraído pela arte de bem falar. Da quinta série em diante fui líder de sala em todas as séries que estudei. Fiz o então magistério com o objetivo de ser professor, de usar a palavra para ensinar. Durante meu curso de História, na Universidade Federal do Acre, tornei-me presidente do Centro Acadêmico do curso e depois presidente do Diretório Central dos Estudantes. Fui professor de história concursado das redes municipal e estadual de ensino, e tinha sempre comigo algum livro de oratória para ler. Participei do movimento sindical dos professores do Acre sempre achando que minha melhor arma era o estudo da argumentação.

Quando concluí o curso de História senti que precisava encontrar uma profissão que desse ainda mais vazão a minha inclinação natural pelo estudo da retórica. Formei-me em Direito pela Universidade Federal do Acre e me tornei advogado criminalista do Tribunal do Júri, instituição milenar ligada aos primórdios da democracia grega, encontrando, assim, o espaço ideal para exercitar a arte da palavra. Com o tempo, senti o chamado para ensinar retórica, e fundei no Acre, em 2016, a Escola de Atenas.

Vendo que precisava dar mais autoridade acadêmica ao meu trabalho com a retórica ingressei no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Acre, já vislumbrando a possibilidade de investigar, no campo pedagógico, as contribuições que o conhecimento da arte retórica pode oferecer à prática educativa e a arte de ensinar.

Como hipótese, repito, acredito que muitos profissionais da educação gostariam de ter uma oratória mais fluida, mais clara, mais interessante, mais eficaz, como instrumento que melhor os capacite na arte de ensinar, e os empoderem em outras tantas atividades ligadas ao trabalho docente. É comum mesmo ouvirmos alunos dizerem que “o professor fulano de tal tem muito conhecimento, mas a gente não entende nada do que ele diz”. Conhecer a retórica é sem dúvida um trabalho de empoderamento docente. Não basta saber o conteúdo – embora saber o conteúdo faça parte da arte retórica, pois não se fala bem quando não se conhece o assunto – é importante saber transmiti-lo com clareza, com limpidez, com encanto, sem enfado, e já nisso a retórica bem se aproxima da didática - a arte de ensinar, segundo Comenius, de uma maneira clara, atraente, sólida e agradável.

Evidentemente que o professor, que a professora, por ser um homem, uma mulher da palavra, um orador e uma oradora, portanto, cujo objetivo de seu ofício é instruir, ensinar, aconselhar, direcionar, despertar o espírito para aprendizagem, com mais frequência são levados a fazer uso rotineiro desse saber que nasce da experiência, da necessidade comunicativa da relação professor-aluno.

Este trabalho visa preencher uma lacuna na pesquisa pedagógica nacional e local, pois apesar de algumas investigações neste campo, ainda é incipiente na academia brasileira, no campo da pesquisa educacional, o estudo da arte retórica como instrumento do fazer pedagógico, como um saber necessário e útil ao trabalho docente.

É recente no Brasil o interesse no estudo da importância da retórica na prática educativa, sendo um dos pioneiros neste campo de investigação o professor Renato José de Oliveira, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo ele um dos principais estudiosos, divulgadores e orientadores dos trabalhos acadêmicos desta natureza no Brasil, ainda muito incipientes. As obras deste autor tem uma importante relevância para o desenvolvimento desta dissertação, no que se refere à interação entre retórica e educação, tema que será melhor explorado na última seção deste trabalho.

Grande parte das produções acadêmicas de Oliveira, envolvendo a temática retórica e educação, foram sintetizadas em dois livros publicados pelo autor: *Argumentação e Educação: As Contribuições de Chaim Perelman*, editora CRV, 2016; e *Teoria da Argumentação e Educação*, Editora UFJF, 2011, em parceria com

vários outros pesquisadores, dentre eles, Márcio Silveira Lemgruber que vem se destacando também na pesquisa deste tema.

As obras acima têm como suporte teórico-metodológico fundamental a obra de Chaim Perelman e Olbrechts-Tyteca, estudiosos belgas, que escreveram, por volta de 1958, uma obra de resgate e revalorização da retórica antiga, intitulado *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. É a partir desta obra, que começa a ser mais estudada no meio acadêmico brasileiro e em outros campos do saber nos anos 90, que a temática educação e retórica também ganha relevo e atenção, como já dito.

O que diferencia este meu trabalho dos que já vem sendo desenvolvido pelo professor Oliveira é o maior detalhamento, acredito eu, desta dissertação em relação a conexão entre retórica e educação ao longo da história, seus fundamentos teóricos e a sua intenção de ser um estudo prático a serviço do trabalho docente.

O professor Oliveira centra-se na temática retórica e educação a partir do pensador belga Chaim Perelman. Já este estudo traz para o diálogo não só o referido pensador, mas toda a história da retórica e a sua fundamentação, e a sua relação com a educação ao longo do tempo, precisando melhor sua utilidade e suas contribuições à prática educativa.

Partindo dessa contextualização, o problema central desta pesquisa pode ser formulado por meio da seguinte interrogação: de que modo a arte da retórica exerce seu papel como elemento diretamente ligado à arte de ensinar e como um saber necessário à prática educativa?

Como hipótese, acreditamos que existe uma relação muito próxima entre retórica e educação, entre retórica e didática, e que o conhecimento da retórica guarda contribuições para o exercício do trabalho docente, principalmente no que se refere ao uso mais efetivo da palavra do professor no ato de ensinar. O conhecimento da retórica sistematizada pelos antigos gregos tem a oferecer aos professores muitas técnicas e percepções que o auxiliam em sua prática docente. A escola, a sociedade e o aluno têm a ganhar com professores mais capacitados na arte de se expressar bem, argumentar bem, escrever bem, articular bem suas ideias.

Esta é a pesquisa que nos propomos desenvolver a partir das proposições retóricas, filosóficas e pedagógicas encontradas em alguns autores, que contém ensinamentos e grandes contribuições acerca do estudo da retórica, (como os Sofistas, Platão, Aristóteles, Marco Túlio Cícero, Quintiliano, Santo Agostinho, e nos

tempos atuais, Chäim Perelman, entre outros), dos fundamentos teóricos da didática (como a obra *Didática Magna*, de Comenius – considerado o pai da pedagogia moderna, e que em muito foi influenciado pela retórica latina de Cícero e Quintiliano) e da retórica com saber clássico e necessário à prática educativa trazendo para o debate o pensamento pedagógico crítico, principalmente em torno das ideias de Paulo Freire.

Em conformidade com a natureza do estudo, esta dissertação está estruturada em seis seções. Esta primeira seção, como parte inicial desse estudo, traz em sua “Introdução” uma contextualização acerca da temática investigada e como o presente trabalho pretende ser desenvolvido ao longo da obra.

A segunda seção, intitulada “Percurso Teórico- Metodológicos” tem como objetivo descrever os caminhos seguidos no decorrer deste trabalho investigativo. Inicialmente, descreve-se a questão norteadora (problema) da pesquisa acompanhada de seu desdobramento; os objetivos, geral e específicos. Logo após, apresenta-se os aspectos metodológicos: tipo de pesquisa, de abordagem, fontes utilizadas e os procedimentos metodológicos para a construção do presente trabalho de natureza bibliográfica.

A terceira seção denominada “História da Retórica e sua Relação com a Educação” tem como finalidade definir o conceito de retórica com o qual trabalhamos, como arte de convencer, persuadir, dizer bem, fundado na ética e na razão, refutando qualquer definição preconceituosa e vulgar deste saber que o liga à manipulação, à bajulação e a meras opiniões para agradar os ouvintes; cumpre ainda esboçar uma história da retórica, da antiguidade aos dias atuais, mostrando sua ligação com a educação e a escola ao longo do tempo. Conhecer a história da retórica é essencial para entender a própria retórica e o uso teórico e prático deste saber na formação integral do homem.

Na quarta seção intitulada “Os Fundamentos Teóricos da Retórica e a *Didática Magna* de Comenius” abordaremos os fundamentos teóricos da arte retórica, dentre outros, as suas partes constitutivas (*inventio, dispositio, elocutio, actio e memoria*), sua força epistemológica, fundada na razoabilidade, na plausibilidade, na verossimilhança, fazendo uma análise comparativa e aproximativa entre saber retórico e didática a partir da *Didática Magna* de Comenius. Veremos os pontos teóricos em comum entre retórica e arte de ensinar. Desde a antiguidade já se tinha como certo três os objetivos da arte retórica: ensinar (*docere*), agradar

(*deletere*) e *comover* (*comovere*), elementos presentes também no pensamento pedagógico comeniano.

Na quinta seção denominada “A Retórica como Saber Clássico e como Necessário à Prática Educativa e ao Trabalho Docente” tem como objetivo perscrutar as contribuições da retórica e da argumentação para o trabalho docente, e como o professor, por meio de sua prática educativa, pode fazer uso desse saber de modo a possibilitar o empoderamento dos alunos, tanto como indivíduos quanto como cidadãos. Faremos algumas considerações breves em torno da retórica como um saber clássico, entendendo por saber clássico aquele trabalhado por Demerval Saviani em *Pedagogia Histórico-Crítica*; e também faremos algumas considerações mais aprofundadas em torno da retórica como um saber necessário à prática educativa, incluindo a retórica como um daqueles saberes de que fala Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*.

Por fim, na sexta seção encerramos com as “Considerações Finais” em que se busca inicialmente fazer uma breve síntese da argumentação desenvolvida ao longo do trabalho e, por último, apresentar os principais resultados da pesquisa tendo como base a problemática central e as questões que dela se desdobraram e orientaram o percurso investigativo da pesquisa. Assim acreditamos tornar possível demonstrar a relevância, a utilidade e as contribuições da retórica para o trabalho docente, partindo desde o início até aqui com uma abordagem interdisciplinar entre retórica e educação na história, na teoria e na prática.

Feitas essas considerações introdutórias passamos a seguir aos esclarecimentos a respeito dos percursos teóricos e metodológicos que optamos trabalhar tendo em vista a natureza da presente pesquisa.

2 PERCURSOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

A presente seção tem como objetivo explicar os passos metodológicos seguidos para a elaboração desta pesquisa. Primeiramente explicaremos brevemente o problema central deste trabalho, suas questões e objetivos. A seguir exporemos o método e os procedimentos utilizados na construção da presente dissertação.

O problema que move esta presente dissertação de mestrado consiste na seguinte indagação: de que modo a arte retórica exerce seu papel como elemento diretamente ligado à arte de ensinar e como um saber necessário à prática educativa? Essa problemática central se desdobra nas seguintes questões:

- a) Qual a relação entre retórica e educação ao longo da história?
- b) Quais vínculos estão presentes nos fundamentos teóricos da arte retórica e da arte de ensinar?
- c) Quais as contribuições da retórica e da argumentação para o trabalho docente, e como o professor, por meio de sua prática educativa, pode fazer uso desse saber de modo a possibilitar o empoderamento não só de si, mas também o empoderamento dos alunos tanto como indivíduos quanto cidadãos?

Em conformidade com a problemática apresentada, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar de que modo a arte da retórica exerce seu papel como elemento diretamente ligado à arte de ensinar e como um saber necessário à prática educativa.

A pesquisa se orienta a partir dos seguintes objetivos específicos:

- a) Discorrer sobre a história da retórica, da Grécia Antiga aos dias atuais, explicitando ao longo desse período, sua relação com a educação;
- b) Identificar os vínculos presentes nos fundamentos teóricos da arte retórica e da arte de ensinar, a partir de aproximações pedagógicas entre a retórica e a *Didática Magna* de Comenius;
- c) Verificar as contribuições da retórica e da argumentação para o trabalho docente, e como o professor, por meio de sua prática educativa, pode fazer uso desse saber de modo a possibilitar o empoderamento não só de si, mas dos alunos tanto como indivíduos quanto cidadãos.

Em seu livro *Como se faz uma tese*, o filósofo italiano Umberto Eco, elenca quatro requisitos que caracterizam um estudo científico: 1) O estudo debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros; 2) O estudo deve dizer do objeto algo que ainda não foi dito ou rever sob uma óptica diferente o que já se disse; 3) O estudo deve ser útil aos demais; e 4) O estudo deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas e, portanto, para uma continuidade pública (2019, p. 26-34).

Vemos, pois, que o presente trabalho atende a esses requisitos da pesquisa científica: é um objeto de estudo reconhecível e definido: a retórica; é um estudo que visa dizer algo que ainda não dito, ou pelo menos dizer por um ângulo novo: a retórica como um saber necessário à prática docente; é útil principalmente para os professores no exercício de seu trabalho docente; e traz toda uma abordagem histórica, bibliográfica e argumentativa que pode facilmente ser verificável pelos estudiosos.

Demo (2015) distingue quatro tipos de pesquisa: pesquisa teórica, pesquisa metodológica, pesquisa empírica e pesquisa prática.

O presente estudo vincula-se a pesquisa teórica, sendo aquela “que é dedicada a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos (DEMO, 2015, p. 20-21). É o tipo de pesquisa direcionada para reconstruir teorias, quadros de referência teórica e condições explicativas da realidade em que o objeto está inserido.

O método usado neste trabalho é o dialético, e aqui recorreremos mais uma vez a Pedro Demo para quem este método “se afina bem melhor com a complexidade dos fenômenos e sua dinâmica não linear [...] essa postura reconhece seu contexto hermenêutico, aceitando esse limite natural [...]. A dialética considera a realidade intrinsecamente contraditória, porque sua dinâmica é tipicamente contrária (DEMO, 2015, p. 14).

Ainda sobre o método dialético explica SASSO DE LIMA (2007) que o método dialético pode levar o pesquisador a trabalhar considerando a contradição, os conflitos, o devir, o movimento histórico, a totalidade e a unidade dos contrários, pois a perspectiva dialética difere de outras simplesmente porque acolhe outras epistemologias.

Não se pode mesmo tratar um tema tão polêmico e multidisciplinar como a retórica, com os seus usos no campo da educação, do direito e da política, sem recorrer às visões antitéticas e múltiplas, que desde o seu nascimento, com a reação platônica, até os dias atuais, continuam perpassando o assunto. Apesar de optarmos por uma visão positiva da retórica, à maneira aristotélica, não poderemos ao longo da abordagem deixar de dialogar e de refutar as objeções que se mantêm quanto à arte retórica. Por ser a oratória, no dizer de Kennedy (1963) *um campo de investigação extenso em substância e em forma*, e também um campo de disputas e divergências, mesmo entre os que a defendem, é natural que uma visão dialética seja a mais apropriada para dar conta de sua riqueza e complexidade.

Tendo em vista se tratar de uma pesquisa teórica, tendo como método base o dialético, os principais instrumentos metodológicos de investigação será a pesquisa bibliográfica. Para Umberto Eco “uma tese estuda um objeto por meio de determinados instrumentos. Muitas vezes o objeto é um livro e os instrumentos, outros livros” (ECO, 2019, p. 43).

Para Leão (2016) “pesquisa bibliográfica é o ato de ler, selecionar, fichar e arquivar tópicos de interesse para a pesquisa (BARROS e LEHFELD, 1986). Tem por finalidade recolher, analisar e interpretar as contribuições já existentes sobre determinado fato, assunto ou ideia”.

“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado em relação ao tema de estudo (...) o objetivo é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito” (LEÃO, 2016, p. 2015).

Ainda, segundo Leão, a pesquisa bibliográfica compreende oito etapas distintas: determinação dos objetivos, elaboração do plano de trabalho, identificação das fontes, localização das fontes, leitura do material, tomada de apontamentos, confecção de fichas e redação do trabalho (2016).

Seguimos cada etapa acima exposta, estabelecemos como objetivo o estudo da retórica e sua conexão com a educação ao longo da história e de que maneira a retórica pode contribuir com a prática educativa.

De posse do tema a trabalhar apresentamos o projeto de pesquisa detalhando melhor o assunto com justificção, problemática, questões, objetivos e plano de trabalho a seguir na elaboração do presente texto.

No passo seguinte fomos em busca de identificar as fontes examinando livros e catálogo de publicação da Capes e outras publicações

Logo em seguida adquirimos o material bibliográfico necessário. Adquiri livros, baixei os arquivos necessários de livros no formato digital, de dissertações, de tese e de artigos relacionados ao tema. Nesse sentido a bibliografia adquirida pertence ao nosso acervo pessoal, o que facilitou o manuseio com mais liberdade de todo o material, sem depender de empréstimos ou de leituras em lugares fora do local de nosso trabalho.

A seguir passamos a leitura dos livros, algo que não se deu apenas no período de elaboração desta pesquisa, pois já trabalho com o tema retórica há muitos anos e temos contato com o assunto quase que diariamente, pesquisando, adquirindo livros, lendo as obras, ministrando palestras, escrevendo e socializando as leituras em eventos e nas mídias sociais.

Ao ler todo o material fizemos a tomada de apontamentos de forma mais livre tendo em vista que se trata de bibliografia que faz parte do nosso acervo pessoal, podendo os livros serem marcados, grifados, feito apontamentos. Sendo assim, entrando, na etapa seguinte, as partes necessárias para a elaboração da redação foram fichadas, confeccionadas, selecionadas para as devidas interpretações, críticas e citações no corpo da dissertação.

Por fim, chegamos a redação final do presente trabalho. Mas antes de analisar a bibliografia básica usada no decorrer do percurso de elaboração das seções da dissertação, faz-se importante destacar o papel da leitura na construção de uma pesquisa bibliográfica. Para Sasso de Lima (2007), numa pesquisa bibliográfica “a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a consistência”.

Salvador (1996) apud Sasso de Lima (2007) destaca alguns tipos de leituras diferentes ao longo da exploração bibliográfica: a leitura de reconhecimento do material, a leitura exploratória, a leitura seletiva, a leitura reflexiva ou crítica, a leitura interpretativa. A leitura de reconhecimento do material bibliográfico consiste numa leitura rápida daquilo que se apresenta a nossa vista nas buscas em bibliotecas, catálogos de publicações, etc. A leitura exploratória também é uma leitura rápida para saber se aquilo realmente contém informações que nos interessem na busca de nossos objetivos. A leitura seletiva é aquela em que já identificamos o material que nos interessa e descartamos aquilo que não convém. A leitura reflexiva ou crítica já é um estudo de todo o material selecionado com o objetivo de sumarizar as

informações ali colhidas para responder aos objetivos da pesquisa. A leitura interpretativa é o momento mais complexo e tem como finalidade, analisar, correlacionar, associar, interpretar as ideias do autor. Isso requer do pesquisador capacidade reflexiva, talento para pensar, criar, construir, descobrir vínculos entre autores, ideias, pensamentos.

Em conformidade com a problemática apresentada, essa pesquisa tem como objetivo geral “analisar de que modo a arte da retórica exerce seu papel como elemento diretamente ligado à arte de ensinar, e como um saber necessário à prática educativa”.

Como já dito na seção I, em conformidade com a natureza do estudo, esta dissertação está estruturada em seis seções visando responder ao problema proposto. A primeira seção, como parte inicial desse estudo, traz em sua “Introdução” uma contextualização acerca da temática investigada e como o presente trabalho pretende ser desenvolvido ao longo da obra.

Esta segunda seção, intitulada “Percurso Teórico- Metodológicos” tem como objetivo descrever os caminhos seguidos no decorrer deste trabalho investigativo. Inicialmente, descreve-se a questão norteadora (problema) da pesquisa acompanhada de seu desdobramento; os objetivos, geral e específicos. Logo após, apresenta os aspectos metodológicos: tipo de pesquisa, de abordagem, fontes utilizadas e os procedimentos metodológicos para a construção do presente trabalho, e agora iremos esclarecer como trabalhamos as fontes bibliográficas nas questões centrais da pesquisa.

A terceira seção denominada “História da Retórica e sua Relação com a Educação” tem como finalidade definir o conceito de retórica com o qual trabalhamos, como arte de convencer, persuadir, dizer bem, fundado na ética e na razão, refutando qualquer definição preconceituosa e vulgar deste saber que o liga à manipulação, à bajulação e a meras opiniões para agradar os ouvintes; cumpre ainda esboçar uma história da retórica, da antiguidade aos dias atuais, mostrando sua ligação com a educação e a escola ao longo do tempo. Conhecer a história da retórica é essencial para entender a própria retórica e o uso teórico e prático deste saber na formação integral do homem.

Um autor fundamental no estudo da arte retórica é Aristóteles, que nos deixou a obra intitulada *Retórica* (2012) o mais antigo tratado de retórica que chegou até nós, escrito por volta de meados do século IV a.C. A importância de Aristóteles para

o estudo da retórica foi bem dito por Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), tratadista romano da arte oratória no seu livro *Da Invenção*, II, 6:

Aristóteles, por sua vez, reuniu num só lugar os antigos escritores de artes retóricas remontando desde o primeiro e inventor Tísias, e registrou nominalmente os importantes preceitos de cada um com raro cuidado e clareza e expôs as explicações com exatidão. Mas foi tão superior aos próprios inventores pela doçura e brevidade do discurso que ninguém conhece os preceitos deles a partir dos livros deles próprios, mas todos os que querem compreender o que eles ensinam se voltam para ele como que para um explicador mais vantajoso (apud ILUNGA, p. 8).

Vê-se, pois, a importância do estagirita para a compreensão do saber retórico. Além de historiar a retórica até seu tempo, Aristóteles foi um teórico da arte da argumentação. A importância e a influência central deste pensador será sentida ao longo de toda esta dissertação. O filósofo grego irradiou sua influência ao longo de toda a história da retórica até os dias atuais, sendo que o renascimento da retórica na contemporaneidade é, em grande medida, o ressurgimento do pensamento retórico de Aristóteles por meio do pensador belga Chäim Perelman, com o seu *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*.

Além de Aristóteles, também central na elaboração desta seção, e das outras que se seguem, são os livros do filósofo e orador romano Marco Túlio Cícero, que nos deixou escritos importantes tratados de retórica, fazendo em Roma o que Aristóteles fez na Grécia. Cícero transportou para o mundo romano a cultura grega, foi dela um tradutor, um divulgador e um promotor do helenismo no mundo latino. Dentre as obras de Cícero que utilizaremos neste capítulo encontra-se o *Brutus* e a *Perfeição Oratória*, onde o orador romano segue traçando a história da retórica até seu tempo.

Depois de Marco Túlio Cícero, relevante nesta parte do trabalho, será também Marco Fábio Quintiliano, principal seguidor de Cícero, que no século I d.C. escreve seu monumental tratado *Institutio Oratoria* (2016, 4 volumes), obra de cunho pedagógico e retórico que terá grande influência ao longo da história da retórica.

Outro importante filósofo que será de grande valia para o estudo desta seção é Santo Agostinho, que em seu livro *Doutrina Cristã* (2002), parte IV, dedica ao estudo da oratória; foi grandemente influenciado pela obra ciceroniana. Agostinho colocará a disposição da divulgação do cristianismo, então em expansão, o poder da retórica para a conversão de almas. É devido em grande medida a este teólogo da igreja que a retórica, ao longo do chamado período medieval da história, será

valorizada no seio da igreja e manter-se-á viva no que ficou conhecido como *Trivium*, o estudo da retórica, da gramática e da dialética.

Os nomes acima citados compõe o cerne do que existe de mais essencial na história da retórica e na teoria da retórica.

Para continuar traçando o quadro histórico da retórica recorreremos também ao livro de Armando Plebe, *Breve História da Retórica Antiga* (1978), um livro pequeno mas primoroso que resume a jornada histórica da retórica do nascimento na Grécia até as contribuições dos latinos ao referido saber. Para completar o quadro da narrativa da história da retórica até os dias atuais, de grande importância é o livro de Renato Barilli, *Retórica* (1979), que nos traz um estudo detalhado da trajetória da retórica das origens gregas aos dias de hoje. De grande relevância também, o livro *La Retorica Antiga*, de Roland Barthes, que esboça um quadro breve mais rico e cheio de erudição dos principais momentos da retórica da antiguidade à contemporaneidade. Destacamos também o uso, nesta seção, do valoroso e brilhante livro do americano de George Kennedy, ainda, até a presente data, sem tradução para o português, *The Art of Persuasion in Greece*, que trata ao mesmo tempo da reconstituição da história da retórica grega e de seus fundamentos teóricos.

É evidente que pensadores como Platão, que também será fundamental no estudo desta pesquisa, Aristóteles, Santo Agostinho, Quintiliano, são importantes também na história do pensamento pedagógico. Visando mostrar com mais clareza essa trajetória umbilical entre educação e retórica, além de recorrermos aos pensadores acima citados, traremos para o diálogo o fundamental livro *A Pedagogia: Teorias e Práticas da Antiguidade aos nossos Dias* (2013), organizados pelos teóricos da pedagogia Maurice Tardif e Clermont Gauthier. A parte I da obra, intitulada *A Evolução das ideias pedagógicas da Antiguidade até o século XX*, será a mais relevante nesta pesquisa, pois nos traz com muita precisão a forte influência que a retórica exerceu no pensamento pedagógico na antiguidade clássica, no período medieval e no Renascimento.

Citados organizadores, na introdução do referido livro, escrevem que o sistema educacional é permeado de grandes ideias que formam um ideário, como respeitar a criança que aprende, contribuir para seu desenvolvimento integral, favorecer o espírito crítico e sua capacidade de raciocínio, iniciá-la no método científico, ensiná-la a dominar a língua materna, a matemática, a expressão oral e

escrita, as suas competências para se comunicar. Os autores perguntam qual a origem desse ideário. E respondem:

Eles são oriundos da história e, às vezes da história bastante antiga. Por exemplo, falar e raciocinar corretamente são ideais da educação formulados, pela primeira vez, na Grécia há quase 2.500 anos, pelos sofistas e filósofos gregos. Aprender a exercitar o espírito crítico e o julgamento pessoal de maneira autônoma são ideais educativos promovidos nos séculos XVII e XVIII, na Europa. Respeitar a criança é um ideal que deriva diretamente do pensamento de Rousseau, no Século das Luzes. (...) A partir desses sedimentos, foram construídos nossos amplos sistemas escolares contemporâneos com seu cortejo de ideias pedagógicas e educativas (2020, p. 14)

Seguem os autores afirmando que quando um jovem professor entra numa sala de aula, ele entra não só fisicamente, mas entra também simbolicamente no mundo das ideias educativas, que mesmo invisível, enobrece a missão do docente, e um bom educador não pode desempenhar bem seu ofício se desconhece o mundo das ideias que acaba de penetrar, pois é ele que deve orientar e ensinar os alunos a conhecer todo esse universo de ideias construídas ao longo da história. “Um bom docente é simplesmente um pedagogo culto, conhecedor da história que modelou a escola e sua profissão” (op. cit. p. 145).

Outra relevante obra na construção desta seção é o livro *Paideia: A formação do Homem Grego* (2013), do filólogo alemão Werner Jaeger, que, principalmente no capítulo intitulado *Os Sofistas*, nos mostra o quanto retórica e educação estão interligadas, pois segundo o autor, a sofística, com seu ensino da arte da palavra, é um fenômeno ligado a história da educação (2013, p. 335).

Trazemos também para o diálogo o livro *História da Educação na Antiguidade* (2017), um clássico de Henri-Irenée Marrou, um profundo estudo das ideias e das práticas pedagógicas de Homero até o surgimento das escolas cristãs. Nessa trajetória podemos sentir sempre a presença e a força da educação retórica. “Simultaneamente com a arte de persuadir, os Sofistas ensinavam uma arte de falar, e este segundo aspecto de sua pedagogia não tem importância menor que o primeiro. (...) Na Grécia (...) a palavra é rainha (MARROU, 2017, p. 11).

Também o *Ratio Studiorum: O Método Pedagógico dos Jesuítas* (2019), e *As Conferências de Retórica e Belas-Letras* (2008), do filósofo iluminista Adam Smith, e ainda, *O Tratado da Argumentação: A Nova Retórica* (2005), de Perelman, nos fornecerão importantes elementos históricos que nos auxiliarão a traçar um quadro geral da história da retórica e sua ligação com a educação.

Esses são os autores fundamentais, dentre outros autores complementares que fundamentam o trabalho de elaboração da seção que trata da história da retórica e sua relação com a educação ao longo do tempo até os dias atuais.

Na seção intitulada “Os Fundamentos Teóricos da Retórica e a Didática Magna de Comenius abordaremos os fundamentos teóricos da arte retórica, suas partes constitutivas (*inventio, dispositio, elocutio, actio e memoria*), as partes que compõem um discurso, as figuras de linguagem, as falácias, os gêneros retóricos, os estilos retóricos, os objetivos do orador, o éthos, o lógos e o páthos aristotélicos, a voz, os gestos e conduta do orador, o uso de recursos tecnológicos, o kairós retórico, a força epistemológica da retórica fundada na razoabilidade, na plausibilidade, na verossimilhança, fazendo uma análise comparativa e aproximativa entre saber retórico e didática a partir da *Didática Magna* de Comenius. Veremos os pontos teóricos em comum entre retórica e arte de ensinar.

Desde a antiguidade já se tinha como certo três os objetivos da arte retórica: ensinar (*docere*), agradar (*delectare*) e comover (*comovere*), elementos presentes também no pensamento pedagógico comeniano, tendo sido este influenciado por Cícero e pelo educador e retor latino Marco Fábio Quintiliano.

Essenciais na elaboração desta parte do estudo permanecem algumas obras anteriormente já citadas, como a *Retórica* de Aristóteles, a *Intitutio Oratoria*, de Quintiliano, e a *Doutrina Cristã*, Parte IV, de Santo Agostinho. De Marco Túlio Cícero alguns outros trabalhos serão utilizados, quais sejam: *O Orador*, *Divisões da Arte Retórica*, *Retórica a Herênio* (de autoria questionada), *Da Invenção*, *Sobre o Orador*. Depois de Aristóteles, Cícero talvez seja o mais importante teórico e tratatista antigo da arte retórica.

Dois autores modernos serão de grande serventia para completar o quadro teórico da arte retórica, são eles: Olivier Reboul, filósofo da educação, com sua obra *Introdução à Arte Retórica* (2004), e Chaim Perelman, com sua consagrada obra, que representa o renascimento da retórica antiga, *Tratado da Argumentação: A nova Retórica* (2005). Sobre a força desta última obra assim diz Michel Meyer, outro importante estudioso belga da retórica, ao prefaciar a obra de Perelman: “Trata-se de um dos grandes clássicos do pensamento contemporâneo, de uma dessas raras obras que, tais como as de Aristóteles, de Cícero, de Quintiliano e de Vico, atravessarão os séculos, sem necessitar realmente de introdução para tanto” (2005, p. IX).

Reboul (2004) deixa bem claro a proximidade entre retórica e pedagogia ao escrever:

O ensino não pode prescindir da pedagogia; e toda pedagogia é retórica. O professor é um orador que, como todos os outros, deve atrair e prender a atenção, ilustrar os conceitos, facilitar a lembrança, motivar o esforço. Iremos mais longe: aquilo que hoje chamamos de didática faz parte da retórica; ensinar uma matéria é conferir-lhe uma clareza, uma coerência que ela não tem necessariamente como ciência, e passar da invenção à elocução e à ação, porém muitas vezes em detrimento do conteúdo propriamente científico. As pedagogias ativas, que tendem a suprimir a aula professoral, não escapam a essa regra: o que há de mais retórico do que conhecer antes aqueles que vão ser instruídos e obter sua adesão? Note-se enfim que, mesmo quando se trata de ensinar a demonstrar, só se obtêm resultados através da argumentação retórica (2004, p.105).

Seguindo o desenvolvimento da sessão, que trata dos fundamentos teóricos da retórica e da didática, usaremos como principal fonte bibliográfica a obra do pedagogo Comenius, *Didática Magna* (2011), para mostrar o quanto didática e retórica se interagem, se imbricam, numa verdadeira interação interdisciplinar e complementar. Comenius ensina em sua obra que a didática é arte de ensinar tudo a todos de uma maneira agradável, sintética, sólida e fácil e que ela se constitui num instrumento contra a canseira e o enfado (2011, p. 11-13). Esse sem dúvida também é o objetivo do orador, ser claro, simples, convincente, agradável, sólido, objetivo sem o qual não pode existir as condições para persuadir ninguém.

Permanece de grande importância na elaboração desta seção o livro já citado *Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias* (2013.)

As fontes bibliográficas acima citadas, acreditamos, responderão o quanto retórica e didática, dentro de seus próprios fundamentos teóricos, se unificam e se auxiliam em prol da arte de bem ensinar.

Na seção seguinte da presente dissertação, denominada “A Retórica como Saber Clássico e como Necessário à Prática Educativa e ao Trabalho Docente” tem como objetivo precisar com mais clareza ainda as contribuições da retórica e da argumentação para o trabalho docente, e como o professor, por meio de sua prática educativa, pode fazer uso desse saber de modo a possibilitar o empoderamento dos alunos, tanto como indivíduos quanto como cidadãos.

Faremos algumas considerações em torno da retórica como um saber clássico, entendendo por saber clássico aquele trabalhado por Demerval Saviani em *Pedagogia Histórico-Crítica* (2011); e também faremos algumas considerações em torno da retórica como um saber necessário à prática educativa, incluindo a retórica

como um daqueles saberes de que fala Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (2019) .

Os dois livros publicados do professor Renato José Oliveira, um dos principais estudiosos da relação entre retórica e educação na academia brasileira, *Argumentação e Educação: as contribuições de Chaim Perelman* (2011) e *Teoria da Argumentação e Educação* (2016) em muito contribuirão para a melhor articulação e aproximação entre esses dois ramos do saber. Destacando a função pedagógica da retórica diz Oliveira que ela ensina a pensar com coerência, a organizar a fala ou a expressão escrita, a cultivar as normas do bom vernáculo, a buscar a adesão do outro, motivando-o para determinada ação. Segundo o autor somos seres de persuasão, seja nas pequenas coisas do cotidiano ou nas grandes decisões que esperamos ver nossos ouvintes tomarem (2016, p. 77). Nesse sentido, podemos perceber o quanto o professor tem de orador, na medida em que precisa conquistar a atenção, motivar seus alunos, despertá-lo e entusiasamá-los para o saber.

Cabe destacar aqui também o excelente artigo de Fotini Egglezou *O debate no limiar da Pedagogia Crítica e da Paideia Retórica*, publicado na Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, n. 20, v. 2, p. 200-223, ago. de 2020, que bem se encaixa na abordagem que estamos aqui desenvolvendo. Para o autor a conexão entre pedagogia crítica com a apropriação dos ensinamentos da paideia retórica, duas abordagens pedagógicas distantes no tempo, pode contribuir para o empoderamento pedagógico dos estudantes como pensadores críticos e cidadãos ativos dentro do sistema educacional moderno.

Sem dúvida que conhecer, apropriar-se do conhecimento retórico, entender a arte de argumentar, suas técnicas, seus fundamentos teóricos, empodera o fazer pedagógico não só do aluno, mas também do professor, formando cidadãos críticos mais capazes de intervir socialmente com o poder de dizer bem sua palavra.

Por fim, na última sessão encerramos com as “Considerações Finais” em que se busca inicialmente fazer uma breve síntese da argumentação desenvolvida ao longo do trabalho e, por último, apresentar os principais resultados da pesquisa tendo como base a problemática central e as questões que dela se desdobraram e orientaram o percurso investigativo da pesquisa. Assim, acreditamos tornar possível demonstrar a relevância, a utilidade e as contribuições da retórica para o empoderamento do trabalho docente, partindo deste o início até aqui com uma

abordagem interdisciplinar entre retórica e educação na história, na teoria e na prática.

Adentraremos na seção que segue na história da retórica, algo de fundamental importância para conhecermos a utilidade e o próprio valor do saber retórico como instrumento da educação ao longo do tempo.

3 HISTÓRIA DA RETÓRICA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Esta seção tem como finalidade definir o conceito de retórica com o qual trabalhamos, como arte de convencer, persuadir, dizer bem, fundado na ética e na razão, refutando qualquer definição preconceituosa e vulgar deste saber que o liga à manipulação, à bajulação e a meras opiniões para agradar os ouvintes; cumpre ainda esboçar uma história da retórica, da antiguidade aos dias atuais, mostrando sua ligação com a educação e a escola ao longo do tempo. Conhecer a história da retórica é essencial para entender a própria retórica e o uso teórico e prático deste saber na formação integral do homem.

Esclarecemos aqui que não se trata de narrar a história dos grandes oradores, mas sim de contar a história dos grandes momentos da retórica enquanto saber sistematizado; nem sempre os grandes oradores foram também estudiosos da retórica, ou escreveram sobre ela algum tratado, como por exemplo Danton, um dos maiores oradores da Revolução Francesa, ou Trotski, um dos grandes oradores da Revolução Russa - isso não quer dizer que eles não conhecessem a arte retórica.

Por outro lado, nem sempre os teóricos da retórica foram destacados oradores públicos, a exemplo de Aristóteles, Isócrates, Giambattista Vico, Adam Smith, e Chaim Perelman, citados nesta dissertação. Pode acontecer que haja uma coincidência, ou seja, que um grande orador seja também um tratadista da retórica, como Córax, Tísias, Górgias, Cícero, Quintiliano e Santo Agostinho.

Em alguns casos, grandes oradores citados ao longo do texto, muito embora não tenham sido tratadistas da retórica deixaram uma forte marca na construção deste saber ao longo do tempo, como Homero, Demóstenes e Péricles, entre outros.

Em suma, o foco principal é na arte retórica, em seu ensino e nos seus mais importantes tratadistas ao longo da história. Vamos então enfrentar o tema, trazendo nossa contribuição à reconstrução histórica do saber retórico, não sem antes deixar registrada a pertinente observação de Barilli, professor de História da Arte da Universidade de Bolonha, historiador e teórico da retórica, que assim escreveu: “Os perfis de história da retórica, extensivos a toda a cultura ocidental, desde as origens até os nossos dias, são extremamente raros” (BARRILI, 1979, 167). Mesmo de quando isso foi dito para cá, não são muitas as obras que cobrem toda a trajetória da retórica da Grécia Antiga aos dias atuais; no entanto, uma abordagem geral da história da retórica, sempre é possível encontrar em alguns livros.

3.1 O CONCEITO DE RETÓRICA

Cumprido destacar, mais uma vez, - seguindo o conselho do Marco Túlio Cícero, para quem “quando se quer pôr ordem e método numa discussão, é preciso começar definindo a coisa de que se trata, para se ter dela uma ideia nítida e precisa” (*Dos Deveres*, I, I) - que o termo *retórica* não tem aqui a conotação negativa atribuída originalmente por Platão, e que cruzou os séculos até hoje, que dizia, em alguns de seus diálogos, mas especificamente no *Górgias* (2000), ser a retórica uma bajulação, uma manipulação, uma prostituição do saber, uma arte baseada na mera opinião e desvinculada da verdade, do bem, da justiça.

Michel Meyer, teórico belga da retórica, em seu livro *A Retórica* (2007, p. 21) diz que as definições de retórica podem ser classificadas em três grandes categorias: 1) a retórica como manipulação do auditório, - ideia ligada a Platão; 2) a retórica como arte de bem falar (*ars bene dicendi*, conceito elaborado por Quintiliano); e 3) retórica como discurso que visa persuadir – conforme diz Aristóteles. Meyer, inspirado nas ideias de Perelman, propõe uma nova definição: “a retórica é a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”.

O que cabe esclarecer aqui mais uma vez é que o conceito negativo da retórica só é citado neste trabalho para evidenciar que pode ser feito um uso vicioso e erístico deste saber, ao estilo do livro de Shopenhauer *Como vencer um debate sem ter razão*, mas que de forma alguma é nesse sentido que tomamos o verdadeiro sentido da arte retórica. Frise-se também que é útil para o orador conhecer bem as artimanhas erísticas do dizer, não para usá-las, mas para delas se defender, denunciando seus usos, como já alertava Aristóteles em *Refutações Sofísticas*: “Constitui a tarefa daquele que detém ele mesmo conhecimento de um determinado assunto abster-se de argumentos falaciosos em torno dos temas de seu conhecimento e ser capaz de denunciar aquele que o utiliza” (*I*, 165^a1, 25).

Para enriquecer mais o conceito de retórica colacionamos um interessante estudo etimológico do referido termo que nos traz Barilli, em seu livro *Retórica*:

Um exame linguístico do termo “retórica” permite-nos compreender algumas propriedades, ou mais simplesmente algumas questões que a sua longa, pluri-milenária existência histórica levantou e continua a levantar. Podemos reconhecer aí, por conseguinte, uma “marca” lexical, a raiz “re”, e algumas “marcas” morfológicas, concentradas no grupo “tórica”. A raiz grega “re” significa “dizer”, fazer uso do *logos* ou do discurso. Contudo é necessário acrescentar desde já um sinal intensivo, ou de plurissignificação. Com efeito, a retórica é a ocasião em que se usa o discurso da forma mais plena

e total, em que os componentes físicos da fala não são menos importantes que os intelectuais (BARILLI, 1979, p. 7).

Veremos ao longo deste trabalho que a retórica, *dizer os logos, proferir o discurso com uma marca distintiva*, como acima esclarece Barilli, originária de Córax e Tísias, desenvolvida e ensinada pelos sofistas e teorizada por Aristóteles, por Cícero e Quintiliano, e contemporaneamente ressurgida com Chaim Perelman, goza de um conceito altamente positivo posta a serviço da educação, do direito, da filosofia, da democracia e de outros tantos saberes e instituições; é um saber elástico que se aplica a todas as ciências humanas. “É multidisciplinar, como aliás, a própria retórica que desde seus primórdios, foi instrumento comum de juristas, filósofos, literatos, pregadores, de todos quantos concerne a comunicação” (REBOUL, 204, p. XI).

Desde os tempos dos antigos gregos, a arte retórica, definida como a arte de bem falar, *bene dicere*, de bem se expressar, de persuadir, de argumentar com competência, surgiu como um conhecimento relevante para o cidadão que objetivasse conquistar espaços sociais na pólis, fazer valer seus direitos e se qualificar como um homem livre capaz de aconselhar, ensinar, liderar e ser ouvidos pelos seus pares.

Aristóteles define a retórica “como a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir (..) como a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada” (Retórica, Livro I, 2).

Reboul (2004) na mesma esteira de Aristóteles propõe a seguinte definição de retórica: “é arte de persuadir pelo discurso”. O referido autor entende como discurso toda a produção verbal, escrita ou oral, que tenha como fim argumentar para convencer.

Quanto à questão ética envolvendo o trabalho do orador – entenda-se aqui orador como todo aquele que faz uso da palavra com o objetivo de ensinar, esclarecer, aconselhar, motivar, persuadir, dissuadir, e, portanto, pode ser o advogado, o político, o escritor, o professor, o pastor, o líder, o pai, a mãe - Aristóteles já anotava com clareza:

“ E, se alguém argumentar que o uso injusto desta faculdade da palavra pode causar graves danos, convém lembrar que o mesmo argumento se aplica a todos os bens exceto à virtude, principalmente aos mais úteis, como a força, a saúde, a riqueza e o talento militar; pois, sendo usados justamente, poderão ser muito úteis, e sendo usados injustamente, poderão causar grande dano” (2012, p. 11)

Da mesma forma que a beleza, a inteligência, a ciência, o poder e o dinheiro podem ser usados basicamente de duas maneiras, para proporcionar o bem ou para praticar o mal, assim a retórica também pode ser duplamente trabalhada. Em si, é uma potência neutra, depende dos valores éticos cultivados e cultuados por quem a usa.

Seria por demais estranho e condenável se aqui estivéssemos para ensinar o uso perverso, medíocre e manipulador da retórica. O trabalho docente e o fazer pedagógico estão vinculados a sólidos valores éticos. Marco Túlio Cícero definia o orador como o *vir bonus dicendi peritus*, o homem de bem perito na arte de falar.

Quintiliano afirma no Livro I da *Institutio* “que somente o homem bom pode ser orador perfeito; por isso, exigimos dele não só exímia habilidade de falar, mas todas as virtudes do espírito” (p. 23). É esse o conceito ético de retórica que perpassa toda a elaboração da presente dissertação.

3.2 O NASCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA RETÓRICA NA GRÉCIA ANTIGA

Segundo Reboul, “a melhor introdução à retórica é a sua história” (2004, p. 1). Nessa afirmação há um grande *insight*. Estudar a história da retórica faz parte da capacitação daquele que pretende ser mais habilidoso nesta arte. A própria narrativa histórica da jornada do desenvolvimento da retórica ao longo do tempo cria no leitor um forte interesse por este saber e o faz mergulhar na fonte do bem falar. Relevante ressaltar, antes de adentrarmos na história, o que diz Reboul:

Uma observação importante a ser feita é que a retórica é anterior à sua história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir. Pode-se, aliás, encontrar retórica entre os hindus, chineses, egípcios, sem falar dos hebreus. Apesar disso, em certos sentidos, pode-se dizer que a retórica é uma invenção grega, tanto quanto a geometria, a tragédia e a filosofia (REBOUL, 204, P. 1).

Ainda, segundo Reboul (2004), os gregos inventaram a técnica retórica, como ensino, com o objetivo de defender qualquer causa ou tese. Depois também teorizaram sobre ela como fizeram também teoria da arte, da literatura e da religião. Neste sentido, os gregos foram originais, pois se debruçaram sobre um conjunto de cânones que proporcionava ao estudante a apropriação de técnicas, preceitos e habilidades comunicativas.

Importante tentativa de explicar o nascimento da retórica em solo grego é feita por L. Bredif:

"Desde el origen, la elocuencia floreció en Grecia sin esfuerzos ni estudio, como en su terreno más apropiado. Sua espontaneidad fué el fruto de las cualidades nativas de la raza helénica; las costumbres y las instituciones la sostuvieron y llevaron a su plena madurez. Sensibilidad, viveza de imaginación, ligereza y delicadeza de los órganos, simpatía comunicativa, nada faltó a los helenos para encontrar, sin rebuscamientos, el talento de la palabra. El griego nació orador, y el medio social en que vivió, le obligó a serlo con fuerza convincente y persuasiva" (BREDIT, L. Demostenes y la Elocuencia Política en Grecia. Buenos Aires - Argentina: El Ateneo, 1943, p. 13).

O que podemos notar é que apesar de a retórica, entendida como comunicação persuasiva, ser natural ao ser humano, porque portador do dom da palavra, e, portanto, estar presente em todas as civilizações, o estudo, a sistematização, a transformação desta capacidade num método de aperfeiçoamento desta capacidade é obra do gênio grego.

Em sua *Retórica*, Aristóteles já deixava explícita esta questão:

A Retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular.

De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender ou acusar.

Simplesmente, na sua maioria, umas pessoas fazem-no ao acaso, e, outras, mediante prática que resulta do hábito. E, porque os dois modos são possíveis, é óbvio que seria também possível fazer a mesma coisa seguindo um método. Pois é possível estudar a razão pela qual tanto são bem-sucedidos os que agem por hábito como os que agem espontaneamente, e todos facilmente concordarão que tal estudo é tarefa de uma arte (2012, p. 6-7).

Esclarecido este tópico preliminar, passamos agora a ver como se deu a origem da retórica na Grécia enquanto ideal de formação e de apropriação de um saber importante na formação da educação humana, começando por Homero, o princípio da cultura grega.

3.2.1 O educador de toda a Grécia: o primeiro ideal de paideia retórica

Duas frases de dois importantes estudiosos da paideia clássica nos esclarece sobre a importância retórica e pedagógica de Homero. "É realmente de Homero que devemos partir, ele é o início da cultura grega. *Íliada* e *Odisseia* eram livros de cabeceira de todo grego cultivado. Homero é base e o centro de todos os estudos gregos. Pedra fundamental de toda a tradição pedagógica clássica; sua influência é

quase totalitária" (MARROU, Henri-Irenée. História da Educação na Antiguidade, 2017, p. 33)).

Werner Jaeger, em *Paideia: A Formação do Homem Grego* diz que "em Homero se revelam todas as forças e tendências características que se manifestam posteriormente no povo grego. A epopeia grega já contém o germe da Filosofia, da História, da Retórica e de toda a formação superior da Grécia" (2013, p. 80).

Os poetas foram os precursores da retórica. Nos poemas homéricos encontra-se presente, segundo Cícero, o mais antigo ideal de uma educação retórica. "Assim, em Homero, se diz que Fênix foi dado por Peleu, o pai de Aquiles, como companheiro de guerra, para torná-lo hábil na palavra e autor de façanhas" (*Do Orador*, III, 15, 57).

Quintiliano, em sua *Institutio*, também identifica em Homero os primórdios do ideal retórico:

"Além disso, não tentamos investigar quando se iniciou a sistematização desta arte, embora encontremos em Homero Fênix, o preceptor tanto de conduta como também da palavra, muitos oradores, além de todo tipo de discurso dos três comandantes e ainda os propostos certames de eloquência entre os jovens, a ainda, melhor, nas gravações do escudo de Aquiles veem-se debates e advogados (Livro I, 2015, p. 353)

Homero viveu no século VIII a.C., provavelmente nascido na ilha de Quios. "Quando um desses estrangeiros que muito sofreram vier pergunta-vos: 'Jovens, qual é para vós, dentre os poetas daqui, o autor dos cantos mais doces e aquele que mais vos agrada?', então todas – sim, todas – deveis responder: 'É um homem cego que mora na inclemente Quios. Todos os seus cantos serão para sempre os melhores'" (*Hinos Homéricos*, 2010, 144).

Existem quatro significados etimológicos para a palavra Homero: 1. refém; 2. cego; 3. aquele que agrega; 4. companheiro. Isócrates diz, em *Elogio a Helena*, que a guerra de Troia criou nos gregos a consciência de uma identidade, a unidade de uma raça, ao se aliançarem para resgatar Helena. A própria palavra grego vem de agregar, unir, colocar juntos. Homero agregou e deu unidade a um conjunto de cantos da tradição oral que deu origem a *Ilíada* e a *Odisseia*. Foi em torno desses dois poemas que a civilização foi moldada, educada, agregada, construída. Segundo a lenda, Homero era filho de Calíope, musa da eloquência; também agregou em si as mais belas artes que ilustraram o espírito grego: a música, a poesia e a oratória.

Ilíada e *Odisseia* são os mais antigos poemas da tradição ocidental, cuja autoria é atribuída ao poeta Homero, grande influência exerceu na formação moral, intelectual, política e literária do povo grego. A *Ilíada* narra a famosa Guerra de Troia, que durou dez anos, culminando com a vitória dos gregos sobre os troianos, e que teria ocorrido por volta do século XII a.C. Seu principal protagonista é Aquiles, que segundo a narrativa teve como professor Fênix, que o ensinou a arte da guerra e a arte da palavra.

A *Odisseia* narra as aventuras do guerreiro Odisseu, após o término da guerra de Troia, e seu retorno para Ítaca, ilha grega, sua terra natal. Aparece sempre nos dois poemas como um homem de grande inteligência, argúcia, *métis*, e capacidade argumentativa. Foi inclusive o autor da ideia da construção do Cavalo de Troia, estratagema usado para que os gregos ingressassem nos inexpugnáveis portões de Troia, e assim conquistassem a cidade.

A *Ilíada* canta a ira de Aquiles. A *Odisseia*, o retorno de Ulisses a Ítaca. Li a *Ilíada* e a *Odisseia* integralmente em voz alta; são mais de 27 mil versos. Nos Tempos antigos declamava-se a *Ilíada* em 4 dias; a *Odisseia*, em 3 dias. Foram feitos para encantar o público. Ler poemas em voz alta é um dos exercícios retóricos mais preciosos para adquirirmos fluência, boa dicção, boa ortoépia e boa prosódia. A *Ilíada* e a *Odisseia* foram gestadas na tradição oral ao longo do tempo, sendo feitas para serem declamadas diante de um auditório, ao som da lira.

Alguns epítetos, usados por Homero, de grande força retórica, dão beleza à obra: "Troianas de fartos seios"; "Páris de beleza divina"; "Guerra de muitas lágrimas"; "Helena igual às deusas"; "Ulisses de mil estratagemas"; "Atenas de olhos de coruja"; "Zeus detentor da égide"; "Agamêmnon soberano dos homens"; "Aquiles o melhor dos aqueus"; "Hera rainha de olhos de plácida toura"; "Nestor de doces palavras"; "Teseu semelhante aos imortais"; "Aurora de dedos róseos"; "Mar cor de vinho"; "Aqueus de longos cabelos"; "Arauto de voz penetrante"; "Íris mensageira dos deuses"; "Troia de amplas ruas"; "Heitor de elmo faiscante"; "Troianos domadores de cavalos"; "Ares que não se sacia de guerra".

As crianças atenienses aprendiam a ler e a escrever e a tocar cítara e a falar bem recitando os versos de Homero. Nicérato, no século V a.C. sabia a *Ilíada* e a *Odisseia* de cor, e dizia retirar desses dois épicos, todos os conhecimentos de que necessitava. Os poemas serviam de manual para quase tudo na vida: ética, arte de

viver, falar bem, escrever bem, conduzir povos, estratégias de guerra, animar banquetes, modelo de heroísmo, etc. Era a bíblia grega (CARLIER, 2008, p. 12).

Não cabe aqui examinar se Homero existiu ou não, se era apenas uma pessoa, ou várias pessoas com esse nome. Segundo a tradição, um poeta com esse nome viveu no século VIII a.C., na Grécia. Seus poemas, que seriam um conjunto de outros poemas recolhidos da tradição oral, ganharam forma escrita ainda no século VIII, e a partir dele o grego aprendia a ler, a escrever, a recitar e a extrair regras de bem viver. Portanto, esses poemas inspiraram em grande parte a formação intelectual do povo grego, tanto na filosofia, como no teatro, na retórica, na mitologia, na política, na pedagogia, nas artes, etc. Já no mundo antigo Homero era conhecido, segundo Platão, como o educador de toda a Hélade (JAEGER, 2011, p. 62).

Uma passagem da *Odisseia* (Canto VIII, 170) bem ilustra o valor que era dado ao homem eloquente, capaz de falar com poder persuasivo diante das assembleias: "Nem a todos os homens os deuses coroaram com o dom da eloquência. A uns os deuses deram beleza às suas palavras, de forma que os outros o contemplam com prazer, porque fala com autoridade, agradabilidade e prudência; e assim é preeminente entre o povo reunido, e na cidade todos o fitam como se fosse um deus".

Fazendo um estudo introdutório do livro *Retórica* de Aristóteles, diz Manuel Alexandre Júnior, professor catedrático do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa:

Desde Homero a Grécia é eloquente e se ocupa com a arte de bem falar. Tanto a *Ilíada* como a *Odisseia* estão repletas de conselhos, assembleias, discursos, pois falar bem era tão importante para o herói, para o rei, como combater bem. Quintiliano admira sem reservas essa eloquência da Grécia heroica, reconhecendo nela a própria perfeição da oratória já a desabrochar. É a oratória antes da retórica, uma retórica *avant la lettre* bem anterior à sua configuração como ciência do discurso oratório (2012, p. XIV-XV).

Existem mais de quarenta episódios de reuniões, conselhos, assembleias dos anciãos nos poemas homéricos – germe da democracia. Mais de 40% da *Ilíada* são discursos, são 666 falas. É realmente uma retórica antes da retórica. Aristóteles cita Homero 37 vezes em sua *Retórica*, 28 vezes Isócrates, 18 vezes Eurípedes. Protágoras diz que arte sofística é muito antiga (educar homens), e cita primeiramente Homero como sofista. A *Ilíada* é um livro marcado por grandes discursos, agitadas assembleias, debates primorosos, diálogos persuasivos. A

retórica já está presente em Homero, como semente viril, por isso os sofistas o tinham em alta conta (Ex: Górgias e Isócrates e seus elogios de Helena), fonte de inspiração de lapidares peças retóricas.

Marco Túlio Cícero dizia que o primeiro ideal de uma educação retórica está contido na *Ilíada*. O ensino da retórica era administrado a Aquiles pelo seu preceptor Fênix, que diz ao seu pupilo: "Teu pai Peleu entregou-te a mim, quando tu, ainda menino, nada sabias sobre guerras e discursos, que enaltecem os homens, para que eu te ensinasse tudo, como a ser orador eficaz e realizador de grandes feitos" (Canto IX, 440).

Odisseu aparece como orador primoroso. Odisseu é o herói grego multiversátil por excelência: é rei, é guerreiro, é orador, é pensador. É o querido de Palas Atena, sua deusa tutelar, nascida do cérebro de Zeus. Odisseu tem *métis*, ou seja, tem astúcia, habilidade, mil ardis, inventividade, inteligência, previsibilidade (*petteia*), visão, prudência, cálculo; sua mente é brilhante, capaz de encontrar solução para todos os problemas.

Segundo Alexandre Santos de Moraes, Odisseu foi frequentemente representado como um habilidoso orador; sua oratória faz com que seja constantemente convocado a fazer uso da palavra, em assembleias ou em situações em que são exigidas ponderação e sensatez; Odisseu é o herói responsável, capaz de observar os fatos com calma e distanciamento, é meticuloso e sereno nas situações desesperadoras, com grande poder de adaptação a qualquer contexto. Na *Odisseia*, o rei Alcino assim diz a Ulisses: "És um orador eloquente"; e Palas Atenas, sobre Odisseu diz: "Homem como ele é raro, tanto na capacidade discursiva quanto na realização de feitos". A eloquência no mundo homérico, segundo Jacqueline de Romilly, era vista como resultado de uma educação aristocrática, expressão de sua nobreza (MORAES, Alexandre Santos de. *O Ofício de Homero*).

Homero é o nosso primeiro mestre de retórica. Homero foi sem dúvida um ser extraordinário; foi o pai da civilização grega, "o educador de toda Hélade". *Ilíada* e *Odisseia* são as obras-primas fundantes da literatura ocidental. Disse Sócrates, no *Fedro*, que Nestor, Ulisses e Palamedes, heróis da guerra de Troia, homens eloquentíssimos, em momentos de ócio, escreveram tratados de retórica; se isso não é verdade, é muito verossímil. No diálogo *Íon* Sócrates refere-se a Homero como "o mais excelente e divino dos poetas".

Uma virtude louvada e um vício condenável por Homero na oratória iliádica e odisseica: louvada: falar com adequação; condenável: “que palavras fostes proferir que passaram além das barreiras de teus dentes?” Outro grande orador que aparece na *Ilíada* é Nestor, o homem sábio, a *sofrosine* encarnada, “o límpido orador de Pilos”.

Falar, pois da história do nascimento da retórica, sem antes passar por Homero, é falar da semente e da árvore, sem antes falar do solo fértil que a fez germinar.

O que os gregos sentiam ao ler a *Ilíada*? Os valores homéricos: um sentimento de unidade patriótica, de pan-helenidade, de grecidade, de nobreza; sensação de vitória, de sucesso, de valor, de honra, de erudição, de orgulho civilizacional; sensação de uma raça destinada ao comando e à glória: na guerra, no saber, nas artes, na cultura, na percepção do belo e na busca da excelência imortalizante.

Alexandre, o Grande, fez da *Ilíada* o seu grande livro inspiracional. Dormia com ela debaixo de seu travesseiro, e a guardava num cofre recoberto de ouro, imaginando-se Aquiles, ou vendo-se mentalmente a elevar o moral das tropas, atiçando o espírito das hostes: "eu sou um grego, e um grego não se deixar dominar por um bárbaro". "Homero ensina ao mesmo tempo que encanta: os gregos tinham razão para atribuírem ao poeta o lugar central na sua cultura, e nós devemos mantê-lo no cerne da nossa" (CARLIER, 2008).

São épicos, para usar uma expressão da própria *Ilíada*, que "são para sempre". Ao longo de quase três milênios, filósofos, poetas, pintores, oradores, historiadores, escultores, políticos, arqueólogos, gramáticos, músicos, escritores, continuam citando a *Ilíada* e a *Odisseia*, continuam inspirando suas obras em seus heróis, em suas falas, em seus feitos.

"Todo aquele que ama os livros embarca um dia na leitura de Homero" (Pierre Vidal-Naquet, em *O Mundo de Homero*). O orador que pretende chegar à excelência na sua arte precisa estar imerso e nutrir-se de cultura clássica, de poesia, de música; precisa venerar as artes das Musas. Como diz Homero "são as Musas que inspiram aos homens palavras doces e persuasivas, sendo afortunados aqueles a quem elas amam".

Um homem ensinou todo um povo a cultuar o belo, a eloquência, a coragem, o canto, a poesia, a arte, a boa reflexão, a vida civilizada; um homem ensinou todo

um povo a cultivar a nobreza do espírito, a aristocracia da alma; um homem acreditou que os homens poderiam ser deuses! Homero sonhou o sonho do anseio da alma. O grande orador, o orador excelente, o orador diferenciado, estuda Homero. Com diz Snodgrass, em *Homero e os Artistas*, “citar Homero era um meio hábil de dar força a um argumento, conhecer Homero era condição suficiente para habilitar-se ao exercício da liderança”.

“Os mais antigos monumentos da eloquência grega, *Ilíada* e *Odisseia*. Homero não é só o pai dos poetas, é também o príncipe dos oradores. É a fonte na qual beberam todos quantos aspiravam à imortalidade pelo talento da palavra ou pela sublimidade do estilo” (SENGER, Jules. *A Arte Oratória*).

Depois de Homero, passando por Hesíodo, com suas obras *Cosmogonia* e *O Trabalho e os Dias*, e antes de chegarmos à primeira codificação retórica da história, com Córax e Tísias, temos ainda que lembrar os eloquentes poetas líricos do século VII e VI a.C. (Álcman de Esparta, Alceu de Lesbos, Safo de Lesbos, Estesícoro de Himera, Íbico de Régio, Anacreonte de Teos, Simônides de Ceos, Baquírides de Ceos e Píndaro de Tebas), os Sete Sábios da Grécia (Tales de Mileto, Sólon de Atenas, Cleóbulo Líndio, Quílon de Esparta, Pítaco de Lesbos, Bias de Priene e Periandro de Corinto), e os filósofos pré-socráticos (Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Heráclito de Éfeso, Xenófanes, Parmênides, Zenão de Eleia, Melisso de Samos, Empédocles, Anaxágoras de Clazômena, Demócrito de Abdera, dentre outros) e os poetas trágicos (Esquilo, Sófocles e Eurípides), isso porque toda a Grécia respira o ar da eloquência não só nos tribunais e nas assembleias políticas, mas também na poesia, no teatro e na filosofia. Lembramos aqui o que disse Nietzsche: “A eloquência foi cultivada entre os gregos com um labor e uma constância para a qual eles não tiveram equivalente em nenhum outro domínio; é no poder-discursar que se encontra a essência da helenidade, o próprio destino do espírito grego”.

3.2.2 Córax e Tísias: o primeiro tratado de retórica do mundo e o ensino da retórica

Seguindo seu percurso histórico, o marco principal e oficial do nascimento da retórica enquanto técnica estudada, enquanto habilidade comunicativa capaz de ser desenvolvida pelo ensino, enquanto objeto de estudo, enquanto método para bem

falar, acontece na cidade de Siracusa, na Sicília, então Magna Grécia, com Córax e o seu discípulo Tísias, que escreveram, por volta do ano de 465 a.C., o primeiro tratado de retórica da história, obra que não chegou até nós, mas que já trazia o conceito de retórica “como obreira da persuasão”, a argumentação baseada na verossimilhança (*eikós*) e os elementos centrais para a organização de um discurso com vista à persuasão (prêmio, exposição, argumentação e peroração). Referida obra, embora não tendo chegado materialmente até nós, influenciou teoricamente toda a tradição retórica da antiguidade aos dias de hoje. Os sofistas que a leram, e também Sócrates, Platão, Aristóteles, reverberaram suas principais ideias em seus escritos, principalmente a ideia-mestra da retórica: o verossímil, o *eikós*.

Córax foi discípulo do filósofo pitagórico o pré-socrático Empédocles, de quem teria aprendido a arte da palavra, e, segundo alguns dizem, este teria ensinado a arte retórica também a Tísias, sendo portanto, chamado por Aristóteles de “pai da retórica”; mas em relação a isso, segundo Plebe, poucos dados temos para afirmar com mais detalhes, enquanto que partindo de Córax e Tísias como fundadores da retórica e precursores da teoria retórica não se pode negar (PLEBE, 1978, p. 1).

Esse marco inaugural é falado tanto por Platão, no diálogo *Fedro* (2012), quanto por Aristóteles em sua *Retórica*, por Marco Túlio Cícero, *no Brutus*, e também por Quintiliano, na *Intitutio*. Citaremos o que diz Cícero, por resumir de forma mais completa o que os autores acima citados falam:

“Quando diz Aristóteles, a tirania foi destruída na Sicília e as questões entre particulares, após intervalo, foram novamente submetidas aos tribunais, pela primeira vez, nesse povo de espírito penetrante, e naturalmente inclinado à discussão, viram-se os sicilianos Córax e seu discípulo dar método e regras. Antes, ninguém seguia uma rota traçada, nem se submetida a uma teoria, e entretanto, a maioria se exprimia com cuidado e ordem”.

Esta citação de Cícero é muito fecunda em relação a tudo o que já vem sendo dito. O povo da Sicília, mesmo antes de descobrir a retórica, falava com “cuidado e ordem”, pois era um povo inteligente e muito dado ao debate, inclinado à discussão, e isso nos remete a Bredt quando diz que “el griego nació orador”. Outro aspecto importante a lembrar é que o homem, de alguma forma, mesmo assistematicamente, mas naturalmente, exerce no seu dia a dia a retórica.

Outro importante aspecto a considerar no que diz Cícero é a respeito do contexto político em que nasceu a retórica. Só após a queda de uma tirania, e com o restabelecimento de uma democracia, a retórica encontrou seu solo fértil para

nascer; a retórica é, nesse sentido, filha de um ambiente de liberdade, de direito e de democracia. Na tirania, com a cassação da palavra imposta aos elementos plurais da sociedade, não pode a arte da palavra alcançar grande desenvolvimento.

Para um esclarecimento melhor deste momento do surgimento da retórica trazemos um texto de Reboul:

A retórica não nasceu em Atenas, mas na Sicília grega por volta de 465 a.C., após a expulsão dos tiranos. E sua origem não é literária, mas judiciária. Os cidadãos despojados pelos tiranos reclamaram seus bens, e a guerra civil seguiram-se inúmeros conflitos judiciais. Num época em que não existiam advogados, era preciso dar aos litigantes um meio de defender sua causa. Certo Córax, discípulo do filósofo grego Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias, publicaram então uma "arte oratória" (*tekhné rhetoriké*), coletânea de preceitos práticas que continha exemplos para usos das pessoas que recorressem à justiça. Ademais, Córax dá a primeira definição da retórica: ela é a criadora de persuasão (REBOUL, 2004, p.1).

Muito embora diga Reboul que a origem da retórica é judiciária, pois foi sistematizada tendo em vista ensinar os demandantes junto aos tribunais a pleitear seus direitos espoliados por tiranos, não podemos deixar de perceber o forte elemento pedagógico contido neste ensino: transmitir um conhecimento útil ao exercício da cidadania para tornar o aprendiz da arte da palavra mais capaz de reivindicar e fazer valer os seus direitos por meio da palavra clara e bem articulada.

Uma das mais relevantes construções teóricas da retórica, nos veio de Córax e Tísias. Uma marca distintiva da arte retórica, e inerente a ela, é a argumentação baseada na verossimilhança (*eikós*), também chamada de probabilidade. Aristóteles dizia em sua *Retórica* (1402a) que "é deste tópico que se compõe a Arte de Córax", ou seja, seu manual da arte de persuasão, o primeiro escrito na história, por volta do ano de 465 a.C., em Siracusa, e que já definia a arte retórica como "a artífice da persuasão", ou "obreira da persuasão", ou "demiúrga da persuasão", ou "senhora da persuasão", nas diversas traduções do grego.

Ficou famoso o chamado "argumento de Córax", bem sintetizado por Antífonte (480 a.C. - 411 a.C.), sofista grego, em suas *Tetralogias*: "Se o ódio que eu nutria pela vítima tornar verossímeis as suspeitas atuais, não seria ainda mais verossímil que, prevendo essas suspeitas antes do crime, eu tenha me absterido de cometê-lo?"

Nenhuma palavra é mais citada por Antífonte em seus discursos de acusação e defesa do que a palavra verossímil, (verossimilhança, provável, probabilidade e expressões correlatas).

O eikós, que veremos no ponto 4.1.1 com mais detalhe, é o fundamento filosófico da retórica, pois onde a verdade não se revela absoluta a todos os homens, é na busca do verossímil, do provável, do crível, do aceitável, do preferível, que o retor constrói seus fortes alicerces para edificar seu trabalho de persuasão. É nesse sentido que Córax e Tísias, ao consagrarem a retórica como a busca do verossímil, marcaram definitivamente o campo de atuação da arte de persuadir.

Da Sicília, a arte retórica foi levada para Atenas, onde alcançou seu máximo esplendor, na figura de Péricles e de seus amigos, os sofistas.

3.2.3 Péricles de Atenas: sumo orador, estadista e mecenas dos intelectuais

Péricles nasceu em 495 a.C., em Atenas. Era filho de Xantipo e Agarista. Da família dos alcmeônidas. Heródoto, (*Histórias* VI, 131), sobre seu nascimento, diz que sua mãe sonhou dias antes de Péricles nascer que dava à luz a um leão. Seu nome Péricles significa “cercado de glória”. Era de família rica e culta. Desde cedo já revelava o brilho intelectual misturado a muita turbulência e contestação.

Era menino quando a Grécia travou e sagrou-se vitoriosa nas guerras médicas. O pai foi um dos heróis combatentes. Péricles admirava Temístocles, herói da batalha de Salamina. Foi educado pelo filósofo Anaxágoras de Clazômenas; recebeu deste uma educação retórica, racional, especulativa, científica, agnóstica, mentalista (*noús*).

Aos 23 anos se torna bem conhecido do povo por financiar a apresentação teatral da peça *Os Persas*, de Esquilo, vencedora do concurso das festas Dionísias de 472 a.C.

Do primeiro casamento nasceram dois filhos: Xantipo e Páralo. Com Aspásia de Mileto, grande amor de sua vida, a mulher mais bela e inteligente da Grécia, professora de retórica de Sócrates, admirada por estadistas e filósofos, teve um filho, também de nome Péricles.

Por mais de trinta anos foi o líder superior de Atenas no cargo de estrategista, sempre reeleito pelo povo. Morreu aos 66 anos, em 429 a.C., vitimado pela peste que assolou Atenas e dizimou grande parte de sua população, inclusive dois de seus filhos e uma irmã sua. Teve como médico Hipócrates, o pai da medicina científica.

Traçaremos brevemente o perfil de Péricles como estadista. “O general é o baluarte do estado. Se o baluarte for completo em todos os pontos, o Estado será

forte; se o baluarte for deficiente, o estado será fraco”, diz Sun Tzu em sua *Arte da Guerra*. Essa frase bem resume Péricles e a Atenas de seu tempo. Sob sua estratégia Atenas tornou-se um grande império bélico e cultural. O império bélico um dia ruiu, mas o império cultural influenciou o mundo para sempre. Como dizia Tucídides, num dos maiores tributos prestados um dia há algum estadista, em *História da Guerra do Peloponeso* (Livro II, Capítulo VII, 65, 9): “O que era nominalmente uma democracia, havia se tornado, nas suas mãos, o governo do primeiro cidadão”. O primeiro cidadão em talento político, em retórica, em cultura, em virtude, em amor à Atenas. Não numa tirania, mas numa democracia; não num poder herdado de alguma monarquia, mas num poder adquirido pelo voto popular.

Péricles era um homem de grande beleza física, o que contribuiu com a sua popularidade (a beleza era cultuada na Grécia). No *Banquete*, de Platão, Péricles é comparado a Nestor, o mais sábio conselheiro grego na Guerra de Troia. Era amante do saber, apreciador das artes, protetor dos intelectuais, o grande catalisador da concentração das mentes mais brilhantes do mundo na cidade de Atenas, segundo Jacqueline de Romilly (*Os Grandes Sofistas da Atenas de Péricles*).

A *entourage* de Péricles era composta de Fídias, Sófocles, Aspásia, Heródoto, Zenão de Eleia, Damon, Protágoras. Caracteres pessoais segundo Plutarco, (*Vida de Péricles*): austero, sóbrio, rosto sereno, que não se abria ao sorriso, vestia-se com modéstia, andar calmo, voz imperturbável, emoções sob domínio, majestade no poste, palavras elevadas, sem vulgaridade, pouco afeito às festas e ao convívio público, aristocrata do espírito.

Sucintamente falaremos agora da oratória de Péricles. A oratória só tem grande relevância num ambiente democrático. Oradores não tem importância nas tiranias. Nas democracias são essenciais. Nas assembleias e nos tribunais era preciso falar bem. Todos os homens influentes em Atenas eram oradores. Pouco saberíamos do direito grego se esses oradores não tivessem deixado seus discursos escritos. Atenas era uma “república dos advogados” (Claude Mossé, *Péricles*). Devido ao seu talento de orador Péricles foi chamado de Olímpico - também devido aos grandes monumentos que construiu em Atenas (Pártenon e outros), e também devido a sua grande autoridade de líder político. Sua voz tronitruava como um trovão, era ágil e brilhante como um relâmpago, lembrando Zeus, senhor do Olimpo.

O talento natural de Péricles para a palavra e a instrução de Anaxágoras, segundo Sócrates, fizeram dele o maior orador da Grécia. Recebeu também instrução de Zenão de Eleia, criador da dialética, discípulo de Parmênides, que o ensinou as sutilezas da argumentação. Também foi influenciado pelo sofista Protágoras, teórico da democracia que ensinava a arte retórica e a arte política. A retórica foi a principal arma de Péricles. Sua voz era muito agradável. Preservava sua imagem evitando aparecer muito em público. Afinava o seu discurso como alguém que afina seu instrumento musical. Seu discurso era colorido e variado. Expressava pensamentos elevados. Era dono de uma profunda cultura filosófica. Homem lógico e racional.

Sabia também tocar as cordas das emoções dos ouvintes, era conhecedor de si e da alma ateniense. Homem de grande prudência ao falar, sempre que se dirigia à tribuna pedia aos deuses inspiração para que não falasse nada de inadequado. São famosos os seus três discursos proferidos durante a Guerra do Peloponeso. A célebre *Oração Fúnebre* é uma peça lapidar da eloquência universal. Conduzia o povo pela persuasão, sabia agitá-lo e acalmá-lo.

Sua retórica era acompanhada pela reputação de homem íntegro e incorruptível. Excedeu muito reis e tiranos em poder, não devido ao poder decorrente de força bruta, mas de sua genial liderança. Homem sensível ao kairós retórico, de grande faro político. Exerceu todos os três gêneros da retórica: político (discursos na assembleia), judiciário (defesa de Aspásia) e epidíctico (*Oração Fúnebre*). “Péricles possuía a habilidade retórica em grau máximo” (Mário Attilio Levi, Péricles, p. 285). “Era o maior na retórica e na ação” (Tucídides, I, CXXXIX, 4).

Sobre sua competência administrativa, atesta Aristóteles, em *Constituição de Atenas*: “Enquanto Péricles governou Atenas o estado foi administrado com excelência. Com sua morte, ocorreu uma grande mudança para pior”. A moderação política no exercício do poder foi bem destacada por Tucídides que diz “que durante o tempo que Péricles esteve à frente da cidade a dirigiu com moderação e soube zelar por ela de maneira segura; foi em sua época que ela foi maior”, exerceu o poder com reservas, sem abuso, sem intolerância, sem perseguição. Antes de morrer, Péricles, ao ouvir as pessoas louvando seus feitos, ainda teve tempo de dizer: “Meu maior feito é que nenhum ateniense se vestiu de luto por culpa minha”.

Durante seu governo Péricles promoveu o estado democrático de direito e de bem-estar social, o que ficou conhecido como o socialismo de estado de Péricles.

Compartilhou com o povo a riqueza de Atenas, ampliou seus direitos, instituiu as mistoforias, salários pagos para que os cidadãos pudessem ter tempo para exercerem as magistraturas e os cargos políticos em Atenas; abriu os teatros, os eventos culturais para a participação do povo, empregou o povo nas grandes construções atenienses: pintores, escultores, talhadores de pedras, arquitetos, o povo tinha trabalho, lazer e oportunidades. “Os líderes progressistas são os melhores”, dizia Péricles (Perry Scott King, *Péricles*, p. 28).

O iluminismo e humanismo cultural de Péricles garantiu a liberdade de criação artística, intelectual, cultural, científica e promoveu os saberes e protegeu os pensadores. Era mecenas do conhecimento. A história, a filosofia, a retórica, a medicina, a arquitetura, a pintura, alcançaram os mais altos cumes da glória. Péricles era o cérebro da Grécia. Atenas se tornou a grande escola da Grécia, a grande escola do mundo. Seu exemplo pessoal era um ponto de grande atração: homem estudioso, metódico, justo, liberal, progressista, incorruptível, amigo, íntegro, senhor de si mesmo, desapegado das riquezas, sempre pronto ao diálogo e à reconciliação com seus inimigos, avesso à demagogia e ao populismo, vivia sem ostentar e sem esbanjar.

Sofreu as piores calúnias e impropérios de seus adversários sem nunca ter recorrido à violência contra eles, suportava-as com calma e ânimo forte. Ao deixar o poder, devido à morte que lhe abateu, o seu patrimônio era o mesmo antes de ter alcançado o poder três décadas antes. Foi luz-guia de uma civilização. O supremo estadista.

Ao ser amigo dos sofistas, Péricles deu a eles todo apoio. Vejamos agora quem foram eles, e a contribuição que deram ao pensamento pedagógico, filosófico e retórico.

3.2.4 Os sofistas: os primeiros pedagogos

Foi só em Atenas, logo em seguida ao seu nascimento na Magna Grécia, que a arte do discurso alcançou seu apogeu. Devido as fortes relações comerciais e políticas entre Atenas e a Sicília, praticamente ao mesmo tempo, a retórica chegou à principal pólis do mundo grego. E aí chegou pelas mãos dos sofistas, extraordinários professores e teóricos não só da retórica, mas da filosofia, da educação e da literatura.

O conceito de sofista está ligado a arte de fazer, de pensar e de falar com sabedoria. Segundo Protágoras, a sofística é algo muito antigo, sendo sofistas Homero, Hesíodo e Simônides. Os sofistas antigos viveram nos séculos V e IV a.C., e se concentraram principalmente na cidade de Atenas, vindo de todas as partes do mundo grego. Costuma-se dividir o movimento sofístico original em três fases: fase dos grandes mestres (Protágoras, Górgias, Pródico, Antifonte, Hípias, Tasímaco), os Eristas (Eutidemo e Dionisodoro, etc) e os Sofistas Políticos (Crítias, Alcebíades, etc.). Eram em torno de vinte e seis sofistas, mas apenas uns dez ganharam muita fama.

Podemos dizer que faziam parte de uma escola de pensamento, que embora não homogênea, refletiam um espírito comum. Floresceram na Era Dourada da Atenas Clássica (cultura, rica e bela) sob o patrocínio e apoio, como já dito, de Péricles (aluno de Protágoras e, provavelmente de Górgias). Eram poetas, escritores, embaixadores, professores, advogados, filósofos, polímatas, eruditos, que exerceram grande influência na época entre os jovens. Tinham o apoio do homem mais rico da Grécia, Cálidas.

Também existiu uma outra sofística, intitulada *Segunda Sofística*, termo cunhado por Filóstrato, foi um renascimento da sofística nos séculos II e III d.C., na época imperial romana. Em seu livro, *Vida dos Sofistas*, Filóstrato estuda a vida de 59 sofistas. Filóstrato definia o sofista como aquele que tinha superioridade na linguagem e na fluidez da exposição.

Vejam rapidamente a vida e a obra dos principais sofistas. Protágoras de Abdera, o mais antigo; existe um diálogo homônimo de Platão. Ensina a arte da areté (como administrar sua vida pessoal, a vida doméstica e as coisas do estado falando e agindo com excelência. Cunhou a famosa frase: “O homem é a medida de todas as coisas”. Não era uma suposta verdade absoluta que buscava, mas o mais útil, o mais plausível, o mais apropriado, o mais verossímil. Teve livros queimados devido ao seu agnosticismo. Obras de sua autoria: *Discursos Demolidores*, *As Antilogias*, *Sobre os deuses*.

Górgias de Leontinos, era o mais erudito dos gregos e o mais longo deles, viveu 109 anos, sem seu corpo sofrer a deterioração da velhice e sem sua mente perder a lucidez. Levava uma vida regrada. Era celibatário. ensinava a arte retórica; há um diálogo de Platão homônimo. A oratória, segundo ele, é demiúrga, é soberana. Dizia ser “missão dos justos ajustar aquilo que os injustos desajustaram”.

É considerado o Pai da Retórica, pela fundamentação teórica que deu a ela. Gorgianizar era sinônimo de falar bem com uma linguagem figurada apurada. Dava grande valor às figuras de linguagem.

Pródico de Céos, aluno de Protágoras e professor de Sócrates, ensinava a arte da sinonímia, a precisão dos termos, as muitas nuances do dizer; seus ensinamentos estavam ligados a um forte componente ético utilitário, a exemplo de seu mito “Hércules na Encruzilhada”.

Antifonte de Ramnunte, sua grande obra são as *Tetralogias*. Praticava a logoterapia, a cura pelas palavras. Dizia ser a mente a origem de tudo. Foi precursor dos psicólogos; interpretava sonhos. “Não há nada pior para os homens do que a falta de direção na vida”, dizia.

Hípias de Elis era polímata, fazia suas próprias roupas, valorizava muito o estudo da memória; existem dois diálogos de Platão com o seu nome.

Trasímaco da Calcedônia, aparece no diálogo Platônico defendendo “a justiça como o direito do mais forte”. Foi aluno de Tísias.

Os sofistas eristas abusaram da retórica, eram meros disputadores, vencer o debate era o que os interessava, por meios lícitos ou não. Górgias dizia que o mestre não podia ser responsabilizado pelo mau uso que o aluno faz daquilo que aprende.

Os sofistas políticos eram homens ambiciosos, voltados para a sede de poder, a exemplo de Alcebíades e Crítias (este último é que no diálogo *Timeu* e *Crítias ou da Atlântida*, traz a história da grande civilização perdida).

Outros sofistas, como Alcidas e Licófron, são precursores dos direitos humanos, da ideia do contrato social. Temos ainda dois textos famosos ligados à sofística: os *Dissoi Logoi*, e o *Anônimo de Jâmblico*. O método dos sofistas, segundo Jaqueline de Romilly, era o da *tabula rasa*: apagavam tudo o que tinha na mente de seus ouvintes, e do zero reescreviam sua própria visão. Eram espíritos profundos conectados ao espírito do tempo (JAEGER). Eram tidos como subversivos. A educação, segundo os sofistas dependia de uma trindade pedagógica: dom, ensino e exercício. Isócrates, aluno de Górgias, herdeiro dessa tradição, criou sua Escola de Retórica, e fez dela o centro da paideia grega, tendo como disciplina fundamental a retórica, que para ele era a verdadeira filosofia.

Como já dito, os sofistas foram duramente atacados por Platão que os chamava de caçadores assalariados de jovens ricos, prostitutos do saber,

vendedores da virtude, amante das contentas, portadores de sabedoria aparente, não real (Aristóteles em *Refutações Sofísticas*), falsificadores da filosofia, charlatões, pregadores de doutrinas imorais. Sócrates e Platão nutriam respeito pelos mais antigos (Protágoras e Górgias)

Apesar das críticas, Sócrates foi morto como um sofista (o arquissofista). Assim ele aparece no livro *As Nuvens*, de Aristófanes. Giovanni Reale fala que Sócrates foi o apogeu positivo da sofística. A tríade filosófica, Sócrates, Platão e Aristóteles, viam nos sofistas o perigo do relativismo, do ceticismo, do subjetivismo, do empirismo, do pragmatismo, do democratismo. “Deus e não o homem é a medida de todas as coisas”, dizia Platão. “A realidade, e não o homem, é a medida de todas as coisas”, dizia Aristóteles.

Sem a sofística não teria existido a trindade filosófica grega. Ao longo de mais de dois mil anos foi a visão deles quanto aos sofistas que predominou, muito embora a retórica, filha dos sofistas, tenha acompanhado a filosofia ao longo dos séculos. No diálogo *Fedro* de Platão, estabelece-se uma aproximação entre retórica e filosofia. A sofística é muito mais do que os clichês platônicos. “Para ser iniciado e adentrar na ciência oculta dos sofistas é preciso conhecer a flexibilidade e a precisão das palavras”, dizia Sócrates.

Os sofistas foram considerados os primeiros iluministas e humanistas da história, e com Hegel (século XVII) a sofística inicia a sua habilitação. “Somente um homem bem formado pode ser bom em retórica” (Hegel). Não se pode deixar de examinar o que um filósofo desta estatura diz. Em sua *História da Filosofia*, fala dos sofistas como os iluministas, os homens esclarecidos (*aufklärung*) da Grécia Clássica. Defendiam a democracia, foram precursores dos direitos humanos, eram jusfilósofos, defendiam a liberdade, a igualdade e a fraternidade entre os povos. Seus ensinamentos iam de encontro à sociedade aristocrática da época, onde o sucesso dependia da hereditariedade nobiliárquica. Por meio do estudo e da preparação todo homem poderia se autorrealizar.

Outro grande filósofo, Nietzsche, deu continuação a essa habilitação dos sofistas, onde ideias como o super-homem foram buscadas na sofística antiga, em Cálicles, por exemplo, personagem do diálogo platônico *Górgias*. Nietzsche desenvolve uma feroz crítica a Sócrates que vê como responsável pela decadência do espírito heroico e trágico grego. Seus modelos são os sofistas, os

conquistadores, o homem que vai além do homem. E os sofistas espelhavam bem esse espírito da vontade de potência.

Grandes e belas obras continuam surgindo neste cenário em prol da visão sofística como as de Kerfed, Unterteiner, Guthrie, Jacqueline Romyly, Barbara Cassin, Werner Jaeger. No Brasil, de 1990 para cá, os estudos se avolumam, algumas obras relevantes vão surgindo. Como diz o professor Osório Barbosa Sobrinho, prefaciando o livro *Os Grandes Sofistas da Atenas de Péricles*, de Jaqueline de Rommily, “os sofistas é o que há de melhor na história do conhecimento”. Destacamos também o livro de Aldo Dinucci, *Górgias de Leontinos*. E também, dentre outras obras, os autores de *Poder, Persuasão e Produção da Verdade: A Ação dos Sofistas*.

Os sofistas não teriam encontrado em Atenas ambiente propício (democracia, liberdade da palavra) para disseminar o novo saber se não tivesse à frente do governo Péricles, ele mesmo sumo orador, cultor das artes, da ciência, da filosofia, das letras; amigo dos poetas, dos músicos, dos intelectuais; um grande promotor da glória intelectual ateniense, que comandou a cidade por mais de três décadas. Escreve Manuel Alexandre Júnior (20012, p. XV) que “Péricles é, pois, a figura do orador que governa pela palavra uma cidade livre, mantendo-se à cabeça da Grécia”.

Conhecemos os nomes dos dois maiores sofistas: Protágoras de Abdera e Górgias de Leontino. O primeiro morou na Sicília e lá também compartilhou do saber retórico dos sicilianos Córax e Tísias. O segundo também foi discípulo de Empédocles e amigo de Córax e Tísias. Outros importantes sofistas também exerceram forte influência na educação retórica do povo grego: Antifonte de Ramnunte, Trasímaco da Calcedônia, Hípias de Elis, Pródico de Ceos, entre outros.

Jaeger nos esclarece que a sofística é um “fenômeno ligado à história da educação”; e sobre a importância desta escola afirma que nunca podemos deixar de nos maravilhar diante da riqueza dos novos e perenes conhecimentos educativos que os sofistas trouxeram ao mundo. Foram os criadores da formação espiritual e da arte educativa que a ela conduz (JAEGER, 2013. P. 343). Segue Jaeger afirmando que os sofistas

Constituem um fenômeno do mais alto significado na história da educação. É com eles que a paideia no sentido de uma ideia e de uma teoria consciente da educação entra no mundo e recebe um fundamento racional. Podemos considerá-los um estágio da maior importância no

desenvolvimento do humanismo (...) Assim, a educação sofística encerra na sua rica multiplicidade o germe da luta pedagógica da centúria seguinte: o duelo entre filosofia e retórica (...) Os sofistas foram considerados os fundadores da pedagogia, e ainda hoje a formação intelectual trilha, em grande parte, os mesmos caminhos (JAEGER, 2013, p. 349).

Para Jaeger (2013), “ainda podemos aproveitar as intuições fundamentais da pedagogia dos sofistas” (p. 356), e “aquilo que os sofistas pretenderam e realizaram é indispensável nos nossos dias” (p. 258).

Os sofistas gozaram de grande prestígio em Atenas, ensinando os jovens a arte de argumentar e de pensar de maneira crítica as numerosas questões. Todos fizeram da arte retórica a principal disciplina intelectual de sua pedagogia. Os jovens procuravam os sofistas, e em troca da educação retórica e política, pagavam por esses ensinamentos. Ninguém poderia brilhar nos tribunais e na vida pública prescindindo da arte da palavra. Praticamente nada ficou sem ser questionado pelos sofistas: a religião, a filosofia, a educação, a política, as leis, a sociedade. Apesar da grande popularidade que os sofistas desfrutaram no chamado Século de Ouro ou Século de Péricles, inclusive com grande apoio e proteção deste, muitas reações surgiram contra eles, principalmente centradas em dois pontos: cobravam por suas lições e usavam a arte da palavra para ensinar os jovens a enganar, a manipular, sem compromisso com a verdade.

Quanto a cobrar por suas lições, ninguém hoje criticaria qualquer professor por isso, que são remunerados para ensinar, seja na rede pública seja na rede particular de ensino. Mas na época, como era algo novo, pioneiro, escandalizou a sociedade, pois para pensadores como Sócrates e Platão, não se poderia cobrar para se ensinar virtude, sabedoria, como os sofistas faziam, isso deveria ser algo gratuito e feito sem buscar compensações financeiras. Bem responde a essa questão relacionada ao pagamento que os sofistas exigiam, a prestigiada helenista francesa Jacqueline de Romilly, que diz em sua bela obra *Os Sofistas da Atenas de Péricles*:

Se um pagamento era exigido, é porque os sofistas transmitiam seus ensinamentos como profissionais. A ideia de profissão e de técnica especializada, que se percebe em seu nome e se afirma em seus programas, justificava essa atitude. E o fato é que não há um professor que não seja herdeiro dessas pretensões que tanto chocaram Platão quando foram emitidas pela primeira vez (2017, p. 51-52).

Quanto à segunda crítica, de que os sofistas não tinham compromisso com a verdade, também é algo que ao longo do tempo, apesar das críticas de Platão, não

conseguiu tirar o brilho da sofística, pois o que eles diziam é que a verdade é um conceito relativo, que não podiam absolutizar a verdade, que em vez de buscar uma suposta verdade absoluta que a todos vincularia, eles se satisfaziam com a busca do mais razoável, do mais provável, do mais verossímil, do mais plausível. Defender ideias assim era até natural que os sofistas fossem tachados de amorais, imorais, ateus, subversivos, etc. Duas conhecidas frases ditas por Protágoras bem ilustra o pensamento revolucionário dos sofistas. A primeira: “Quanto aos deuses, sou incapaz de descobrir se existem ou não, ou que forma têm; pois há muitos empecilhos para o conhecimento, a obscuridade do assunto e a brevidade da vida”. A segunda: “O homem é a medida de todas as coisas”.

Devido a essas questões, onde o juízo do homem era colocado como critério do justo, do bem, do saber; onde a liberdade de pensar e de falar era defendido como um valor inerente a condição humana, os sofistas ficaram conhecidos, desde Hegel, como os primeiros humanistas e iluministas da história.

Portanto, grande poder era atribuído à palavra na pedagogia dos sofistas. Górgias, num discurso intitulado *Elogio a Helena*, assim diz, fazendo a defesa da retórica, conforme citado por Reboul (2024, p.5): “O discurso é um tirano poderosíssimo; esse elemento material de pequenez extrema e totalmente invisível alçam à plenitude as obras divinas: porque pode pôr fim ao medo, dissipar a tristeza, estimular a alegria, aumentar a piedade”.

Para Reboul, “os sofistas foram os primeiros pedagogos, e o objetivo de sua educação não deixa de ser nobre: capacitar os homens a governar bem suas casas e suas cidades (...) Com a sofística, a retórica é rainha”.

Como dito acima, algumas reações foram levantadas contra a retórica dos sofistas, principalmente por Sócrates e Platão, e de maneira mais amena, por Isócrates e Aristóteles. Vejamos como eles pensavam a retórica.

3.2.5 A retórica da antirretórica de Sócrates segundo Platão

A crítica mais feroz contra a retórica vem de Platão. No diálogo *Górgias*, pela boca de Sócrates, a retórica é virulentamente atacada como uma arte de bajular, de enganar, de manipular. O saber verdadeiro para Platão é a filosofia, que busca o verdadeiro, o justo, a virtude. Mesmo atacando a retórica no *Górgias*, Platão dirá, depois, em outro de seus diálogos, *Fedro*, que a única oratória digna dos deuses é a

oratória fundada na filosofia, na submissão ao bem, ao justo, ao verdadeiro, e em razão disso, capaz de agradar aos deuses. Com Platão a retórica perde sua autonomia intelectual e passa a se submeter ao controle da filosofia. Vejamos como Sócrates trata e exerce a retórica em muitos diálogos de Platão.

Esse tema ainda é pouco estudado na tradição socrática. Existem raros trabalhos sobre a retórica de Sócrates, talvez devido ao fato de tanto Sócrates quanto Platão a terem combatido, se pensar erroneamente que eles não praticavam aquilo que criticavam. Já dizia Nietzsche que a gente tende a se parecer com aquilo que a gente combate muito; se Sócrates e Platão combatiam muito os sofistas, de certa forma eram também um tanto sofistas.

Falar de retórica socrática deveria ser uma evidência, mas existe essa resistência. Ora, Aristóteles diz que todos os seres humanos dela participam, pois sempre estamos querendo convencer e persuadir alguém, e era isso que visava Sócrates em seus diálogos. Sócrates é um ser humano, logo também participa da retórica, e num grau muito mais elevado do que muitos de nós, por sua sabedoria, embora ele a negue, numa falsa modéstia, de que não era um sábio. Nesse sentido, Aristóteles é bem mais honesto quanto à importância e a utilidade da retórica do que Sócrates e Platão.

Talvez muitos socráticos queiram diferenciar por demais Sócrates dos sofistas (diferença que só existia no século V na cabeça de Platão), dizendo que retórica é coisa de sofista, e não de Sócrates, como se Sócrates tivesse condições de debater retórica sem conhecer retórica. Nos diálogos de Platão encontramos um Sócrates conhecedor dos tratados de retórica, um Sócrates aprendendo retórica, ensinando retórica, sendo aluno de sofista, sendo identificado como sofista, e proferindo até um longo e belo discurso epidíctico no diálogo *Menexeno*, além de ter proferido em sua defesa um discurso forense primoroso relatado por Platão em *Apologia de Sócrates*.

Numa comédia chamada *As Nuvens*, de Aristófanes, Sócrates aparece sendo diretor e professor de uma escola de retórica, o Pensatório. Sócrates foi julgado como um sofista, era muitas vezes mais sofista do que os próprios sofistas, no dizer de Stone, em seu livro *O Julgamento de Sócrates*, ou um sofista sem contracheque como dizia o professor André Malta, professor de Literatura Grega da USP, ao examinar o debate travado entre Sócrates e Euidemo, registrado nas *Memoráveis* de Xenofonte. “Sócrates é impensável sem a sofística”, diz Giovanni

Reale, “sendo mesmo a realização verdadeira da sofística”, e isso é que vai distingui-lo dos outros sofistas: sua retórica visa à busca do verdadeiro, do justo, do bem, do belo, do universal, mesmo que seja na visão dele.

Dizer que não há uma retórica de Sócrates, mesmo que seja uma retórica da antirretórica, ou uma macrorretórica, como escreve Livio Rosseti, em *Diálogos Socráticos*, é um engessamento, um engano e um próprio atraso nos estudos do socratismo. Não quero aqui adentrar no debate sobre a chamada ‘questão socrática’, qual é o Sócrates que está falando nos diálogos de Platão, o histórico ou o porta-voz de Platão, isso demandaria outra pesquisa, mas não desconhecemos o debate e sabemos que até hoje os estudiosos não chegaram a um acordo.

Sabemos que não existe apenas o Sócrates de Platão, mas o de Xenofonte e o de Aristófanes. Como dizia Paulo Ghiraldelli, em *10 Lições de Sócrates*, “cada grande filósofo tem o seu próprio Sócrates”, Também não vou entrar aqui na discussão da data da composição dos diálogos platônicos, nem na autenticidade ou não de determinados diálogos, meu foco é abordar elementos a respeito da retórica socrática sem pretensões de esgotamento do tema.

Diz Xenofonte nas *Memoráveis*: “Sócrates incentivava seus discípulos a se tornarem hábeis no debate”; “Quanto à capacidade discursiva tinha completo controle de qualquer interlocutor que com ele discutisse”. Lívio Rossetti fala da retórica da formatação; Sócrates tinha a visão do queria formatar no outro, colocar pra funcionar. A retórica de Sócrates se desenvolve diante de um indivíduo ou de um pequeno grupo de pessoas, em forma de diálogo, é dialética por natureza, pois seu processo se dá por meio de perguntas e respostas.

Diz Diógenes Laércio em *Vidas e Doutrinas de Filósofos Ilustres*: “Sócrates era um orador extraordinário, segundo Idomeneus, além disso, como diz Xenofonte, os Trinta proibiram-no de ensinar a arte da palavra (...) era hábil em ambos os sentidos, tanto para persuadir como para dissuadir, e sua habilidade de extrair argumentos dos fatos era grande”.

À exceção de seu discurso de defesa, que se dirigiu a uma multidão de 500 jurados mais expectadores, sua retórica se desenvolve assim. É evidente que falar para uma pessoa é diferente de falar para uma multidão. Sócrates não falava para a multidão na assembleia política, pois era avesso à própria democracia, e à própria vida política, dela nunca tendo participado, apenas uma única vez como membro do Conselho da Pólis. Também era um tanto avesso às instituições da democracia

como o Tribunal, e naturalmente, numa sociedade democrática, a retórica é muito prestigiada, sendo então natural que ele ridicularizasse este instrumento de convivência política.

Em alguns diálogos de cartas marcadas de Platão, Sócrates ganha todos os debates; mas constantemente os sofistas chamam Sócrates de tagarela (*Hípias Maior*), de repetidor das mesmas coisas, velho caduco, que sempre negava tudo e nunca propunha nada; negava o que era o belo, a virtude, o bem, mas nunca dizia o que era, sempre na busca de uma definição absoluta que nunca encontrava, dizia não ensinar e vivia ensinando.

É no diálogo *Górgias*, como dito que ele aparece mais violento combatendo a retórica, tachando-a de simulacro, bajulação, veículo da *doxa* e não da *episteme*, feita apenas para agradar a multidão, enquanto Górgias a define como obreira da persuasão (reafirmando a definição de Córax e Tísias) e a mais bela e a mais nobre de todas as artes, que tem sob a sua jurisdição todos os poderes.

Sócrates vai dizer: “Não precisa a retórica conhecer a natureza das coisas, mas tão somente o meio que faça gerar persuasão na alma dos ignorantes”. Sócrates dizia que para ser um bom orador é preciso conhecer a natureza do justo, do bem, do belo, do verdadeiro. Aqui está uma grande diferença entre a retórica socrática e a retórica sofística: verdade x verossimilhança. Apesar de Sócrates condenar a retórica neste diálogo, ele já aponta para a possibilidade dela ser usada como um instrumento do bem: “há dois aspectos a considerar nesta questão, teremos uma eloquência que não é mais que uma adulação e uma vergonha e outra que é bela, e vive empenhada em melhorar o mais possível às almas dos cidadãos, esforçando-se sempre por dizer o melhor, seja ou não agradável ao auditório” (*Górgias*, 503b, 504e). Também ele vai dizer: “Para ser um bom orador é preciso ser versado nas matérias da justiça”. “Deve-se colocar a retórica à serviço do bem” (idem, 527e). Apesar disso, no *Górgias*, Sócrates, mantém um espírito agressivo e resistente à retórica.

Já do diálogo *Fedro*, a postura de Sócrates é mais positiva, mais propositiva, mais desarmada, não visa mais negar o valor da retórica, mas destacar a possibilidade de seu valor psicagógico, condutora de almas, quando ligada à filosofia, ao amor ao conhecimento do bem e do mal, à verdade, à sabedoria. Diz Sócrates ao jovem *Fedro*: “A menos que dê a devida atenção à filosofia jamais se capacitará a discursar apropriadamente a respeito de nada”.

No *Fedro* aparece um Sócrates conhecedor dos tratados de retórica, ensinando retórica a Fedro: conhecer a similaridade e dissimilaridade, a ordem no discurso, as partes do discurso, o discurso como um ser vivo, com pés, cabeça, tronco, a visão do conjunto, a capacidade de unir o que está disperso, e fragmentar o que está unido; a retórica como dom, conhecimento e prática; conhecer a alma para ser um bom orador, o conhecimento de si; conhecer as pessoas, suas almas, cada uma é persuadida de maneira diferente, o kairós, a adequação; o verossímil como espinha dorsal da retórica; Para Sócrates a oratória verdadeira deve ter o poder de agradar aos deuses. Conclui o *Fedro* fazendo um elogio rasgado a Isócrates, o grande herdeiro da tradição sofística.

Na *Apologia*, vemos um discurso forense de Sócrates diante do Júri de grande envergadura, sublime, ordenado, impactante, retórico. Sócrates diz que “a missão do juiz é julgar com imparcialidade, e a do orador, dizer a verdade”. Sócrates mantém-se fiel a sua verdade, a sua pregação, por ela morre, por ela triunfa. Sócrates poderia ter sido absolvido facilmente, se quisesse, mas esse não era seu objetivo, ele afrontou, ridicularizou poetas, políticos, sábios, os jurados, a cidade de Atenas, etc. Sócrates queria morrer, Sócrates tinha consciência clara de que seria um mártir da filosofia. Jamais pensemos que Sócrates, por ter sido condenado, perdeu o debate. Sócrates fez uma defesa primorosa, eficaz, vitoriosa, pois seu objetivo era eternizar-se na memória do mundo, e até hoje estamos aqui falando dele, de suas ideias. Para entender este julgamento o melhor livro é de I.F. Stone, *O Julgamento de Sócrates*, uma obra erudita, magistral.

Em outro diálogo de Platão, intitulado *Menexeno*, Sócrates aparece mais uma vez ligado à retórica, dizendo-se aluno de retórica da famosa filósofa Aspásia, mulher de Péricles, e profere diante do jovem Menexeno uma brilhante oração fúnebre em honra aos guerreiros atenienses mortos em batalha, reproduzindo o que disse sua mestra de retórica, e fazendo um comovente panegírico à cidade de Atenas, embora muitos digam que Sócrates pretendia fazer uma espécie de sátira desse tipo de discurso, muito comum nas festas atenienses, chamadas Panateneias.

No *Protágoras*, aparece Sócrates dizendo-se discípulo de Pródico, chegando a frequentar seus cursos, e confirma isso em outro diálogo, o *Crátilo*, diálogo este onde é discutido a origem dos nomes, das palavras, se nascem da convenção humana, ou nascem da própria natureza das coisas, Sócrates vai optar por uma posição intermediária. Isso é relevante porque a busca da melhor definição das

coisas e das palavras, que Sócrates sempre buscava, já era uma arte exercida pelos sofistas. O diálogo socrático tem sua origem em *Protágoras*.

No *Banquete*, Sócrates aparece falando de outra mestra sua, Diotima de Mantineia, da qual aprendeu a discursar sobre o amor, e onde o profere diante de seus amigos, na casa de Agatão. Um grande discurso que a todos encanta, falando que o amor é a grande ponte que faz a alma desejar deus, que faz a alma ansiar pela contemplação do belo; que o amor é ascensional, começa pelo desejo da beleza física até ascender ao desejo pelo mundo das Formas Eternas. Neste mesmo diálogo Alcibiades aparece louvando os discursos divinos de Sócrates, aparentemente feios, falando de coisas muito banais, de ferreiros, de sapateiros, de marinheiros, de curtidores, dando a impressão de sempre falar as mesmas coisas, mas se alguém conseguisse penetrar no interior de suas palavras descobriria um conteúdo muito sério, rico, divino, cheio de virtudes, visando tornar o homem o mais belo e excelente possível.

No *Eutidemo*, outro diálogo platônico, Sócrates aparece dizendo: “Para conhecer os mistérios da sofística, como dizia Pródico, é preciso aprender o correto uso das palavras”.

A maiêutica socrática no *Teeteto*, é uma metáfora da parteira, profissão de sua mãe. O orador maiêutico é aquele que faz o seu ouvinte parir ideias. Diz Marina Maccoy em *Platão e a Retórica de Filósofos e Sofistas*, ao falar do diálogo *O Sofista* de Platão: “Tanto Sócrates e o Estrangeiro estão interessados na persuasão, mas a retórica de Sócrates deve ser localizada no papel de uma parteira que ajuda a dar à luz ideias e crescer em autoconhecimento, enquanto a retórica do Estrangeiro se volta para que seu interlocutor se torne mais aquiescente”.

A filosofia socrática visa despertar a consciência. Num diálogo intitulado *Clitofon*, o debatedor de mesmo nome diz a Sócrates: “Teus discursos Sócrates são muito eficientes, utilíssimos e verdadeiramente capazes de nos despertar, nós que vivemos como que adormecidos”. Apesar das críticas que Nietzsche fazia a Sócrates em *Crepúsculo dos Ídolos*, ele dizia que Sócrates “é o mais simples e o mais imperecível de todos os sábios”.

Sócrates, aluno de Pródico, citando Pródico, no diálogo *Erixias*, fala do uso mal e benéfico de coisas que são neutras, como o dinheiro, a fama, a oratória, a beleza, a inteligência, a depender do caráter de quem a usa. O homem bem dotado, segundo Platão, em *Parmênides*, é “o que conhece a essência das coisas e tem

capacidade de ensinar outros de maneira adequada”. Nesse sentido, a oratória de Sócrates está ligada a esse trabalho de revelar a essência das coisas. Pode-se aplicar a Sócrates, a frase de Pascal: “A verdadeira eloquência zomba da eloquência”.

3.2.6 Isócrates: retor e educador

Apesar de Isócrates fazer algumas críticas aos sofistas, ele se mantém dentro da tradição da escola. Foi discípulo de Tísias e de Górgias e dedicou sua vida a ensinar retórica. Abriu sua famosa Escola de Retórica em Atenas e rivalizou em influência com a Academia de Platão. O que Isócrates criticou foram os desvirtuamentos que decorreram do ensino dos sofistas, o que levou a negarem qualquer tipo de valor, de tradição, de verdade, de moralidade, usando a retórica como instrumento dissociado de qualquer limite ético.

Isócrates foi um prestigiado professor de retórica. Dele fala Cícero: “Vede lá, surge Isócrates, o mestre de todos os oradores de seu tempo, de cuja escola, como do cavalo de troia, não saíram senão heróis (Apud DAMASCHKE, 1939, p. 32).

Reboul (2004) escreve que Isócrates propôs uma retórica mais ética do que a dos sofistas. Opunha-se também aos sofistas que diziam ser capazes de tornar qualquer uma pessoa hábil por meio do ensino. Porém, Isócrates alertava que só o ensino não bastava, era preciso que o estudante contasse também com um certo dote da natureza para falar bem e que se dedicasse a ela com exercícios constantes. Ou seja, para ser orador é preciso contar com três condições: aptidões naturais, ensino sistemático e prática constante.

Segue Reboul (2004) dizendo que Isócrates moraliza a retórica ao afirmar em alto e bom som que ela só é aceitável se estiver a serviço de uma causa honesta e nobre, e que não pode ser censurada, tanto quanto qualquer outra técnica, pelo mau uso que dela fazem alguns.

Isócrates, apesar de criticar um certo desvirtuamento da arte retórica por alguns, enaltece e defende esta arte, que para ele constitui-se no saber por excelência, na verdadeira filosofia.

Em seu discurso *Antídose* (253 – 257), Isócrates faz uma grande apologia da arte da palavra como elemento fundamental de civilização:

“Dentre todas as existentes na natureza humana, [a arte dos discursos] é a responsável pelos maiores benefícios. Nas nossas demais qualidades, como eu já disse anteriormente, em nada nos diferimos dos outros animais, mas inclusive, somos inferiores à maioria deles em rapidez, força e nos demais recursos. Todavia, em virtude de nossa habilidade em nos persuadirmos mutuamente e manifestarmos um ao outro aquilo que queremos, não somente nos libertamos da vida selvagem, como também nos reunimos, fundamos cidades, instituímos leis, inventamos artes, e, de maneira geral, o discurso é aquele que auxiliou no estabelecimento de todas as nossas criações. Ele delimitou os contornos legais a respeito do justo e do injusto, do belo e do vergonhoso, dos quais, se não tivessem sido separados, não nos seria possível vivermos em sociedade. Com ele, censuramos os maus, e louvamos os bons. Por meio dele, educamos os ignorantes e testamos os inteligentes, porque falar bem é para nós o maior sinal de inteligência, e o discurso verdadeiro, legítimo e justo é a imagem de uma alma nobre e confiável. Com ele, disputamos acerca das querelas e investigamos acerca do desconhecido, pois as provas, por meio das quais persuadimos os demais quando discursamos, são as mesmas das quais nos servimos quando refletimos. Chamamos oradores aqueles capazes de falar em público, e consideramos bons conselheiros todos os que debatem os problemas consigo mesmos da melhor maneira. Por fim, se é preciso falar resumidamente de seu poder, descobriremos que nenhum dos feitos prudentes é realizado sem o discurso; ao contrário, ele é o guia de todas as ações e pensamentos, utilizado, sobretudo pelos mais inteligentes (Apud LACERDA, p 195-196).

É possível afirmar, com base no texto acima, que para Isócrates a oratória é uma arte imensa, guia para a vida pessoal, política, judicial, educacional de um povo; uma verdadeira criadora de civilização.

3.2.7 A Retórica de Aristóteles

Aristóteles, que foi discípulo de Platão, não seguirá o mestre no desprezo da arte retórica. Criticava os sofistas, mas via na retórica um instrumento útil para a convivência social e política. Escreveu um dos mais influentes livros da história da retórica, *Retórica*, livro que teve a sorte de chegar integralmente até nós, diferentemente de muitos outros tratados de retórica que foram escritos no mundo antigo, inclusive pelos sofistas, mas que não tiveram a mesma sorte. Lembremos a importância de Aristóteles para o estudo da retórica recorrendo a Cícero, que diz no seu livro *Da Invenção, II, 6*:

Aristóteles, por sua vez, reuniu num só lugar os antigos escritores de artes retóricas remontando desde o primeiro e inventor Tísias, e registrou nominalmente os importantes preceitos de cada um com raro cuidado e clareza e expôs as explicações com exatidão. Mas foi tão superior aos próprios inventores pela doçura e brevidade do discurso que ninguém conhece os preceitos deles a partir dos livros deles próprios, mas todos os

que querem compreender o que eles ensinam se voltam para ele como que para um explicador mais vantajoso (apud ILUNGA, p. 8).

Diz Aristóteles, numa clássica passagem de sua obra, que “de fato, todas as pessoas, de alguma maneira participam da retórica, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender e acusar. Na sua maioria, uns fazem isso ao acaso, e outros, mediante o hábito, e outros pelo estudo, seguindo um método”. Dizia ainda que a “retórica é útil, pois sem ela a verdade pode ser derrotada num debate”, Aristóteles.

No ano de 384 a.C., oito décadas depois do primeiro tratado de retórica, de autoria de Córax e Tísias, nasce Aristóteles, em Estagira, na Macedônia. Aos dezessete anos tornou-se discípulo de Platão, o mais ilustre deles, tinha uma mente enciclopédica, teria escrito mais de 400 livros. Platão o chamava de ‘A inteligência’. Aos 22 anos já era professor na Academia, ensinando retórica. Escreve seu primeiro trabalho sobre o tema: *Grylo*, ou *Da Retórica*, onde combate as ideias de Isócrates, contemporâneo mais velho seu. Passou 20 anos na Academia. Por volta dos 38 anos tornou-se preceptor de Alexandre, O Grande, este, então, com 15 anos de idade, o que durou 8 anos.

Aos 49 anos funda sua própria escola, o Liceu, e escreve, a pedido de Alexandre, filho de Felipe, o livro *Retórica a Alexandre*, obra que chegou integralmente até nossos dias; segundo os estudiosos, este texto, embora fazendo parte do *corpus aristoteticum*, pertence provavelmente a Anaxímemes de Lâmpsaco, um retor do círculo de amizade de Alexandre. Os discípulos de Aristóteles eram chamados peripatéticos – aprendiam e ensinavam andando. No ano de 335 a.C. conclui sua magistral obra *Arte Retórica*. Morre no ano em 322 a.C.

Em *Grylos*, obra de sua juventude, critica a oratória que faz uso de expedientes emocionais para conquistar o público; ainda muito influenciado por Platão, que combatia a retórica. Em *Retórica a Alexandre*, Aristóteles o orienta a desenvolver o discurso racional, a fazer da razão a grande referência da arte de falar bem. Diz que para ter um discurso persuasivo o orador precisa demonstrar aos seus ouvintes que aquilo que fala é justo, legal, apropriado, nobre, prazeroso, exequível e necessário. Orienta Alexandre a cuidar de sua reputação, de seu caráter, de sua conduta, pois isto tem grande peso na arte de persuadir.

Em *Arte Retórica*, sua definitiva e mais importante obra sobre o tema, funda as bases sólidas da retórica, que resistirão ao tempo. Reabilita a retórica das críticas

de Platão, aproveitando tudo o que já tinha sido escrito sobre o tema, desde os primeiros tratadistas, Córax e Tísias. Faz uma grande síntese. Obra que mostra, pelos livros citados e os exemplos dados, a admirável erudição de Aristóteles. A *Retórica* contém dentro de si mesma, segundo Barilli (1979, p. 26) pequenos tratados de política, de jurisprudência, de psicologia, de moral, de economia, mostrando a vocação intelectual do bom retor que não deve desconhecer as ciências humanas.

Aristóteles tinha a maior biblioteca de seu tempo. Em *Retórica* mostra a grande utilidade deste conhecimento dizendo “ser digno de censura deixar a verdade e a justiça, naturalmente mais poderosas, serem derrotadas num debate, pela mentira e pela injustiça, por incapacidade retórica do argumentador”. Define a retórica como “a faculdade de ver teoricamente o que em cada caso é capaz de gerar persuasão”.

Estrutura o templo da retórica em cinco partes: *heuresis (inventio)*, *taxis (dispositio)*, *léxis (elocutio)*, *hiprocrisis (ação)*. Discorre sobre os três gêneros de retórica: judiciária, epidíctica e deliberativa. Disserta sobre as três grandes provas persuasivas da retórica: o lógos, o páthos e o éthos. Na léxis dá grande destaque a clareza, a correção, a naturalidade, ao ritmo, a nobreza, a adequação e vivacidade do dizer. Explica as partes de um discurso: proêmio, narração, demonstração, refutação e epílogo e a função de cada uma delas.

Segundo Aristóteles três são as causas que tornam persuasivos os oradores: prudência (ligada ao logos), virtude (ligado ao éthos) e benevolência (ligada ao páthos), ou seja, sensatez, sinceridade e simpatia.

A influência de Aristóteles ao longo da história não necessita de prova alguma por ser algo evidente. O renascimento da retórica antiga a partir da década de 60 com Chaim Perelman é em grande medida o ressurgimento da retórica aristotélica.

Um dos maiores racionalistas da história, Aristóteles, embora preferindo o argumento racional, mas reconhecendo as baixezas passionais dos seres humanos, nos ensina a não desprezar as emoções, a levar em consideração o que o senso comum pensa, a valorizar o provável, o verossímil, pois no campo das ciências humanas é improvável que cheguemos a uma verdade absoluta, como queria Platão.

Em *Ética a Nicômaco*, nunca pequena frase, Aristóteles vai explicar melhor o campo epistemológico das ciências humanas, bem diferente do terreno das ciências

matemáticas: “É manifestamente quase tão implausível aceitar conclusões prováveis de um matemático quanto exigir demonstrações rigorosas de um orador” (2014, p. 48).

Daí a importância argumentativa da retórica como instrumento de construção do saber e como promotora da liberdade do saber, e defensora do humanismo, com uma forte vocação democrática, pois o outro é o nosso auditório, é preciso dialogar com ele, se interessar por ele, mostrar nossas razões a ele; é preciso buscar seu assentimento com um certo espírito de modéstia. Não existiria retórica se tudo fosse evidente, se o homem fosse onisciente, se tudo fosse matematicamente preciso; há um imenso campo da vida humana que exige que busquemos por meio do debate e do acordo, soluções racionalmente aceitáveis.

3.2.8 Os dez maiores oradores áticos

A partir do século II a.C. passou-se a se perguntar quais foram os maiores oradores da Atenas Clássica. E alguns estudiosos da retórica passaram a elaborar uma lista dos dez maiores oradores que viveram na Ática.

Dionísio de Halicarnaso, historiador e retor grego do século I a.C. (Sobre los oradores antiguos) escrevia:

“Quiénes son los oradores más importantes de la antigüedad, cuáles fueron sus preferencias en la vida y en los discursos y qué hay que tomar y qué evitar de cada uno? ¡Bello objeto de estudio y muy necesario y beneficioso, y de lo máximo provecho para todos los hombres que si ejercitan en la arte de la oratoria!”.

Alguns critérios foram usados para se chegar a esta difícil escolha: ser da Ática, região da Grécia onde fica Atenas, a principal cidade; ser orador e ser logógrafo e estudioso da retórica; o grau de influência na vida democrática ateniense; e pertencer à época dourada de Atenas.

Se fossem acrescentar outros oradores fora de Ática com certeza seria adicionado todos os sofistas, Górgias de Leontinos, Protágoras de Abdera, Pródico de Ceos, Hípias de Élis, e outros. A lista de quais os melhores oradores da Atenas Clássica (séculos V e IV a.C.), foi formada a partir do século I a.C. com Cecílio de Caleacte (*Sobre o estilo do dez oradores*) e depois com Dionísio de Halicarnasso (*Sobre os oradores antigos*). Segue com Plutarco de Queroneia (*Vidas de los dez oradores*), Harpocrácion de Alexandria (*Léxico dos dez oradores*) e Hermógenes de

Tarso (*Sobre as formas do estilo*), nos séculos I e II d.C. Atualmente se destacam os estudos de Francisco Cortés Gabaudán sobre os dez oradores áticos. Marco Túlio Cícero também já falava de alguns desses oradores antigos em *Brutus e a Perfeição Oratória*.

Quais são eles? Antífonte (480 a 411 a.C.): sofista; primeiro logógrafo da história a publicar discursos; considerado o primeiro advogado da história; homem enciclopédico, de inteligências múltiplas a ponto de se pensar que se tratava de duas pessoas ou mesmo três pessoas diferentes (orador, filósofo, poeta, logoterapeuta, interpretador de sonhos). Fundou uma escola de retórica. Vários de seus discursos, e muitos fragmentos de outros, chegaram até nós, a exemplo de suas *Tetralogias*. O historiador Tucídides foi seu discípulo.

Lísias (459 a 380 a.C.): foi discípulo de Córax e Tísias, os pais fundadores da retórica. Grande modelo do estilo ático de falar. Foi o mais famoso advogado de Atenas. Sua família era muito estimada por Péricles. O diálogo *A República*, de Platão, acontece no ambiente da casa de seu pai, Céfalo. Elaborou uma defesa para Sócrates, mas Sócrates não aceitou. É citado no *Fedro*, de Platão. Dionísio de Halicarnaso destaca as sete qualidades da oratória lisíaca, sendo a graça, o carisma, o principal encanto de seu verbo: pureza da linguagem, simplicidade, brevidade, clareza, vivacidade, adequação, graça.

Andócides (440 a 390 a.C.): não temos muitas informações deste orador. Quando jovem era muito dissoluto, chegando a sofrer um grande processo criminal por ter vilipendiado, com outros jovens, quando bêbado, estátuas de Hermes (deus da eloquência), mas proferiu um grande discurso, *Sobre os mistérios*, e foi absolvido. Sua oratória era espontânea, sóbria, e a cada discurso procurava aperfeiçoar esta arte. Plutarco diz que sua oratória era simples, sem artifícios, desnuda e desprovida de figuras de linguagem, bem ao estilo de Lísias. Alguns discursos inteiros e alguns fragmentos de outros chegaram até nós.

Isócrates (436 a 338 a.C.): grande educador ateniense, ligado a história da educação. O mestre dos mestres da retórica. Discípulo de Tísias, Górgias, Protágoras, Pródico e Sócrates. Tinha um espírito filosófico. Duas frases de duas autoridade já nos diz quem foi Isócrates: “Diante dele, os outros oradores parecem crianças”, (Platão, *Fedro*). “De sua escola, assim como do cavalo de Tróia, não saíram senão heróis”, (Cícero, *Brutus*). Fundou uma Escola de Retórica, e chegou a ter cem discípulos, mais prestigiada do que a Academia de Platão, sua rival. Dizia:

“Ensinando o jovem a falar bem estamos ensinando a viver bem”. “Ser grego não é uma nacionalidade, não é uma geografia; grego é todo aquele que em qualquer lugar do mundo irradia a grandeza de nosso pensar”. Muitas de suas obras chegaram até nós: *Antídosis*, *Panegírico a Atenas*, *Defesa de Helena*, etc. A partir dele, os oradores que seguem foram seus discípulos. Diz Dionísio de Halicarnasso: “Quem estudar Isócrates se tornará um expert em oratória, além de enobrecer o caráter e se tornar um cidadão muito útil para a sociedade.”

Iseu (420 a 350 a.C.): temos poucas informações sobre ele. Foi discípulo de Isócrates e mestre de Demóstenes, aí já podemos intuir a estatura de Iseu. Era principalmente um orador forense. Seu estilo era elaborado, vigoroso, grande conhecedor da legislação grega e talentoso advogado. Escreveu tratados de retórica.

Ésquines (420 a 350 a.C.): aluno de Isócrates e de Platão. Orador de grande beleza física e voz sonora; grande rival de Demóstenes; aliado de Felipe da Macedônia. Depois que foi derrotado por Demóstenes no processo da Coroa, refugiou-se em Rodes, e lá fundou uma Escola de Retórica chamada de Pensatório, nome da escola de Sócrates na comédia *As nuvens* de Aristófanes. Desta escola originou-se o estilo de oratória chamado asiático, muito prestigiado por Cícero. Demóstenes reconhecia o grande poder da eloquência de seu rival. Seu principal discurso de acusação em desfavor de Demóstenes, *Contra Cetsifonte*, chegou até nós. Ele elenca as qualidades de um orador: ser livre, ter ilibada conduta e dominar os cânones da retórica. Quando ele leu seu discurso contra Demóstenes aos seus alunos do Pensatório, todos ficaram deslumbrados e sem entender como ele tinha perdido aquela causa, ao que ele explicou: “É porque vocês não ouviram aquela fera falar”.

Hipérides (398 a 322 a.C.): foi discípulo de Isócrates e de Platão. Amigo de Demóstenes no combate ao domínio de Felipe da Macedônia. Uma pintura de Jean-Leon Gerôme, *O Julgamento de Frineia*, o imortalizou para a história da advocacia e da retórica. Alguns o veem como superior a Demóstenes. Cortou com os dentes a própria língua para não delatar os companheiros quando foi capturado pelas tropas macedônicas quando da conquista da Grécia.

Licurgo (390 a 322 a.C.): não confundir com Licurgo de Esparta, legislador do século IX a.C. Discípulo de Platão e de Isócrates. Administrou com admirável honestidade as finanças de Atenas por mais de dez anos; empreendeu grandes

construções; valorizou muito a cultura grega preservando as grandes obras dos poetas no arquivo público da cidade. Sua palavra franca tinha grande autoridade, devido a sua nobreza de espírito, a sua reputação de filósofo justo e de político probo. *Contra Leócrates* é um dos seus discursos que sobreviveram até nossos dias. Demóstenes, seu amigo e contemporâneo dizia que muitos debates na assembleia e nos tribunais eram resolvidos conforme o que pensava Licurgo, tão respeitada era a sua palavra. Quando alguém o criticava por pagar para aprender retórica com os sofistas, dizia que era capaz de dispor de quase todos os seus bens para que ele e seus filhos se tornassem homens mais virtuosos e hábeis na arte do discurso.

Demóstenes (390 a 324 a.C.): discípulo de Isócrates, Iseu e Platão, leitor de Tucídides (leu oito vezes a história da Guerra do Peloponeso). É considerado o maior orador de toda a história. É famosa a sua história para superar seus limites físicos para se tornar um grande orador. É o símbolo maior do amor grego pelas palavras. Sua obra-prima é a *A oração da coroa*. Cícero dela dizia: “Não se pode pensar em eloquência maior”. Marco Túlio Cícero foi o maior dos discípulos de Demóstenes.

Dinarco (384 a 322 a.C.): poucas informações temos sobre ele. Foi discípulo de Aristóteles, de Teofrasto e de Demétrio de Falero. Seu estilo era veemente e grandiloquente.

Demétrio de Falero (350 a 280 a.C.): acrescentei mais um; ele governou Atenas por dez anos, ao estilo de um filósofo-rei, foi o homem que idealizou a biblioteca de Alexandria (295 a.C.) e foi seu primeiro bibliotecário; é considerado por Cícero o último dos grandes oradores áticos. Compilou também, pela primeira vez, as fábulas de Esopo para o uso dos oradores. Esopo usava as fábulas como ferramentas de persuasão.

3.2.9 Outros desenvolvimentos da retórica grega

Após Aristóteles a retórica continuará a ser ensinada, estudada e desenvolvida nas escolas da Grécia. Seu discípulo Teofrasto também a teoriza. O estudo da retórica encontrou no estoicismo fértil debate com os retores estoicos como Zenão de Cítio, Cleanto, Crisipo, Diógenes de Babilônia. Outro grande teórico

da retórica desse período foi Hermágoras de Temno, que embora não sendo estoico em muito foi influenciado pelas ideias retóricas dos estoicos.

A retórica grega continuou sendo reverenciada em solo grego ao longo dos séculos, até o século IV d.C. quando foram fechadas por ordem do imperador Justiniano em nome da fé cristã. Entre os séculos I e II d.C. nomes de retores gregos como Cecílio de Caleactes, Dionísio de Halicarnasso, Apolodoro de Pérgamo, Longino, e Teodoro de Gadara, elaboravam seus tratados retóricos dentro da tradição aristotélica.

Brilhou entre os séculos II e III d.C. uma escola de retórica que ficou conhecida como *Segunda Sofística*, que procurou reviver a glória da antiga sofística da época de Protágoras, de Górgias etc. As contribuições desta escola e os principais nomes que a ilustraram podem ser conhecidos por uma obra do retor grego Filócrates Ateniense (170-250 d.C.), que escreveu entre os anos 232 e 238 d.C. *Vida de los Sofistas*, onde descreve a carreira e a performance discursiva de 59 sofistas, dentre os mais importantes figuram Escopélio, Polemon e Herodes Ático, homens que exerceram grande influência política junto aos imperadores romanos de seu tempo, como Adriano e Marco Aurélio.

Toda essa tradição grega da arte retórica chegou ao mundo romano ainda no século II a.C. pelas mãos de Marco Túlio Cícero que sempre reconheceu a Grécia como a fonte e o parteira da arte retórica (*Brutus*, XIII, 49). Paralelamente a retórica grega, e em interação, a partir deste período, desenvolve-se também a retórica latina.

3.3 A RETÓRICA EM ROMA

3.3.1 A oratória ciceroniana

Apesar da Grécia ter sido politicamente conquistada por Felipe da Macedônia e por seu filho Alexandre, o Grande, no último quartel do século IV a.C., e de ter sido também dominada pelos romanos no século II a.C., a cultura grega se espalhou pelo mundo, tanto levada por Alexandre, quanto assimilada no mundo romano pelo trabalho, principalmente, de Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.). Horácio, poeta latino, bem soube apregoar essa vitória espiritual dos gregos ao dizer em sua Epístola I, do livro II (vv. 156-177: *Grecia capta ferum victorem cepit et artes intulit*

agresti Latio (A Grécia conquistada conquistou seu feroz conquistador levando civilização ao bárbaro Lácio).

Marco Túlio Cícero é figura central na cultura latina e também na cultura europeia, pois dedicou-se a traduzir a produção intelectual grega para a língua latina, não apenas como tradutor, mas como divulgador, dando também uma contribuição importante ao avanço do conhecimento humano.

Carlos Ancéde Nougé assim, no prefácio à obra *A Virtude e Felicidade*, de Cícero, avalia a importância do grande pensador romano:

“Além de escritor de primeira grandeza, levou a arte da oratória ao seu apogeu em suas orações políticas (as *Verrinas*, *Pro Murena*, *Pro Archia*, *Pro Milone*, as *Filípicas* e as *Catilinárias*. Elaborou uma teoria romana da eloquência (*De oratore*, *Brutus*, *Orator*), e seu célebre *docere* (provar), *delectare* (deleitar), *movere* (comover) serviu de modelo a toda a retórica latina, incluindo a de muitos Padres da Igreja, como Jerônimo e Santo Agostinho.

Pelos seus tratados filosóficos, por fim, Cícero buscou conciliar as diferentes escolas (a platônica, a estoica, a aristotélica etc.) para delas extrair uma moral prática em conformidade com as exigências da cidade (Tusculanas, *De República*, *De Senectute*, *de Amicitia*, *De officiis*) (2005, p. VI)

São oito as obras ciceronianas ligadas diretamente ao estudo da retórica: *Retórica Ad Herenium*, *De Inventione*, *Partitiones Oratorias*, *Orator*, *De Orator*, *Tópicos*, *Brutus*, *De Optimo Genere Oratorum*.

Retórica Ad Herenium é de autoria questionada, é o primeiro manual de retórica escrito em língua latina, no ano de 86 a.C.; muitos estudiosos acreditam que este livro é de autoria de um certo Cornifício, mas durante muito tempo foi dita como de Cícero, e ainda hoje tem sido assim publicada; ele escreve para atender ao pedido do jovem *Herenium*, sedento em aprender a arte retórica; neste manual ele ensina as partes do discurso e a missão de cada uma delas: exórdio, narração, divisão, confirmação, refutação e peroração; fala ainda dos argumentos viciosos e como identificá-los e combatê-los; descreve os gêneros oratórios: deliberativo, epidíctico e judiciário; discorre sobre cada parte da ciência retórica: invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação; e faz um minucioso estudo das figuras de linguagem, a parte ornamental da oratória; fala ainda dos estilos de oratória: o simples, o temperado e o nobre; é um livro destinado quase que exclusivamente à retórica forense.

Da Invenção, também é uma obra de juventude de Cícero, bem semelhante com *Retórica Ad Herenium*, onde ele dá destaque principalmente à primeira parte da ciência retórica: a arte de descobrir, criar argumentos, é nessa parte que reside a vocação epistemológica da retórica; ele diz que sua construção do conhecimento retórico e filosófico é parecido com o que fez o pintor Zêuxis ao desenhar o retrato de Helena - recolhia seu conhecimento de várias fontes. Cícero faz parte de uma escola filosófica chamada de ecletismo; destaca bem nessa obra a complementariedade entre *sapientia* e *eloquentia*, diz ele: “a razão me mostrou que a sabedoria sem eloquência é pouco útil e a eloquência sem sabedoria além de ser danosa, não tem valor algum”.

Em *Partitiones Oratorias*, ele escreve com objetivo de ensinar seu filho; desenvolve com mais detalhes e de forma simples, sobre as partes do discurso, como já falamos; seu filho lhe pergunta: “*Em que consiste a competência do orador?*”, Cícero responde: “*Na excelência dos pensamentos e das palavras*”.

No *Brutus*, Cícero narra a história da oratória, tanto na Grécia como em Roma, destacando os grandes oradores do passado e de seu tempo; fala neste livro dos objetivos do orador: instruir, cativar e comover; ao descrever a característica de cada grande orador que cita, deixa-nos valiosas lições; diz ele: “A Grécia é a fonte, ninguém vence a Grécia no intelecto, nem Roma nas armas”. Segundo Cícero, o homem competente na oratória é aprovado tanto pelo povo quanto pelos doutos.

Em *De Optimo Genere de Oratorum*, ele classifica como o melhor, o perfeito, o ótimo aquele orador que sabe com maestria ao mesmo tempo ensinar, deleitar e comover os espíritos; o modelo a seguir são os oradores áticos, os gregos: precisão, brevidade, elegância e simplicidade são virtudes da boa oratória.

Nos *Tópicos*, obra inspirada num livro de Aristóteles do mesmo nome, foi escrita para um jurista chamado Caio Trebácio; Cícero fala dos inúmeros lugares onde podemos encontrar os argumentos, por ex: nas regras lógicas (quem pode o mais pode o menos), ao definirmos uma palavra, ou ao falamos da origem etimológica delas encontramos muitos argumentos que podemos usar em nosso favor, a tópica exatamente cuida de encontrar esses argumentos; é hoje muito estudada na teoria da argumentação jurídica.

O *De Oratore*, talvez seja sua principal obra, não fala tanto de técnicas, mas fala da formação moral, intelectual e sapiencial do perfeito orador, o que se exige dele a agudeza dos dialéticos, profundidade dos filósofos, o encanto dos poetas, a

memória dos juristas, a voz e os gestos dos melhores atores; nesse livro e nos outros também faz constante referência a uma valiosa capacidade do orador: por diante dos olhos dos ouvintes aquilo que fala.

E por fim, o *Orator*, um livro que resume, sintetiza, todo o seu pensamento retórico, pois sentiu a necessidade escrevê-lo devido o acusarem de ter um estilo pomposo e incompreensível; esse livro rebate e esclarece as críticas, e retoma as ideias de seu livro *Dos Deveres*, fundamentação ética de seu pensamento, e diz que é de Platão que vem a fonte de sua retórica, chega mesmo a dizer: “*Aprendi mais lendo os elevados diálogos de Platão do que frequentando a escola dos melhores professores de retórica*”. Cícero elege como modelo ideal de orador Demóstenes.

3.3.2 Tácito: O Diálogo dos Oradores

Não obstante a obra de Quintiliano, a retórica latina entra em crise após a morte de Cícero e da república romana, com a perda das instituições democráticas, com o poder centrado nas mãos dos imperadores. Um obra que bem retrata este recuo das potencialidades retóricas é o livro do poeta e historiador Tácito, *Dialogus de Oratoribus*. Diz Plebe sobre esta obra:

“A mais clara teorização dessa decadência é dada pelo conhecido *Dialogus de Oratoribus*, que hoje a maior parte dos filólogos atribui ao período Juvenil de Tácito. Esse diálogo enfrenta três problemas fundamentais: em primeiro lugar, se para um homem de engenho é mais digna a retórica ou a poética; em segundo, se a oratória moderna está à altura da antiga, ao que responde afirmando a superioridade da antiga e, em terceiro, quais as causas da decadência, ao que responde que são três: o mau sistema de educação, a prática vazia das declamações oratórias e, sobretudo, a mudança na situação política de Roma e a perda da liberdade” (PLEBE, 1979, p. 71).

Apesar da referida obra refletir um período de crise política, ainda se espera do orador, no espaço que ainda lhe resta para exercer seu ofício, que seja um homem bem-sucedido, como podemos notar quando Tácito escreve:

“Eu exijo do orador, como de um abastado e imponente pai de família, que a casa em que ele vive não apenas proteja contra a chuva e o vento, mas também alegre aos olhos e aos sentidos, que ele providencie sua limpeza não apenas para a satisfação das necessidades imediatas, mas também que em seus armários haja ouro e pedras preciosas que possam ser tomadas nas mãos e eventualmente apreciadas. Que tudo o que cheira a mofo ou a ferrugem seja jogado para longe. Que suas palavras tenham graça, energia,

leveza, diversidade, que não exista nada nelas de insosso, repugnante, grosseiro” (*Diálogo dos Oradores*, 22).

Depois da pessimista obra de Tácito, temos a elaboração do tratado de Quintiliano, sendo que depois deste, segundo Plebe (1979), “a retórica latina não produziu mais obras de verdadeira genialidade. Como escreve Riposati, todos os que virão depois dele, ora fazendo eco as orientações estóicas, platônicas, peripatéticas e hermagóricas, ora apoiando-se inteiramente em Cícero e Quintiliano, com frequência criarão dispersões e confusões de ideias, que não vão além das exigências da escola” (PLEBE, 1979, 73).

3.3.3 – As Intuições de Quintiliano

Marco Fábio Quintiliano nasceu no século I d. C., em Calahorra, por volta do ano 30, na Espanha, Império Romano. Grandes homens viveram em seu século: Jesus, Sêneca, São Paulo. Seu pai era advogado e retor, e o levou a Roma para estudar com os melhores professores, dentre eles, Domício Afro, que Quintiliano considerava o maior orador de seu tempo.

O grande mestre de Quintiliano foi Marco Túlio Cícero, que viveu no século anterior; Quintiliano o tinha como a própria retórica encarnada. Dedicou-se a advocacia e se tornou o maior advogado de Roma, alcançando grande fama, sucesso e riqueza, cumulado de honrarias, ao mesmo tempo que dá aulas de retórica em sua escola.

Foi homem de confiança de três imperadores: Galba, Vespasiano e Domício – ministrava aulas de retórica para os filhos e parentes deles. Vespasiano o convidou para ensinar seu ofício publicamente, pagando-o com o dinheiro do Estado, tendo sido assim o primeiro professor a abrir uma escola pública de retórica, e o primeiro a ser pago com o dinheiro público.

Teve alunos ilustres, como Juvenal, Plínio e Tácito. Teve uma vida familiar de desventura, que o abalou muito: por doença, sua esposa morreu e seus dois filhos também – filhos que ele estava preparando, treinando, segundo os ensinamentos de seu livro *Institutio Oratoria*. Este livro ele escreveu quando já estava bem maduro, pouco antes de morrer, por volta do ano 100 d.C. O livro é dedicado a um amigo, homem influente de Roma, Marcelo Vitório.

A *Institutio* não é apenas um livro de retórica, é um livro de pedagogia, e visa a formar o orador perfeito, o *perfectus orator*, o líder, o homem público, o dirigente do estado, o estadista, o sábio mesmo, formação que inicia no berço e termina no túmulo. Seus discípulos retrataram-no assim: “Homem afetuoso, íntegro, sensível, fraterno, de extraordinário bom-senso, de semblante sério, de postura grave, homem talentoso, belo, enérgico, sábio, nobre, abençoado pelos deuses, mestre sem igual da juventude desorientada, glória da toga romana”.

Brevemente falaremos um pouco do conteúdo de sua obra, pois como diz Barilli (1979, p 52) “a *Institutio* diz tudo melhor e de forma mais abundante do que qualquer outro tratado passado ou futuro, sendo, portanto, impossível fazer um resumo bastante pormenorizado dela”.

O título significa ‘a educação oratória’, ou ‘a formação do orador’. Foi escrito em dois anos. É dividido em 12 livros, quase mil páginas, metade da Bíblia. Minha monografia para a obtenção do grau de bacharel em Filosofia teve como objeto, o estudo resumido e sistematizado da obra de Quintiliano, demonstrando seu valor no mundo antigo e seu valor no mundo atual.

Vamos tratar aqui dos aspectos mais gerais e relevantes de cada livro. Livro I: “Nascido o filho conceba o pai as mais altas esperanças de ele vir a se tornar um *perfectus orator*”, diz Quintiliano; neste livro ele trata da importância de escolher bem as pessoas que irão cuidar da criança, não falar nada de errado ou coisas indignas para elas; ressalta a importância do ensino da gramática antes de entrar para o ensino da oratória; incentiva a leitura e a escrita, que precedem a habilidade de falar bem; aconselha a prática de exercício das declamações; incentiva a aprendizagem de muitas coisas ao mesmo tempo, teatro, música, poesia, história; fala da necessidade de professores competentes; aconselha a todos a educar com carinho e paciência as crianças, descendo ao nível de compreensão delas.

Diz Barilli, acentuando o trabalho pedagógico de Quintiliano:

O livro I, e em parte o livro II, pegam no futuro do retórico, desde a infância, e abordam, portanto uma franca matéria pedagógica: escola pública ou privada (diríamos hoje)? E como escolher o pedagogo? Que tipo de leituras e exercícios? Tudo isso é examinado numa análise difusa, rica em penetração psicológica. Não falta o motivo poético da dedicatória ao filho Marco Vitore, o primeiro dos jovens instruendos, mas que morre, com enorme desgosto para o pai, quando a obra apenas ia a meio caminho. Terminada a teoria pedagógica, e sempre no livro II, o Autor aborda o problema mais importante, relativo a própria definição de retórica” (BARILLI, 1979, p. 52)

No Livro II, como dito acima, estabelece o conceito de retórica, a importância da retórica, fala do conflito entre educação e talento, da amplitude da retórica, do objeto de estudo da retórica, da retórica como virtude, da natureza ética da retórica, da influência da filosofia socrático-platônica e da filosofia estoica; o orador é o *vir bonus dicendi peritus*; a oratória deve estar a serviço do bem, da justiça, da verdade; orador não é quem se serve dela para enganar, mentir.

No Livro III: fala da história da retórica, de Empédocles a seu tempo. Explica os gêneros de oratória: judicial, epidíctico e deliberativo. Explica os objetivos do orador: ensinar, agradar e comover.

Ao longo dos Livros IV, V e VI, VII, Quintiliano aborda as partes do discurso e sua disposição correta, ensinando como desenvolver cada uma delas e qual o objetivo de cada uma: exórdio, narração, digressão, partição, demonstração (uso das provas), refutação, peroração.

Nos Livros VIII e IX, Quintiliano dá grande importância ao uso das figuras de linguagem, a clareza da expressão (a virtude suprema do discurso); a capacidade do orador de ampliar e diminuir as coisas conforme lhe convém é toda a arte do orador (*“o homem naturalmente é inclinado a não acreditar na verdade simples, exagerando ou diminuindo as coisas conforme seus interesses”*); esclarece o sentido e a força das figuras retóricas, como a hipotipose (talento para criar imagens), a metáfora (transferência de significado) a ironia (a mais culta das figuras), e tantas outras; a estilística nasce de dentro da retórica.

No livro X é dada grande relevância a leitura, a escrita, a correção da linguagem, a imitação dos grandes exemplos. Fala da busca pela perfeição, do exercício da reflexão, e do cultivo do silêncio. Ensina também como se constrói um discurso de improviso.

No livro XI aborda uma das maiores leis da oratória: a conveniência, também chamada de adequação, de propriedade. Estuda a memória e formas de potencializá-la, a chama de “o tesouro do orador”, “a guardiã de todas as partes da oratória”. É no livro XI que trata da pronúncia do discurso diante do público, quando o orador entra em ação; a voz, os gestos, a postura ganha enorme destaque, e Quintiliano entra em detalhes relevantes para que o orador apareça em público de forma excelente, viril, bem apessoado. Tanto Cícero quanto Demóstenes atribuíam a *actio* o momento mais importante do trabalho do orador.

O Livro XII é considerado por muitos como o mais importante de todos, de grande riqueza filosófica e ética. Destaca de forma profunda a formação ética do orador, sua honestidade, sua integridade, seu compromisso com a verdade; o orador deve ser um sábio. Retoma um conceito de Cícero sobre o orador: *orator est vir doctíssimus e eloquentíssimus*, homem enciclopédico, perito em muitas ciências, de grande e vasta erudição, e por isso eloquente até o último grau, perfeito, consumado. Dá dicas preciosas de como o advogado deve se comportar nos tribunais para ser um homem de grande poder persuasivo, de grande sucesso e prestígio aos olhos de todos. Segundo Quintiliano, 25 anos é a melhor idade para iniciar-se na tribuna do júri. Neste livro podemos entender com clareza Quintiliano quando diz: “Meu objetivo é formar o orador perfeito, que não pode ser outro senão o homem honrado, e por isso exigimos dele não só a capacidade no falar, mas também a posse de todas as virtudes da alma”. Assim os 12 livros abrangem as cinco partes do sistema retórico: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *pronunciatio*, que veremos na próxima seção desta dissertação, que melhor adentra nos fundamentos teóricos da retórica.

A obra de Quintiliano atravessou os séculos e chegou até nós. Influenciou homens como santo Agostinho, Lutero (Quintiliano era o autor preferido de Lutero), Erasmo de Roterdã; influenciou reis, filósofos, príncipes, artistas ao longo do tempo. As músicas de Sebastian Bach foram influenciadas pela *Institutio* de Quintiliano. O Rei da Prússia, Frederico I, quando queria revigorar e despertar mais a inteligência, lia Quintiliano. Vejamos, como a oratória sobreviveu e se tornou importante instrumento da educação e da pregação religiosa mesmo depois da dissolução do Império Romano, no período que ficou conhecido como Idade Média. Segundo Abelson (2019, p.51) “Cícero e Quintiliano foram modelos de retórica para toda a Idade Média”.

3.4 A RETÓRICA POSTA A SERVIÇO DO CRISTIANISMO: DE SANTO AGOSTINHO AO TRIVIUM, DO TRIVIUM AO *RATIO*

Depois do período da retórica greco-latina, outro grande período bem delineado na história da retórica é a sua apropriação pelo cristianismo, que a partir do século IV d.C. tornou-se a religião oficial do Império Romano. A então religião nascente não poderia prescindir da força da retórica pagã para a propagação e defesa do cristianismo.

Coube em grande medida, a Agostinho de Hipona, que terá uma influência considerável durante toda a chamada Idade Média no campo da filosofia, da educação e da teologia, a missão de adaptar os cânones da retórica antiga à ideologia espiritual da igreja. A retórica passaria a ser um importante instrumento da educação cristã e da pregação religiosa - nascia assim a retórica sacra.

3.4.1 A oratória agostiniana

A influência de Marco Túlio Cícero foi marcante no pensamento não só retórico, mas também filosófico de Agostinho. Em suas *Confissões*, assim diz:

"Estudava eu, em tenra idade, os livros de eloquência, na qual desejava me sobressair com o fim condenável e vão de satisfazer à vaidade. No decurso do programa desses estudos, encontrei certo livro de Cícero, cujo estilo, mais do que o conteúdo, todos admiram. O livro é uma exortação à Filosofia e chama-se "Hortênsio". Este livro alterou meus sentimentos e direcionou minhas orações para Ti, ó Senhor; fez-me ter outros desejos e propósitos. Cada esperança vazia de repente tornou-se indigna de mim; ansiei ardentemente por uma imortalidade de sabedoria e comecei a emergir, retornando para Ti. Já não era com o intuito de afiar minha língua que utilizava aquele livro (aos dezenove anos, época em que minha mãe provia o dinheiro para meus estudos de Retórica, dois anos após a morte de meu pai), pois o que infundiu no meu coração não fora o estilo, mas o conteúdo" (*Confissões*, Livro III, Capítulo IV).

É com base em Cícero que Agostinho escreve o livro IV de sua *Doutrina Cristã*, que trata da oratória.

Agostinho nasceu em Tagaste, cidade da atual Argélia, no norte da África romana, em 354 d.C. Morreu em 430. Quando ele nasceu, a filosofia e a retórica já tinham uma história de quase mil anos. Sua mãe era Mônica, fervorosa cristã; seu pai era pagão. Era menino muito inteligente, acima da média, com propensão visível para as coisas da intelectualidade. Quando jovem estudou retórica e foi professor de retórica por quase dez anos, em Cartago, Milão e Roma.

Sua conversão para a filosofia se deu com a leitura de Cícero, que muito admirava, só lamentava que na obra deste grande pensador não encontrasse escrito o nome de Cristo. Em sua busca pelo preenchimento de algo que faltava em seu espírito, além de Cícero, foi seguidor de Mani, sábio persa, tornando-se maniqueísta.

Depois foi seguidor de Plotino, filósofo grego neoplatonista. Quando viveu em Milão, assistia as pregações de Santo Ambrósio por interesse meramente retórico,

mas alguma coisa o tocou o coração num momento de intensa crise existencial. Certo dia, ouviu a voz de uma criança cantando insistentemente: “Toma e lê, toma e lê”. Ele intuiu no coração que aquilo se referia à Bíblia, e assim fez, abrindo-a aleatoriamente, leu: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites” (Rm 13, 13). Neste momento uma luz clareou em seu espírito e penetrou em seu coração uma claridade serena afastando de si todas as trevas e dúvidas, foi um momento de iluminação.

Depois disso, demitiu-se de seu emprego de professor de retórica do Império Romano, foi batizado e fundou uma comunidade religiosa, dedicando-se à vida cristã. Tornou-se bispo de Hipona, grande pregador e grande escritor da Igreja, escrevendo obras que até hoje são referências para a retórica, a filosofia e a teologia. É um dos 36 doutores da igreja (devido a eminência de sua doutrina e o grau de santidade de sua vida). Suas obras mais famosas: *Confissões*, *Cidade de Deus*, *A Trindade*, *De Magistro*, *Doutrina Cristã*, *Sobre o Livre Arbítrio*, *A Verdadeira Religião*, *A Graça de Cristo e o Pecado Original*, *Solilóquios*, *Vida Feliz*, *Contra os Acadêmicos*, entre outras. O que diz Agostinho a respeito da arte de falar bem e da arte de ensinar? Três de seus livros aqui se destacam: *Doutrina Cristã*, *De Magistro e Instrução dos Catecúmenos*.

O livro *Doutrina Cristã* é considerado o primeiro tratado de retórica cristã da história. Agostinho cristianiza a oratória, coloca-a a serviço do cristianismo, da pregação. Há aí o encontro da sabedoria grega com a sabedoria cristã, da fé com a razão, do intelecto grego com o coração cristão - as duas dimensões da alma humana -, de Atenas e de Jerusalém, que foi a síntese genial dos padres da igreja que ficou conhecida como Patrística.

É famosa, na história da retórica, sua indagação, constante na obra *Doutrina Cristã*, onde Agostinho defende a necessidade da arte retórica:

É um fato, que pela arte da oratória, é possível persuadir o que é verdadeiro como o que é falso. Quem ousaria, pois, afirmar que a verdade deve enfrentar a mentira com defensores desarmados? Será assim? Então, esses oradores, que se esforçam para persuadir o erro, saberiam desde o prêmio conquistar o auditório e torná-lo benévolo e dócil, ao passo que os defensores da verdade não conseguiriam? Aqueles apresentariam seus erros com concisão, clareza e verossimilhança e estes apresentariam a verdade de maneira a torná-la insípida, difícil de compreensão e finalmente desagradável de ser crida? Aqueles, por argumentos falaciosos, atacariam a verdade e sustentariam o erro, e estes seriam incapazes de defender a

verdade e refutar a mentira? Aqueles, estimulando e convencendo por suas palavras os ouvintes ao erro, os aterrorizariam, os contristariam, os divertiriam, exortando-os com ardor, e estes estariam adormecidos, insensíveis e frios ao serviço da verdade? Quem seria tão insensato para assim pensar?

Visto que a arte da palavra possui duplo efeito (o forte poder de persuadir seja para o mal, seja para o bem), por que razão as pessoas honestas não poriam seu zelo a adquiri-la em vista de se engajar ao serviço da verdade? Os maus põem-na ao serviço da injustiça e do erro, em vista de fazer triunfar causas perversas e mentirosas (p. 208-209).

Na presente obra Agostinho aproxima a sabedoria da eloquência, retomando uma temática ciceroniana, a eloquência traz prazer, a sabedoria traz proveito, deve a oratória ser serva da sabedoria. “Visa a oratória conquistar o hostil, motivar o indiferente e esclarecer o ignorante”. O orador deve ensinar o bem e refutar o mal. Para falar bem é preciso ter um conhecimento profundo das escrituras, das línguas grega, latina e hebraica, da história, da lógica, da filosofia, dos preceitos retóricos. Agostinho coloca no centro da arte de falar bem o conteúdo, a clareza, a firmeza, a conduta na santidade e o kairós. Ser modelo de conduta, de palavra, de fé, de amor. O orador deve se fazer entender bem, pois de que adianta a erudição se o auditório não entender a mensagem?

Agostinho fala dos três objetivos e dos três estilos do orador: instruir (estilo simples), cativar (estilo temperado) e comover (estilo patético). Se agrada pelas ideias, pelas verdades, pelos modos de expressão. “Ensine para instruir, agrade para cativar e convença para vencer”. Fala da necessidade de variar os estilos. Para ensinar bem, diz Agostinho, é preciso “ensinar o ensinamento e saber responder aos desdobramentos e desatar os nós das questões. “Serei um bom mestre na medida em que me coloco sempre no lugar de aprender”. Agostinho fala do amor e da alegria que o mestre deve cultivar ao ensinar. Deve o mestre adaptar a mensagem a cada grau de compreensão, criar confiança e um ambiente de participação e encorajamento. Não ser duro, ser amoroso. Não ser maçante, tedioso. Fazer-se porta-voz da verdade. “Não há vitória maior que conquistar o ouvinte para a verdade”. As palavras devem corresponder à realidade das coisas, a primazia deve ser da realidade; o conhecimento deve vir antes das palavras. Essas são ideias que Comenius mais tarde fará ressoar em sua *Didática Magna*. Todo esse pensamento retórico agostiniano, herdado da cultura latina, estará no centro do ensino da oratória ministrada no trivium medieval.

3.4.2 O Trivium

Depois da desagregação do Império Romano, no século V a.C., com as invasões bárbaras, coube a muitos intelectuais o trabalho de preservar o patrimônio cultural deixado pela civilização greco-romana. Foi um momento cruel, de destruição, de desmoronamento de toda uma tradição, de queda das instituições, de perdas de muitas obras de valiosas.

Coube aos Santos Padres da Igreja a preservação de grande parte dessa tradição, num período conhecido como Patrística. Após o século V a.C. com base no que restou da tradição antiga e do que foi elaborado pelos Santos Padres, alguns homens foram responsáveis diretamente por reorganizar esse conhecimento antigo, no que ficou conhecido como artes liberais.

Dentre eles, os mais importantes, Marciano Capella, Boécio, Cassiodoro, Isidoro de Sevilha e Alcuíno de York, que escreveram diretamente a respeito dessas artes e deixaram livros importantes, tais como: *Núpcias da Filologia com Mercúrio* (Capella); *Instituições*, (Boécio); *Instituciones*, (Cassiodoro); *Etimologias*, (Isidoro); *Tratados das Artes Liberais*, (Alcuíno).

O grande referencial teórico desses autores são as obras de Aristóteles e de Cícero. Com o renascimento das escolas, monacais, episcopais e palatinas, as artes liberais eram ensinadas como conhecimento basilar para que a revelação bíblica pudesse acontecer numa mente preparada, cultivada, culta. Uma vez dominado esses conhecimentos, o homem podia seguir sozinho seu trabalho intelectual; ninguém podia se considerar um mestre sem a posse desses conhecimentos.

Por que artes liberais? Porque eram conhecimentos adquiridos por homens livres. O próprio significado da palavra escola, de *skholé*, quer dizer *tempo livre*.

O ensino das artes liberais enquanto disciplinas remontam a Grécia Antiga - os sofistas a ensinavam. Todas as artes liberais, antes de existirem como ciência, disciplina, existiram antes como uso, fruto do próprio dom do raciocínio e da fala. Com o tempo, elas foram sistematizadas, ganharam método, passaram a ser ensinadas como arte. E os sofistas foram seus primeiros professores. Quando as artes liberais ressurgem na Idade Média, é nessa tradição greco-romana que se vai basear todo o conteúdo. Eram sete as artes liberais: Gramática, Retórica e Lógica (Trivium – *artes sermocinales*); Aritmética, Geometria, Música e Astronomia (Quadrivium – *artes reales*).

Dizia Vicente Beauvais, frade dominicano do século XIII: “O homem que conhece o Trivium pode dissertar sobre todas as coisas de modo mais preciso, verdadeiro e elegante: preciso pela Gramática; verdadeiro, pela Dialética; elegante, pela Retórica”. O valor do conhecimento da Gramática, também criação dos gregos, foi genialmente sintetizado por Quintiliano, em suas *Instituições*: “Que ninguém, pois, desdenhe os princípios da Gramática como de pouco valor, pois os que penetram, por assim dizer, no interior desde santuário, ela revelará muitas sutilezas, que poderão não só aguçar a inteligência, como também propiciar uma erudição e um saber de grande profundidade”. A palavra *gramática* vem do grego *grammar*, que quer dizer *letras*. Gramática é a ciência que ensina a falar e a escrever corretamente, a usar corretamente o tempo dos verbos, o plural, a conhecer a origem e o significado das palavras, suas interconexões, mostrando a relação entre palavra e a realidade.

A dialética foi outra criação dos gregos; é arte de raciocinar, de buscar o verdadeiro pela reflexão lógica, pelos silogismos, é arte de debater, de argumentar, de disputar; platonicamente falando é um método de ascensão do mundo sensível ao mundo inteligível. Para Aristóteles era um método científico, uma condição necessária, primeira, basilar para se descobrir a ciência. A Dialética, também chamada de Lógica, estabelece regras para o raciocínio correto. Diz Harvey&Laurie no livro *Ensinando o Trivium: Estilo Clássico de Ensinar a Educação Cristã em Casa*, p. 163: “A rejeição da lógica leva à rejeição de Deus”. Frase muito real, é só ver o que é o fanatismo, a intolerância, o preconceito, o obscurantismo religioso, senão a negação da lógica, da razão, da ciência, conseqüentemente a própria negação de Deus.

A retórica, como já tivemos oportunidade de dissertar, é outra criação do gênio grego, um dos prazeres mais refinados cultivados pelo homem helênico. Sua finalidade é dizer bem, com o objetivo de persuadir, convencer, demonstrar, aconselhar, instruir, deleitar. Encontrou nos sofistas seu maior esplendor, seu maior desenvolvimento. Aristóteles a sistematizou no livro *Retórica* e a definiu como “a capacidade de ver mentalmente o que em cada caso e capaz de gerar persuasão”.

A retórica medieval foi essencialmente uma retórica voltada para a arte da pregação – *ars predicandi*. Aristóteles, Cícero, Quintiliano e Santo Agostinho formaram a base da retórica medieval.

3.4.3 - A retórica humanista e a *Ratio Studiorum*: o método pedagógico dos jesuítas

Durante o Renascimento e o Humanismo, período de grande destaque na história da humanidade e das ideias pedagógicas, que aconteceu por volta dos séculos XIV a XVI, há um forte ressurgimento da retórica, principalmente por meio das obras de Aristóteles, Cícero e de Quintiliano. Esse período caracterizou-se como um retorno e uma valorização da cultura clássica greco-romana como fonte de conhecimento, de luz e de beleza. A educação visava formar o homem de cultura clássica, letrado, erudito, amante do saber, exímio na arte da palavra.

Um dos grandes pensadores da educação deste período foi o holandês Erasmo de Roterdã, que no século XVI escreveu:

"Que efeito tem nos outros, não sei; pela minha parte, quando leio Cícero, especialmente quando ele trata de bem viver, sinto em mim tal impressão que não posso duvidar de que o coração de onde tudo isso brotou recebia inspiração divina. E este meu juízo mais me satisfaz quando reflecto na vastidão, na infinitude da bondade de Deus, que, segundo me parece, alguns tentam encerrar em limites estreitos, simplesmente de acordo com as suas próprias ideias.

Por onde caminha agora a alma de Cícero, não é para inteligência humana decidir. Mas eu, certamente, não iria contra a opinião daqueles que têm a esperança de que ele esteja em paz no Céu. Todos sabem que ele acreditava na existência de uma divindade infinitamente grande e infinitamente boa... Nunca concordei tanto com o juízo de Quintiliano: o homem que começou a apreciar Cícero pode estar certo de que fez progressos".

No capítulo *O renascimento e a educação humanista*, do livro *A Pedagogia: Teorias e Práticas da Antiguidade aos nossos dias*, Denis Simard (2014, p. 95), falando da centralidade da retórica nesse período assim, escreve:

A faculdade de discorrer no oral quanto no escrito, é aquela que devemos desenvolver antes de qualquer outra. O que ele [Erasmo] chama de *orationis facultas*, a faculdade verbal – arte por excelência - , é a arte de discorrer, de desenvolver uma ideia numa língua correta, e principalmente em uma língua fluida, elegante e bela, apropriada ao tema. A faculdade verbal é também a arte de analisar o pensamento, de dispor os seus elementos em uma ordem conveniente; em suma, é arte de falar bem, de escrever bem e de discorrer bem em qualquer circunstância.

“Não há nada, diz ele, de mais admirável e de mais magnífico do que o discurso (*oratio*) quando, rico de ideias e de palavras, ele flui abundantemente como um rio (ERASMO, apud DURKHEIM, 1969, p. 225).

Denis Simard (2014, p. 96, op. cit.) segue dizendo:

Como lembra Margolin (1981a), a formação do orador é o objetivo primeiro dos humanistas da Europa no século XV. O orador, no espírito dos humanistas, não se limita ao eclesiástico, ao orador político ou judiciário, mas diz respeito a todos aqueles cuja vida profissional consiste em convencer os outros pela ação da palavra ou da escrita. Para os humanistas – particularmente Erasmo, inspirando-se nos seus mestres Quintiliano e Cícero -, trata-se de desenvolver o mais possível, de dominar no mais alto grau, o que eles designam pela expressão *copia verborum*. A formação do orador compreende não só a multiplicidade dos recursos – jogos de palavras e de sentido, sinônimos, figuras de estilo -, mas também a precisão da linguagem, a força e a precisão de uma palavra, “a que convém em tal circunstância psicológica ou social, em tal momento, na presença de tal auditório” (MARGOLIN, 1981^a, 94). A formação do orador está na base da pedagogia humanista. É pela imitação dos Antigos que cada um pode descobrir por si mesmo a grande regra de agradar e comover (p.96). O orador, segundo o coração e o espírito dos grandes pedagogos humanistas, deve se propor, a exemplo do *orator*, de Cícero ou de Quintiliano, um triplo objetivo que vai além da simples retórica: docere (ensinar), delectare (agradar), movere (comover) (p.96)

Foi sob a força deste contexto histórico de grande influência dos Antigos e dos pensadores humanistas, que surgiu algumas das codificações pedagógicas mais importantes como a *Ratio Studiorum* dos Jesuítas, *A Conduta das Escolas Cristãs*, de João Batista de la Salle, *A Didática Magna*, de Comenius, *A Escola Paroquial ou a Maneira de Ensinar bem nas Escolinhas*, de Battencour, entre outras.

A Companhia de Jesus, ordem religiosa católica, foi fundada no século XVI, por Inácio de Loyola, e logo se expandiu pelo mundo conhecido, levando consigo uma forte missão educativa, com a criação de centenas de colégios em poucas décadas de existência, em grande medida com o objetivo de se contrapor a Reforma Protestante.

Visando dá uniformidade ao ensino em seus colégios e estabelecer regras de conduta para professores e alunos, depois de décadas de investigação, pesquisas e experiências, foi elaborado pelos jesuítas um plano de estudo com uma grade curricular e um conjunto de diretrizes pedagógicas que vincularia seus docentes e orientaria o funcionamento de seus colégios espalhados na Europa e nas colônias do Novo Mundo, e que ficou conhecido como *Ratio Studiorum*.

Além de disciplinas como Filosofia, Teologia, Gramática, Matemática, grande destaque era dado à arte retórica, quase toda esta baseada em Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Foi grande a influência dos jesuítas na história da educação, passando por seus colégios grandes nomes da história do pensamento como São Francisco de Sales, Molière, Descartes, Bossuet, Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Diderot, e nosso conhecido e grande orador luso-brasileiro Padre Antônio Vieira.

Em seu livro *O Método Pedagógico dos Jesuítas: O Ratio Studiorum*, o padre Leonel França S.J (1893-1948), um dos fundadores do Conselho Nacional de Educação em 1931, e fundador da primeira universidade católica do Brasil, a PUC-Rio, da qual foi o Reitor até sua morte, assim deixa claro a influência do pensamento retórico e pedagógico de Quintiliano como uma das fontes proeminentes do trabalho educativo da ordem jesuíta.

“As citações dos grandes clássicos fervilham. Ao lado da *Retórica* de Aristóteles, o *De Oratore* de Cícero, Plutarco e Sêneca figuram como preconizadores de um ideal humano a que pouco falta para ser cristão. A todos, porém, sobreleva Quintiliano.

Quintiliano encarna no século XVI a pedagogia romana. Com a sua moderação e bom senso, com a longa experiência de vinte anos de magistério, com o seu conhecimento psicológico da criança e da arte de educá-la, exerceu sobre a posteridade uma verdadeira fascinação. As suas *Instituições oratórias* são uma fonte inesgotável de inspiração e de imitação dos mestres mais graduados. No seu *De tradendis disciplinis*, Vives de si confessa que “se alguém atentar, bem verificará que o meu método de ensino coincide como de Quintiliano”. E, de modo geral, falando de toda a escola humanista, afirma W.H. Woodward: “Todos os educadores do Renascimento, homens de teoria ou homens de prática, nascidos em solo italiano ou germânico, Enéas Sylvius ou Patrizi, Agrícola, Erasmo, Malanchton ou Elyot, abeberam-se no texto e no espírito desse tratado [Institutio Oratoria].

A esse entusiasmo não se furtaram, nem se podiam furtar, sem deixar seu tempo, os jesuítas. Na elaboração prolongada e na redação definitiva do seu Plano de Estudos é visível a influência clássica, filtrada através dos autores contemporâneos, haurida diretamente nos mananciais antigos

Entre eles, a Quintiliano pertence o primado da influência. Negronius, nas suas *Orationes*, cita-o mais de duzentas vezes. Ribadeneira, um representante típico dos jesuítas da primeira geração, saúda no pedagogo romano, no nosso Quintiliano “um mestre de grande experiência e prática na área de educação”. Ledesma preza-o altamente. Manuel Álvares, autor da célebre *De Institutione Grammatica*, e Cipriano de Soares, autor *De Arte Rhetorica*, inculcadas como livros de texto no *Ratio*, confessam abertamente os seus numerosos empréstimos ao mestre comum. Sobre grande parte dos exercícios escolares – lições de cor, correção, de deveres, declamação, explicação de autores – O Código de ensino dos jesuítas inspirou-se mais de uma vez nas suas teorias e nos seus conselhos (2019, p. 33-34).

Toda a pujança da pedagogia dos jesuítas pode ser sentida na história da retórica e da educação nos séculos que se seguiram à sua elaboração, até o século XVIII, com a supressão da ordem em 1773.

No Brasil, destacou-se as pregações do padre jesuíta Antonio Vieira no século XVII, um dos grandes nomes da oratória sacra, com os seus famosos sermões, dentre os quais se destaca o *Sermão da Sexagésima*, uma monumental teorização da arte retórica a partir da parábola do semeador de Jesus Cristo. Podemos perceber na passagem que segue do citado sermão, como Vieira destaca

a força do éthos, da credibilidade, da prática ética do orador no trabalho de convencimento dos ouvintes: “Sabem, padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, pregamos aos ouvidos. Por que convertia o Batista tantos pecadores? Porque assim como suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava aos olhos” (*Sermões Escolhidos*, 2003, p. 88).

Vejamos em rápidas palavras como a retórica foi tratada no próximo período após o Renascimento, no iluminismo do século XVIII e no espírito cientificista do século XIX.

3.5 A RETÓRICA NO SÉCULO DAS LUZES

Um dos autores que muito contribuirá para o renascimento posterior da retórica no século XX com Perelman é o italiano Giambattista Vico, já considerado um filósofo iluminista (1668/1744), pois deu grande importância a retórica dos antigos. Ele mesmo foi professor de retórica e escreveu sobre a arte refutando os postulados racionalistas e matemáticos de Descartes e defendendo a retórica como um saber útil à vida em sociedade e relevante na construção de saberes relacionados às ciências humanas.

Dois obras suas são importantes para a revalorização do pensamento retórico: *De Nostris Temporibus Studiorum Ratione*, aula inaugural do ano letivo de 1708 na Universidade de Nápoles, e as *Institutiones Oratoriae*, um manual de retórica não publicado em vida. As duas obras foram reunidas e publicadas com o título *Elementos de Retórica* (2005). Giambattista Vico tinha um elevado conceito da retórica, definindo-a, em sua obra *La Nuova Scienza*, como “a sabedoria falando eloquentemente” (apud MATEUS, 2018, p. 59).

Durante o século XVIII, conhecido como o Século das Luzes, a retórica, principalmente com as brilhantes *Conferências Sobre Retórica e Belas Letras*, do filósofo iluminista Adam Smith, foi devidamente estudada e divulgada, influenciando outros estudiosos posteriores da retórica, como George Campbell, com sua *Filosofia da Retórica*.

Outro famoso iluminista que também deu destaque a força da eloquência em suas obras foi o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), que em sua famosa obra sobre a educação, *Emílio*, assim diz:

"O que os antigos fizeram com a eloquência é prodigioso; mas essa eloquência não consistia apenas em belos discursos bem ordenados, e nunca ela teve mais efeito do que quando o orador menos falava. O que se dizia com maior energia não se exprimia por palavras, mas sim, por sinais; não se dizia, mostrava-se. O objeto que se expõe aos olhos abala a imaginação, excita a curiosidade, mantém o espírito na expectativa do que se vai dizer, e muitas vezes só o objeto já diz tudo. [...] Quando da morte de César, imagino que um de nossos oradores, querendo comover o povo, teria esgotado todos os lugares-comuns da arte para fazer uma patética descrição de suas chagas, de seu sangue, de seu cadáver; [Marco] Antônio, embora eloquente, não disse nada disso; fez com que trouxessem o corpo. Que retórica!" (ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 462-463).

Como diz Bento Prado Jr. em *A Retórica de Rousseau* (2018, p. 87) “a ideia de eloquência é central na concepção que Rousseau tem das línguas e da história das sociedades”. Prado Jr., na referida obra, demonstra que “há em Rousseau uma teoria geral da retórica, das condições concretas (psicológicas, sociais e linguísticas) da persuasão” (p. 91).

Foi só durante o século XIX, com a preponderância do cientificismo, do positivismo, das grandes descobertas tecnológicas, que houve um recuo e um arrefecimento nos estudos da retórica, pensando-se mesmo que ela teria chegado ao fim.

No entanto, nenhum século, mesmo o XIX, desde a origem grega da retórica, ficou sem ser cultivada, ficou sem seus cultores, tendo uma existência ininterrupta ao longo de sua história. Em seu século de menor influência, o século XIX, destacam-se obras como a de Timon, *O Livro dos Oradores*, e de Capmany, *Filosofia da Eloquência*.

Depois da decadência dos estudos retóricos no século XIX, o século XX, a partir de sua segunda metade, viu ressurgir novamente o interesse pela retórica dos antigos, assim como aconteceu durante o período do Renascimento.

Foi por meio da redescoberta da retórica antiga, principalmente a desenvolvida por Aristóteles, que Chaim Perelman, o principal responsável por esse reavivamento, encontrou respostas para muitas de suas indagações, que o cartesianismo, o positivismo, a lógica formal, formas de pensar bastante hegemônicas no século XIX, não conseguiam responder, sem calar o pluralismo e o diálogo inerentes à construção epistemológica no campo das ciências humanas.

Tanto no século XX, quanto no século XXI, os estudos retóricos se renovam e se multiplicam em grande difusão por todo mundo. Abordaremos mais detalhamento esse *reavival* retórico decorrente da publicação do livro *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*, de Chaim Perelman, na seção 5, onde discutiremos mais especificamente a importância da arte retórica na prática educativa.

Passaremos agora a expor os fundamentos teóricos da retórica e sua proximidade e conexão com os fundamentos teóricos da didática.

4 OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ARTE DA RETÓRICA E DA ARTE DE ENSINAR

Abordaremos, nesta seção, mais especificamente, os fundamentos teóricos da arte retórica, a iniciar pelo estudo do verossímil (eikós), a espinha dorsal da retórica desde a sua fundação por Córax e Tísias.

Após, abordaremos o significado de kairós retórico, falaremos sobre a lei da adequação do discurso, de suas partes constitutivas (*inventio, dispositio, elocutio, actio e memoria*), a ordem do discurso (exórdio, narração, confirmação, refutação, peroração), as figuras de linguagem, as falácias, os estilos retóricos (simples, temperado e elevado), os objetivos do orador, os gêneros oratórios (deliberativo, judiciário e epidíctico), o éthos, o lógos e o páthos na retórica aristotélica, a voz, os gestos e a postura do orador e o uso dos recursos tecnológicos.

A seguir, faremos uma análise comparativa e aproximativa entre saber retórico e didática a partir da *Didática Magna* de Comenius, elaborando uma síntese desta e trazendo a luz, a partir de uma visão interdisciplinar, o quanto a retórica tem de didática e o quanto que a didática tem de retórica, pois ambas visam conquistar atenção, a simpatia e o interesse dos ouvintes para a instrução (*docere*).

4.1 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA RETÓRICA

Podemos afirmar que quase toda a fundamentação teórica da retórica encontra-se nas obras de Aristóteles, de Cícero e de Quintiliano. Na retórica antiga está quase toda a retórica. Se depois de Quintiliano não tivesse sobrevivido nenhum estudo sobre a retórica, pouca coisa teria se perdido desta disciplina, caso restassem as obras dos referidos tratatistas. Por isso, diz Reboul (2004, p. 1) que “a história da retórica termina quando começa”.

É a partir, principalmente, do referencial desses três autores clássicos que abordaremos os fundamentos teóricos da retórica, reportando-se também a alguns estudiosos que desenvolveram o tema a partir dos autores antigos citados, como Chaim Perelman, Armando Plebe, Olivier Reboul e Renato Barilli.

Passemos agora a discorrer sobre os tópicos que foram relacionados acima à teoria retórica.

4.1.1 A verossimilhança: a espinha dorsal da retórica.

A retórica, desde o seu nascimento, nasceu fundada na busca do verossímil. O verossímil também aparece com outros nomes, tais como, aceitável, crível, provável, preferível. A verossimilhança é o fundamento filosófico da retórica.

Desde Parmênides esse debate entre retórica e filosofia já vinha acontecendo no embate entre *doxa* (opinião) e *episteme* (ciência), debate que Platão levará ao extremo, rechaçando a retórica como mera opinião e optando pela filosofia, a verdadeira ciência. Sócrates, no *Fedro*, reconhece a busca do verossímil como a espinha dorsal que fundamenta a arte retórica.

Os sofistas, como grandes relativistas que eram, não estavam interessados na busca dessa suposta verdade platônica, localizada num mundo imaginário das ideias; os sofistas estavam interessados naquilo que era possível conhecer, naquilo que era possível chegar a um acordo por meio de uma sustentação racional, razoável e aceitável pelos sujeitos envolvidos num debate.

Aristóteles procura fazer uma síntese desse conflito entre platonismo e sofismo: ao mesmo tempo que procura demonstrações lógicas e apodíticas não desconhece que num amplo campo da atividade humana não é possível chegar a um verdade demonstrada, matemática, devendo, pois, se contentar com o provável.

Cícero, Quintiliano e todos os bons retores não se apartaram da retórica da verossimilhança, tendo Cícero a teorizado no que ficou conhecido na história da filosofia como probabilismo.

Em toda a história da retórica, a sua grande rival foi sempre essa pretensão dos lógicos, dos matemáticos, de opor-lhe uma verdade baseado em demonstrações lógico-matemáticas, como fala Barilli.

Talvez o momento de maior ataque a retórica, depois de Platão, tenha vindo de Descartes, pois foi a partir do espírito cartesiano que a retórica entrou num período de recuo. Descartes (2012, p. 1) na regra I de sua obra *Regras para Orientação do Espírito* dizia que “os estudos devem por meta dar ao espírito uma direção que lhe permita formular juízos sólidos sobre tudo o que lhe apresenta”. Na regra II (op.cit., p. 5): “Os objetos com os quais devemos nos ocupar são aqueles que nossos espíritos parecem ser suficientes para conhecer de uma maneira certa e indubitável”. Regra III (idem, p. 1): “No que tange aos objetos considerados, não é o que pensa outrem ou que nós mesmos conjecturamos que se deve investigar, mas o

que podemos por intuição com clareza e evidência, ou o que podemos deduzir com certeza: não de outro modo, de fato, que se adquire ciência”.

O pensamento cartesiano colocou no campo das meras opiniões as ciências morais, as ciências humanas, contribuindo muito para o desenvolvimento das ciências naturais e matemáticas. Sua influência se alastrou pela idade moderna e consolidou sua posição com o positivismo dominando todo o século XIX, século de maior crise da retórica.

Só no século XX a importância da busca pelo verossímil, pelo razoável, pelo aceitável, que implica diálogo, respeito ao outro, tolerância, debate, democracia, características do fazer retórico, são retomados com força pelo filósofo belga Chaim Perelman, que de uma certa forma já retomava a crítica que Giambattista Vico fazia no século XVIII ao cartesianismo então dominante.

Há um amplo campo de indagações da vida humana, das relações sociais, da vida em sociedade, que uma lógica matematizando, cartesiana, positivista não tem condições de “demonstrar à maneira dos geômetras”, como dizia Pascal. Quanto as estas questões, os homens precisam dialogar, persuadir uns aos outros, mostrar suas opiniões plausíveis, aceitáveis dentro daquilo que é possível entrar em acordo. É dentro deste espírito que a antiga retórica renasce.

Górgias (*Elogio de Helena*, 11) na Grécia já dizia que a retórica só deixaria de existir no dia em que o homem se tornasse conhecedor de tudo aquilo que aconteceu no passado, que acontece no presente e que acontecerá no futuro, ou seja, se ele se tornasse onisciente. Enquanto isso, os homens deveriam buscar por meio da persuasão um acordo baseado naquilo que era mais aceitável, mais crível, mais razoável.

Na ausência de uma verdade que se impõe a todos, é na dimensão da verossimilhança que reside toda a razão de existir da retórica.

4.1.2 O kairós retórico

A doutrina do kairós retórico é uma das mais relevantes exigências do processo de persuasão. Kairós significa “momento oportuno”, “tempo propício”, “hora certa”. Se um discurso, mesmo razoável, não for proferido na ocasião oportuna ele perde a sua força, sua potência persuasiva.

Górgias, em um fragmento que chegou até nós de seu discurso intitulado *Epitáfio* chamava o kairós de “a mais divina e universal lei”, explicando-o da seguinte maneira: “falar e calar, fazer e deixar fazer o que se deve no momento que se deve” (Apud DINNUCI, p.76).

O kairós não é um princípio só da retórica, mas está presente mesmo na natureza e em todas as ações humanas. Tudo aquilo que é empreendido sem o kairós está fadado ao fracasso. Aquele que argumenta, discursa, persuade inoportunamente, sem saber a hora de falar e calar, é tido como uma pessoa insensata, inconveniente, *nonsense*. O kairós retórico brota da fina percepção do orador, que atento à oportunidade, sabe em que momento seu discurso melhor será aceito pelo seu auditório.

4.1.3 A adequação: a lei suprema da retórica

Para o retor grego Isócrates, a adequação é a lei suprema da retórica. Referindo-se ao pensamento retórico de Isócrates, diz Jaeger: “Uma oratória perfeita tem de ser a expressão individual de uma situação, e a sua lei suprema é ser adequada” (2013, p. 1096).

Há um discurso adequado para as crianças, outro para os jovens, outro para os velhos, outro para as mulheres, outro para os homens, outro para os conservadores, outro para os progressistas, outro para os homens cultos, outros para os homens incautos, outro para os crentes, outro para os ateus, etc.

Há uma maneira adequada de se vestir dependendo de cada ambiente; há um tom adequado de voz, de gestos, de posturas para cada situação dada. Falar numa sala de aula é diferente de discursar num comício, ou de defender uma tese diante de um tribunal; para cada situação, uma maneira adequada de ser e de argumentar.

Dependendo da qualidade do auditório, da quantidade do auditório, das condições psicológicas, sociais e políticas de sua audiência, o orador sempre buscará a maneira mais conveniente e adequada de dizer, se realmente merece o nome de orador.

A violação da lei da adequação prejudica todo o trabalho argumentativo do orador. A adequação está ligada não só a habilidade, mas ao respeito que o orador deve ter pelo seu público, pois leva em consideração suas crenças, sua idade, suas

prevenções, seus valores, seus costumes, seus pontos de vistas, questões, dentre outras, que se não levada em consideração debilita o objetivo maior da argumentação que é provocar ou aumentar a adesão do auditório às teses que se apresentam ao seu consentimento. Segundo Perelman “é arte de levar em conta a heterogeneidade do auditório que caracteriza o grande orador” (2005, p. 24).

4.1.4 As partes constitutivas da arte da retórica

As partes constitutivas da retórica, que são cinco (invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia) foram magistralmente sintetizadas pelo autor de *Retórica a Herênio* quando diz que

O orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia. Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável. Disposição é a ordenação e distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar. Elocução é a acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção. Memória é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição. Pronúncia é a moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto (CÍCERO, 2005, p.55).

Para melhor esclarecer estas partes da arte retórica, citamos Reboul, que ao explicar esta sistemática assim esclarece:

O sistema começa com uma classificação: a retórica é decomposta em quatro partes, que representam as quatro fases pelas quais passa quem compõe um discurso, ou pelas quais acredita-se que passe. Na verdade, essas partes são principalmente os grandes capítulos dos tratados de retórica.

Quais são elas? Para não criar confusão, manteremos seus nomes tradicionais, do latim.

A primeira é a invenção (*heurésis*, em grego), a busca que empreende o orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso.

A segunda é a disposição (*taxis*), ou seja, a ordenação desses argumentos, donde resultará a organização interna do discurso, seu plano.

A terceira é a elocução (*lexis*), que não diz respeito à palavra oral, mas à redação escrita do discurso, ao estilo. É aí que entram as famosas figuras de estilo, às quais alguns, nos anos 60, reduziram a retórica.

A quarta é a ação (*hypocrisis*), ou seja, a proferição efetiva do discurso, com tudo o que ele pode implicar em termos de efeito de voz, mímicas e gestos. Na época romana, à ação será acrescentada a memória (REBOUL, 2004, p. 44-45).

Essas são as cinco partes, ou cinco tarefas, ou cinco deveres que o orador deverá se desincumbir, pois caso os violem, o seu discurso será fraco, pouco persuasivo, vazio, desordenado, mal escrito ou mal audível.

É ainda Cícero, que em outra de suas obras retóricas, *As Divisões da Arte Oratória*, escreve que “a competência do orador consiste em pensamentos e palavras. A invenção diz respeito aos pensamentos; já a elocução às palavras; embora seja comum a ambas, incide mais sobre a invenção. A voz, o gesto, a expressão, em suma, a arte de representar acompanham a elocução; todos estes recursos, guarda-os na memória” (p. 32).

Qualquer orador, seja o advogado exercendo uma defesa, seja o estudante apresentando um trabalho, seja o professor dando uma aula, seja o político proferindo um discurso, seja o líder motivando seus liderados, seja o publicitário preparando sua peça de divulgação, caso queira queira exercer seu ofício com mais brilho e eficácia, deverá ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia.

Vamos detalhar um pouco mais esse sistema, usando nossa experiência com a retórica há mais de 20 anos, estudando-a e exercendo-a no dia a dia, seja nos tribunais, em sala de aula, em sindicatos e em reuniões diversas.

A *invenção*, segundo Cícero em sua obra *Inventione*, é a primeira e mais importante parte da retórica (II, 178). É aqui onde se acha, se encontra, se descobre, se busca, se pesquisa, se investiga o que vamos dizer, escrever, pronunciar. É a parte cognitiva, mental e intelectual da retórica. O que temos dentro de nós de acúmulo, de experiência, de leitura, de capacidade criativa, capaz de nos fornecer um conteúdo que embase aquilo que pretendemos dizer para nossos ouvintes? Tão importante é esta parte da retórica que sem ela não podemos chamar quem fala em público de oradores, mas de meros palradores, falastrões.

Não existe verdadeiro orador sem conteúdo, sem conhecimento, sem estudo, sem leitura, pois é dentro desse acúmulo de saberes que o orador buscará aquilo que é preciso dizer para ensinar, provar, esclarecer, motivar, conduzir, buscar a adesão de nosso auditório. Daí porque a retórica é uma disciplina intelectual de elevado calibre, pois quanto mais conhecemos, quanto mais sabemos pensar bem, raciocinar com argúcia, mais temos condições de encontrar aquilo que é capaz de convencer. O conceito que Aristóteles nos traz de retórica, como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”, bem evidencia a importância que tem para o orador essa parte da retórica.

Quanto à segunda parte da retórica chamada de *disposição*, requer do orador grande inteligência, capacidade organizativa, para pôr em ordem tudo aquilo que ele

encontrou na invenção. É nessa parte da retórica que falamos do percurso que um discurso deve ter. Após termos o que dizer de relevante para persuadir, é importante que aquilo que vamos dizer seja exposto de uma maneira lógica, correta, clara, concisa e verossímil. São partes de um discurso: exórdio, narração, confirmação, refutação e peroração. Essas partes do discurso não seguem uma sequência rígida; importante é que tenha início, meio e fim; introdução, desenvolvimento e conclusão.

Cada parte do discurso cumpre uma função especial no trabalho geral da persuasão. Para que serve o exórdio? Como devemos narrar um assunto? Como podemos confirmar o que falamos? Qual a melhor maneira de refutar um argumento? Como deve ser a peroração de um discurso? Para melhor esclarecer como um discurso é disposto, e qual a função de cada parte dele, faremos uma seção exclusiva, que segue depois desta. Importante esclarecer que para muitos que não conhecem o sistema retórico, a oratória consiste em aprender apenas como dispõe um discurso, desconhecendo, por exemplo, a parte explicada anteriormente, a invenção, sem a qual, não temos a matéria-prima para a disposição, o “farto material”, o “abundante material”, o “copioso material”, ou seja, o vasto conteúdo mental, de que fala Anaxímenes de Lâmpsaco em sua *obra Retórica a Alexandre*.

A terceira parte do sistema retórico é a *elocução*. É uma parte da retórica onde desenvolvemos a beleza literária do dizer. Falar bem, escrever bem, é também falar de um modo belo, usando os recursos que a linguagem figurada coloca a disposição do orador. Com disse Reboul, no texto anteriormente citado, é nessa parte da retórica que o escritor trabalhará a estética do dizer. Não só o escritor, mas o orador também. Grande destaque no estudo da oratória tem as figuras de linguagem, que também chamamos de figuras retóricas, quando são usadas com o fim de persuadir. Uma fábula, uma metáfora, uma ironia, uma hipérbole, um eufemismo, são recursos poderosíssimos que o orador pode fazer uso para alcançar seus objetivos; dão vivacidade, sabor, tornam o discurso variado, colorido, caloroso, brilhante, estético.

Muitos escritores também reduziram o estudo da retórica apenas a essa parte do sistema retórico, a exemplo de um conjunto de estudiosos que ficaram conhecidos como Grupo *Mu* (*J. Dubois, F. Edeline, J.M. Klikenberg, P. Minguet, F. Pire, H. Trinon*) e que escreveram a prestigiada obra *Retórica Geral*. A retórica é uma totalidade, muito embora cada uma dessas partes possa ser estudada separadamente, pois rico é o material que ela coloca a disposição do pesquisador.

A parte seguinte da retórica é chamada de *memória*. Sem essa importante capacidade de reter o que foi trabalhado, como teria o orador condições de proferir o seu discurso? Cícero a chamava de guardiã de todas as partes do discurso. Gravar na memória, reter no espírito aquilo que aprendemos é de fundamental relevância para o orador. É a boa memória, a memória saudável, a memória ampla, que faz com que o orador se livre dos famosos brancos na hora de falar e perca o fio de ariadne de seu discurso.

Nem sempre será possível para o orador falar acompanhado de um roteiro escrito, e mesmo para elaborar um roteiro escrito o orador precisa se lembrar de tudo aquilo que ele já leu, estudou, pesquisou, já acumulou ao longo do tempo. O bom orador cuida de sua memória, a exercita, a valoriza, a aperfeiçoa por meio de exercícios e estudos. Os oradores de boa memória costumam impressionar o auditório, que admirados com tal talento se dispõem a entregar com mais facilidade seu assentimento a um homem de tão grande inteligência.

A derradeira parte da oratória é a *pronúnciação*. Não pode o orador falhar em momento tão importante. Se ele tiver invenção, disposição, elocução, memória, mas não tiver a capacidade de dizer, de pronunciar, de emitir seu discurso, de quase nada adiantará todo o trabalho acumulado. Essa é a parte mais visível da oratória, inclusive a mais ensinada nos cursos de oratória que são oferecidos. Muitos, infelizmente, reduzem também a oratória a apenas essa parte. Se o orador não for competente nas partes anteriores, pouco adiante ter voz bonita, gestos expressivos, semblante carismático, voz sonora e harmoniosa. No entanto, para sermos claros, é nesta parte da oratória que vemos o orador em ação, é onde o produto final de seu trabalho chegará aos ouvintes. Ele precisa ser agradável no tato com o seu público, ser simpático, ter uma voz clara, um semblante leve, gestos compatíveis com o que ele diz.

Para o grande orador grego Demóstenes, a ação, também chamada de emissão, de pronúnciação, de representação, é a parte principal da oratória. Segundo conta Plutarco, historiador grego, em sua obra *Vida de los Diez Oradores*, Demóstenes, depois de ter fracassado num discurso diante da assembleia ateniense, devido a sua fraca voz, aos seus gestos desordenados, ao seu semblante acanhado, e após esse fracasso, ter sido aconselhado por um ator a aperfeiçoar sua teatralidade, ou seja, a dar vida a voz, ao gesto, ao semblante, quando alguém o perguntava o que era mais importante num discurso, ele respondia que era a

pronúnciação; se alguém perguntasse novamente qual a segunda mais importante parte do discurso, ele respondia que era a pronúnciação, e se alguém insistisse sobre a terceira parte mais importante do discurso ele continuava dizendo que a era a pronúnciação (PLUTARCO, 2005, p. 70).

A importância da pronúnciação, que é o trabalho final do orador, pode ser melhor aferido pelo que Cícero, no *Brutus*, XXIX, 110, afirma: “Pois nem me interessa ver que é que deva ser dito, caso não sejas capaz de dizê-lo de modo desembaraçado e suave; e nem sequer isso basta, se o que é dito não se torna mais realçado pela voz, pelo semblante, pelo gesto”.

Vejamos agora como se organiza a apresentação de um discurso.

4.1.5 Como se organiza um discurso

Como se organiza, como se compõe um discurso é tarefa da disposição, segunda parte da retórica. No entanto, devido ser algo que se destaca dentro do trabalho do orador, iremos tratar o assunto em tópico separado.

Nem sempre as partes do discurso coincidem nos autores dos tratados da retórica, variando de três até sete partes. Aqui trabalharemos com quatro partes do discurso: exórdio, narração, argumentação e peroração.

O exórdio é a parte inicial do discurso. Nele se faz a saudação e os cumprimentos iniciais aos presentes, e sua grande missão é conquistar a simpatia, a benevolência, a docilidade e a atenção dos ouvintes. Antes de adentrar ao assunto que vai falar, o orador precisa muitas vezes esclarecer questões preliminares, afastar prevenções, preconceitos contra si, contra o tema e outras situações. Raramente adentramos ao tema de forma abrupta. Antes de desenvolvermos o assunto é preciso limpar o terreno, cativar a atenção do auditório, despertar-lhe o desejo de nos ouvir.

Nem sempre o exórdio se faz necessário quando todos já sabem do que se trata e esperam do orador uma opinião mais direta num curto espaço de tempo para se manifestar. No entanto, quando numa defesa criminal, numa exposição de um tema polêmico, na defesa de uma ideia, numa apresentação, numa assembleia, geralmente o exórdio cumpre uma função das mais importantes. É preciso que o orador se apresente, demonstre com habilidade que conhece o assunto, que

conquistou o direito de falar sobre o tema, que trate os ouvintes com respeito, tudo visando adentrar no ponto central da causa.

Após conquistar a atenção, após desarmar os ouvintes, após dispô-los favoravelmente, o orador passa a propor de que maneira vai desenvolver o seu tema, a sua ideia, a sua tese, aqui ele entra na parte contedística de seu trabalho, revelando seu conhecimento do que fala, o que deve fazer com clareza, correção, credibilidade, objetividade, brevidade, verossimilhança, vigor, lógica e adequação.

Após expor os fatos, as ideias, as teses, o orador desenvolverá um trabalho argumentativo em torno que falou, trazendo provas, exemplos, autores, livros, leituras para confirmar seu discurso. Da mesma forma refutará as opiniões contrárias, desmascarará as falácias, os estratagemas erísticos do adversário, mostrará a impropriedade, a fragilidade, a caduquez dos pensamentos opostos. É aqui que se revela o orador argumentador, dialético, com grande capacidade argumentativa, e com profundo domínio do conteúdo do que defende. Tudo isso o orador faz com grande habilidade, tentando conquistar cada vez mais a adesão dos ouvintes, pois seu objetivo é convencer, persuadir seu auditório, e, portanto, é neste momento que o orador mostrar que sabe o que diz, que está preparado e merece receber da audiência o seu assentimento.

Um ponto de fundamental importância neste trabalho argumentativo do orador é conhecer as formas capciosas da argumentação, as falácias, não para usá-las, mas para delas se defender e desnudá-las. Isso merecerá um tópico especial, conforme pode ser visto no tópico 4.1.4, por ser um tema que se destaca também dentro do estudo da oratória.

Depois de conquistar a atenção dos ouvintes, de expor com competência suas ideias, de fundamentá-las com solidez, chega a hora do orador concluir seu discurso. É uma parte muito importante do trabalho do orador, pois é aqui que ele envolverá e comprometerá o ouvinte com a adesão ao que ele defendeu. Nesta parte do discurso o orador pode fazer uma breve recapitulação do que falou e concluir com força, energia, paixão, podendo para tanto usar uma imagem, ilustrar o pensamento com uma sentença dos sábios, uma breve fábula, uma história engajadora, para mover os sentimentos dos ouvintes e levá-los a agir, a decidir, a mudar de opinião, a despertar para um tema, a se interessar por uma ideia, a votar favoravelmente ao orador, ou seja, a ter uma atitude favorável diante do discurso do orador. O orador não fala em vão, ele é chamado a falar para ensinar, instruir,

convencer, motivar, deleitar, provar, despertar, entusiasmar, sendo isso o que se espera do resultado de um discurso, e a peroração visa a tal engajamento.

O padre jesuíta Antonio Vieira, destacado representante da retórica sacra, no *Sermão da Sexagésima*, proferido no ano de 1655, em Portugal, com o brilho de sua oratória barroca, e dentro dos cânones da retórica antiga, assim sintetiza com suas palavras pomposas o trabalho do pregador, que também é o trabalho de qualquer outro orador.

“Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os feitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder as dúvidas, há de satisfazer as necessidades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto.

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar com ela. Quereis ver tudo isso com os olhos? Ora vede: uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há de ser o sermão. Há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar de uma só matéria; deste tronco há de nascer diversos ramos, que são os diversos discursos, mas nascidos de uma mesma matéria, e continuados nela; estes ramos não hão de ser secos, mas cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Há de ter esta árvore varas, que são a repressão dos vícios, há de ter flores que são as sentenças e por remate de tudo há de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há de ordenar o sermão. De maneira que há de haver frutos, há de haver flores, há de haver varas, há de haver folhas, há de haver ramos, mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são verças. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhaté. Serem tudo frutos, não podem ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, a que podemos chamar árvore da vida, há de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um único tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.

Tudo o que tenho dito pudera demonstrar largamente, não só com os preceitos dos Aristóteles, dos Túlios, dos Quintilianos, mas com a prática observada do príncipe dos oradores evangélicos S. João Crisóstomo, de S. Basílio Magno, S. Bernardo, S. Cipriano, com as famosíssimas orações de São Gregório Nazianzeno, mestre de ambas as igrejas. E posto que nestes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, S. Gregório e muitos outros, se acham os Evangelhos apostilados com nomes de sermões e homilias, uma coisa é expor e outra pregar; uma ensinar e outra persuadir. E desta última é que eu falo, com a qual tanto fruto fizeram no mundo Santo Antônio de Pádua e S. Vicente Ferrer” (*Sermões Escolhidos*, 2003, p. 95-96).

São grandes as lições retóricas que podemos extrair dos ensinamentos de Padre Antônio Viera no *Sermão da Sexagésima*, um texto de grande beleza literária e retórica e que muito ensina a elaborar e a proferir um discurso. A retórica é uma saber de uso multidisciplinar, portanto é valioso instrumento posto a serviço da política, dos diálogos cotidianos, da educação, do direito, da filosofia e da pregação religiosa. Por ser um saber versátil, maleável, é uma arte que se aplica a vida, porque é a arte da palavra, atributo dos seres racionais que somos.

4.1.6 As figuras de linguagem

O conhecimento das figuras de linguagem é um tema importante dentro do estudo da retórica. É um assunto que faz parte da terceira parte da retórica, a elocução (*elocutio*), mas devido a sua relevância e extensão, e até mesmo a sua autonomia, a explicaremos melhor nesta seção à parte.

Desde os primórdios da retórica, as figuras de linguagem tem um espaço e uma atenção especial dentro da arte de dizer bem, pois falar bem não é dizer de qualquer jeito, mas falar de um modo mais arranjado, destacado, mais relevante, mais belo, que embora não desprezando a linguagem do dia a dia, dela se diferencia, pela ordem e beleza do dizer.

O sofista Górgias a deu grande destaque; fazia tanto uso delas que as figuras de linguagem ficaram conhecidas em sua época como figuras gorgianas. Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Perelman, Anaxímenes de Lâmpsaco, todos os grandes tratatistas da retórica a teorizaram. Segue brevemente uma exposição sobre elas.

As figuras de linguagem nascem com a própria linguagem humana. Duas são as funções da linguagem: a expressão conotativa e a expressão denotativa. As figuras de linguagem afastam-se da expressão denotativa, objetiva, comum, onde aquilo que se diz coincide com aquilo que se quer dizer. Ela faz parte da linguagem conotativa, pois é usada para sair do sentido literal, e tal uso incomum chama a atenção, desperta admiração, gera prazer, porque causa estranhamento, variedade, novidade, sai do corriqueiro, pois as pessoas se cansam de coisas muito óbvias.

Existe uma teoria linguística que defende que foi pela onomatopeia, a imitação dos sons pela voz humana, que as línguas começaram a existir. Todos os escritos mais antigos, a exemplo da *Bíblia*, da *Ilíada*, da *Odisseia*, do *Bhagavad Gita*, estão recheados de figuras de linguagem. É inerente ao dom da fala, todos as usam.

Agora, seu uso enquanto saber, enquanto conhecimento sistematizado e uso consciente com propósito persuasivo tem sua origem com Górgias de Leontinos, sofista grego, que viveu no século V a.C. Tão fartamente usava as figuras de linguagem, como já dito, para embelezar o discurso e encantar e conduzir os ouvintes que as figuras de linguagem eram chamadas de figuras gorgianas.

Aristóteles falou delas na *Retórica* e na *Poética*; Cícero, em *Retórica a Herênio* escreveu sobre 65 figuras de linguagem; Quintiliano falou delas em *Instituições Oratórias*, nos livros VIII e IX; Santo Agostinho e quase todos os medievais escreveram sobre elas; o Renascimento as deu grande valor; até hoje continuam sendo estudadas e admiradas como preciosos recursos estilísticos da língua, em vários campos do saber. Portanto, foi dentro da *Retórica* que nasceu o estudo das figuras de linguagem.

É um pouco complexo chegar a um acordo em sua divisão e classificação, quantas são, quais, pois algumas são parecidas, ora autores as dividem, ora veem como subdivisão de uma outra. Dante Tringali explica 73 delas; Fiorin, também 73; Reboul, 37; Perelman estuda em torno de 20, as mais voltadas para a argumentação. Essas figuras são classificadas em bloco, que também ganham muitos nomes: figuras de palavras (não modificam o significado da expressão), figuras de pensamento (modificam o sentido da frase), figuras de ritmo (musicalidade), figuras de retórica (voltada para persuadir, figuras de presença, figuras de escolha, figuras de comunhão), figuras de ideologia (usadas nas falácias), etc.

É um estudo que envolve grande erudição. Antes de entrarmos no estudo das que mais nos interessam, cabe a pergunta: O que são figuras de linguagem e para que servem? São recursos poéticos, artísticos que servem para embelezar e encantar a oração; e também são recursos retóricos que servem para aumentar o poder persuasivo do discurso porque formam imagem, geram sensações, despertam a reflexão, criam comunhão entre quem fala e quem ouve, quem escreve e quem ler. Longino, século III d.C, em seu *Tratado do Sublime*, diz que são cinco as fontes de uma oratória grandiosa: a sublimidade dos pensamentos, o entusiasmo, o uso das figuras de linguagem, a qualidade nobre da elocução e a dignidade de uma vida ética.

Escolhemos a seguir as mais poderosas e relevantes no trabalho do orador. Quando a figura de linguagem já é muito trivial e batida não tem efeito, quando é

muito conhecida também não. Alguns nomes dessas figuras chegam a ser extravagantes. A ironia (vem de ira, dissimulação, de longe, a mais culta das figuras de linguagem, segundo Quintiliano). A hipérbole (exagero, “não convém ao homem maduro”, no dizer de Aristóteles, pois é muito comum entre os mais jovens e aqueles que gostam de mentir).

A hipérbato é deslocamento da ordem da frase. O eufemismo é oposto da hipérbole. O quiasmo (cruzamento, ex: “Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”). A metáfora (significa transporte, proporciona o exótico, é o ornamento máximo do discurso. Ex: “Beberemos hoje o vinho da sabedoria no cálice de teu augusto cérebro”, Samael Aun Weor). A antonomásia (substitui o nome por uma característica da pessoa, ex: o Pai da Pátria, para Cícero; a Águia de Haia, para Rui Barbosa). A alegoria (significa falar em público, fábulas, mitos, metáforas sucessivas, muita usada por Jesus, Buda, pelos os sábios.). A preterição (diz que não vai falar algo e vai falando). A paráfrase (citar, comentar com suas próprias palavras).

A perífrase (circunlóquio, dizer a mesma coisa de formas diferentes). A etimologia, entendida como origem das palavras, tem grande poder persuasivo. A comparação ou símile (diferencia-se da metáfora devido ao uso do *como*, *tal qual*). A hipotipose (é criação de imagens enquanto se fala, a cena é posta diante dos olhos, um dos mais poderosos recursos do convencimento). A metonímia (mudança, sínecdoque, intelecção). Catacrese (gíria do cotidiano, ex: céu da boca, asas da xícara, pés da mesa). Zeugma (supressão de palavras já subtendidas). O oxímoro (santamente criminosa, luminosa escuridão). A antífrase (muda o nome de algo por ser mais favorável, ex: Cabo das Tormentas para Cabo da Boa Esperança). O slogan (‘faça amor, não faça guerra’). A prosopopeia (personificação, ex: ‘a lua sorriu pra mim’). A apóstrofe (ex: “Trabalhadores de todos os países, uni-vos”). A paronomásia (usa a semelhança fônica, ex: ‘sem recuar sem cair sem temer’). A paródia (a comédia representa o homem de forma inferior, a tragédia, de forma superior, Aristóteles em *Poética*). A reticência ou aposiopese (revela o implícito, o subtendido).

A pergunta retórica (“Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?”). A epanalepse (repetição retórica de termos). A repetição (não por falta de palavras, mas para dá ênfase ao que é dito). A gradação (ex: ‘Ele é uma pessoa boa, um verdadeiro filho de Deus’). A antecipação ou prolepses (esclarece com antecipação,

um grande recurso da argumentação). A correção (para acentuar um significado melhor). Sinonímia (uso de sinônimos, Pródico, o sofista, era exímio na arte da sinonímia). Assíndeto (ex: “Vim, Vi, Venci”, Júlio César, sem conectivos). Polissíndeto (ex: “Ele chorava e sorria e indagava sobre muitas coisas”, com conectivos). Sinestesia (fazer sentir). Pleonasma (é correto quando consciente).

Pouca gente se contém com a simples verdade, fala Quintiliano. Daí porque as figuras de linguagem servem para embelezar a verdade, florear o deserto dos argumentos, vestir o discurso, encantar pela beleza literária do dizer. Não é aconselhável para o orador desconhecer essa importante parte da retórica.

4.1.7 As falácias

Em grande medida, as reações que sempre existiram contra a retórica, se confundem com o combate as falácias. Já na época dos sofistas, um grupo de oradores abusavam da arte de persuadir, desvinculando-a da ética e da honestidade argumentativa, e eram chamados de sofistas erísticos. Estes habilidosos oradores, que aparecem retratados no diálogo *Eutidemo*, de Platão, tinham como único objetivo vencer e calar o opositor. Tanto Platão quanto Isócrates, e mesmo Aristóteles empreenderam um combate contra eles, sendo que este último escreveu um livro intitulado *Argumentações Sofísticas*, onde estuda, revela e desmascara essas estratégias da má retórica.

Também chamadas de sofismas - mas prefiro a expressão falácias em respeito aos primeiros mestres sofistas do século V a.C. -, as falácias expressam a ingenuidade e às vezes a malícia da mente ilógica. Ao longo da história elas foram catalogadas e nomeadas, e uma das formas de desmascarar as falácias é conhecê-las e expô-las. Todos nós, quando distanciados da razão e da lógica, e dominados por interesses e paixões, às vezes, inconscientemente as usamos.

Algumas falácias conhecidas: *argumentum ad antiquitatem*, *ad baculum*, *ad ignorantiam*, *ad hominem*, *petição de princípio*, *ad absurdum*, *ad misericordiam*, *ad populum*, *ad temperantiam*, *tu quoque*, *ad nauseam*, *ad novitatem*, *ad lazarum*, etc. Madsen Pirie enumera pelo menos 84 delas no seu livro *Como Vencer Todas as Argumentações Usando e Abusando da Lógica*.

Baseado no estudo de Aristóteles sobre as falácias, o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) escreveu um interessante tratado sobre o uso delas, num

livro intitulado *Como Vencer um Debate sem Precisar ter Razão em 38 Estratagemas (Dialética Erística)*. Na verdade o livro do referido filósofo não tem um título preciso, recebe nomes diferentes conforme o entendimento de cada autor e editora, de cada pesquisador. Shopenhauer diz que “a erística é a arte de discutir, e mais especificamente, de discutir de modo a ter razão, isto é, per faz et nefas (por meios lícitos e ilícitos)”.

O objetivo do orador falacioso não é a verdade, o objetivo é o poder, é vencer o adversário. De onde provém essa necessidade de enganar, de iludir? Da própria natureza perversa do homem. Essas artimanhas estão presentes no nosso dia a dia, do homem rude ao homem culto. E leva ao erro muitas pessoas.

Nunca rica passagem da primeira parte das *Refutações Sofísticas*, obra que inspirou Shopenhauer, diz Aristóteles que as falácias residem no plano das aparências enganosas, pois há aqueles que são verdadeiramente ricos e aqueles que usam de engodos para parecem ricos, há aqueles que são belos e aqueles que usam de enfeites para parecem belo, aqueles que são saudáveis e os que usam de simulação para parecem saudáveis, os que são objetos valiosos e os objetos que são falsificados para parecem valiosos, e há os argumentos verdadeiros e os argumentos que usam de falsos silogismos para parecem verdadeiros. Existe sem dúvida um ponto onde a semelhança entre o real e o ilusório não é tão fácil de discernir. Devemos conhecer as falácias para se defender e para desmascarar o impostor.

As falácias enganam aos que não as conhecem, aos ingênuos. Quintiliano diz: “Poucas pessoas se contentam com a verdade simples. O homem é, pela sua própria natureza, levado a exagerar e a diminuir as coisas conforme lhe convém”. E o primeiro estratagema que o filósofo Shopenhauer revela em seu livro é relacionado a isso: a ampliação indevida. “*Mesmo sem nos darmos conta somos impelidos à desonestidade durante uma discussão*”, diz Shopenhauer. Conhecer isso é algo sempre muito atual. É conhecer a si e conhecer o outro. É um tema central na formação de um bom orador, que não entra em combate como um ingênuo diante das estratégias maliciosas de seus oponentes.

A obra de Shopenhauer traz 38 estratagemas, que são chamados de falácias. Vamos nos ater em alguns mais conhecidos e usuais, para ilustrar. Muitas falácias dessas receberam nomes, e foram identificadas ao longo do tempo. “*Ampliar indevidamente o que uma pessoa falou*” – temos que falar de forma precisa

para que nossas afirmações não sejam generalizadas pelo adversário. “Desestabilizar até a pessoa perder o controle diante dos outros” – é preciso domínio de si; quem entra num debate tem que cultivar essa virtude.

Seguimos falando de outras. “Colocar palavras diferentes na boca do adversário” – o orador revela seus propósitos pelo nome que dá as coisas. “Falsa proclamação de vitória” – ganhar no grito, principalmente dos tímidos e dos acuados. “Argumento ad hominen” - pessoas que defendem o suicídio, mas não se matam. “Mudar o assunto quando perceber que vai perder o debate”. “Rotular, deturpar as coisas”, falácia do espantalho.

“Tirar as coisas do contexto”, dando interpretação diferente. “Argumento de autoridade”, só porque fulano falou, ou seja o argumento do *magister dixit*, “o mestre disse”. “O ataque pessoal”, quando não resolve com boa argumentação. A “falácia ad baculum”, usar a ameaça e não a persuasão. “Falácia ad populum”, o povo aprova. ‘Petição de princípio’, é o que mais existe, a pessoa parte de uma verdade dele, que para os outros precisa, antes de ter seus desdobramentos, primeiramente ser provada.

Portanto, é um tema de fundamental importância para o orador conhecer as falácias, não para usá-las, pois isso tiraria o brilho de um orador ético, mas para demoli-las, e só podemos desconstruí-las se as conhecermos. É o conselho de Aristóteles em *Refutações Sofísticas*: “É tarefa daquele que detém ele mesmo conhecimento de um determinado assunto abster-se de argumentos falaciosos em torno dos temas de seu conhecimento e ser capaz de denunciar aquele que os utiliza (I, 25).

4.1.8 Os três estilos retóricos e os três objetivos do orador

Esse é um assunto de grande relevância para que o orador possa se conhecer melhor. Qual o estilo retórico que mais se encaixa à sua natureza, ao seu temperamento, a sua personalidade, ao seu jeito de ser. Também conforme o tema e o ambiente no qual se faz uso de sua palavra, determinado estilo é mais adequado do que outro. E mesmo num discurso se pode fazer uso de todos os estilos ao mesmo tempo, a depender da capacidade do orador.

Segundo Plebe (1978, p. 54), desde Teofrasto, discípulo de Aristóteles, e de Demétrio de Falero, discípulo de Teofrasto, consagrou-se nos estudos da oratória a

teoria dos estilos literários. Estes estilos são três, simples, temperado e grandiloquente. Em Roma, eles também eram chamados de outros nomes, ático, ródio e asiático, respectivamente. Tanto Cícero quanto Quintiliano e Agostinho estudaram acuradamente cada estilo desses.

No estilo simples, temos a linguagem e os gestos comedidos, o orador fala quase que coloquialmente, com grande naturalidade e espontaneidade, com poucas figuras de linguagem, visando a clareza, o entendimento, a precisão daquilo que fala. Foi em Atenas, que fica na região Ática da Grécia, que esse estilo foi muito valorizado e cultivado por grandes oradores do século V e IV a.C., como Antifonte, Andócides, Lísias, Isócrates, Iseu, Ésquines, Demóstenes, Licurgo, Hipérides, Ésquines e Dinarco, considerados os dez maiores oradores áticos, tão bem retratados no livro *Vida dos Dez Oradores*, de Plutarco.

Bem diferente do estilo simples é o estilo grandiloquente, também chamado de estilo elevado, nobre. O sofista Górgias é talvez o maior representante desta escola. A oratória é rebuscada, colorida, literária, cheia de grandes floreios retóricos, que impressiona, comove, encanta; faz grande uso das figuras de linguagem e dos recursos poéticos a disposição do orador acompanhado de grandes gestos e de retumbante e melodiosa voz.

Grande força terá esse estilo retórico na oratória barroca do período renascentista. Na Roma antiga, o grande advogado e rival de Cícero nos embates forenses, e do qual Cícero cultivava grande admiração, Hortênsio, foi o maior representante deste estilo de falar, admirado por muitos. O estilo nobre era muito cultivado nas cidades gregas da Ásia, daí também ser chamado de asianismo.

Como em quase tudo, não tardou para que um estilo intermediário surgisse para propor um equilíbrio entre os estilos estremados, e Cícero foi um dos grandes representantes do estilo temperado, também chamado de médio. Isso não quer dizer que esses estilos sejam excludentes, mas nem todos os oradores têm o dom e a capacidade de fazer uso dos três estilos, daí Cícero dizer que “ser eloquente é poder tratar assuntos menores em estilo simples; assuntos médios em estilo temperado e grandes assuntos em estilo sublime” (*De Oratore*, 29, 10s). Cícero definirá exatamente o orador perfeito como aquele capaz de falar bem em todos os gêneros retóricos (judiciário, deliberativo e epidíctico, que veremos no próximo tópico) e de se expressar com suma competência nos três estilos de que falamos acima, e cumprir com excelência os objetivos do orador que é instruir, deleitar e comover.

Vejamos o que diz Santo Agostinho sobre os três objetivos do orador de que fala Cícero e de como cada objetivo desses está ligado a um estilo de fala, o que faz na IV parte de sua *Doutrina Cristã*, intitulada *Sobre a Maneira de Ensinar a Doutrina*:

“Disse certo orador [Cícero] – e disse a verdade – que é preciso falar de ‘maneira a instruir, a agradar e a convencer. Depois acrescentou: ‘instruir é uma necessidade, agradar, um prazer; convencer uma vitória’.
O primeiro objetivo, isto é, a necessidade de instruir relaciona-se com as ideias a serem expostas: os outros, deleitar e convencer, com a maneira como as expomos. Em consequência, ao visar à instrução, o orador, enquanto não for compreendido, deve julgar que ainda não disse o que pretendia dizer ao auditório que deseja ver instruído (..) Por outro lado, se ele pretende agradar ou convencer seu auditório, não o conseguirá falando de qualquer modo. (...) Assim como é preciso agradar o auditório para o manter na escuta, também é preciso convencê-lo para o levar ação. (...) Instruir é o principal objetivo, se os ouvintes não sabem o que tem que fazer, é preciso antes de tudo instruí-los antes de convencê-los (...). Ensine para instruir e agrade para cativar, mas ainda, convença para vencer. Não lhe resta, com efeito, senão um meio para levar o ouvinte a dar seu consentimento: o de convencer pelo poder da eloquência, no caso em que a demonstração da verdade, unida ao encanto da expressão não conseguiu fazê-lo. (..) Quem em seu discurso esforça-se por persuadir para o bem deve, sem excluir nenhum dos três objetivos (instruir, agradar e converter) falar após ter rezado, como dissemos, de modo a ser escutado com entendimento, prazer e docilidade. (...) Pois as esses três objetivos (instruir, agradar e convencer) correspondem três tipos de estilo, como parece ter desejado demonstrar aquele mestre de eloquência romana quando disse: ‘Ser eloquente é poder tratar assuntos menores em estilo simples; assuntos médios em estilo temperado e grandes assuntos em estilo sublime’. É como se ele anexasse os três objetivos aos três estilos, desenvolvendo um só e único pensamento na sua frase: ‘Ser eloquente é ser capaz de falar para ensinar em estilo simples as pequenas questões; para agradar, tratando questões médias, em estilo temperado. E para convencer, expondo grandes questões em estilo sublime’.”

Cabe ainda, esclarecer um pouco mais o assunto. O professor dando sua aula no dia a dia, com o objetivo principal de ensinar, tende a usar um estilo simples de falar, sem pompas, sem arrebatamentos. Já um palestrante falando, motivando um auditório na busca de realizar seus objetivos na vida com determinação, falará com um pouco mais de gestos, com muitos exemplos, com figuras de linguagem, com uma linguagem mais viva até. Um advogado diante de um Júri polêmico tenderá a falar com mais grandiloquência tentando mover os sentimentos dos jurados; da mesma forma falará um político em grandes manifestações de rua. Isso não quer dizer que o professor não possa em determinado momento de sua aula variar seu estilo, o mesmo acontecendo com o palestrante motivador e com o advogado ou o político. A variedade do dizer é um dos grandes trunfos da arte retórica; a monotonia cansa, afasta atenção dos ouvintes; a monotonia é a morte do discurso.

Quando se diz que um dos objetivos do orador é agradar, é preciso deixar claro que isso não significa bajular. É dever daquele que quer ser ouvido com atenção ser agradável no trato com as pessoas, ter um tom de voz cordial, ser um diplomata nas relações com seus ouvintes. Ninguém gosta de ouvir uma pessoa desagradável, irritadiça, preconceituosa, chata, arrogante falando. É muito difícil o orador cumprir o objetivo de ensinar ou de mover um auditório, caso os ouvintes o tenham com uma pessoa intratável. O próprio Agostinho diz (*Doutrina Cristã*, p. 235 e 236) que a arte de agradar tem um lugar muito importante na eloquência, pois agradar é sempre útil, quando não oposto à verdade e à seriedade.

Não são todos os oradores que conseguem desenvolver todos os três estilos retóricos. Há aqueles que só conseguem fazer uso de um estilo simples; outros não conseguem falar senão num estilo mais temperado; e outros ainda que estão a quase todo tempo falando no estilo mais agitado, grandiloquente. O importante é descobrir o estilo que mais se adapta a nossa maneira de ser, e ter sempre presente a ideia de que embora não consigam dominar os três estilos retóricos, é preciso dizer coisas simples de uma maneira amena, e assuntos polêmicos de forma mais temperada e às vezes mais viva, a depender do tema, do auditório e do ambiente em que se encontra o orador. Um professor combatendo o fascismo numa sala de aula, pela própria natureza do assunto, não pode falar como se estivesse apresentando aos alunos seu plano de aula. Cabe a cada pessoa se auto-examinar e descobrir seu estilo, e aperfeiçoá-lo com o estudo da retórica.

4.1.9 Os gêneros oratórios

Aristóteles, seguindo os passos dos antigos que o precedeu, identificou três grandes gêneros que se divide a arte retórica: o judicial, o deliberativo e o epidíctico. A retórica judicial ou forense se exerce no âmbito dos tribunais; a retórica deliberativa, no âmbito das assembleias políticas; e a epidíctica, no âmbito da instrução, do ensino, do ataque aos vícios e da promoção das virtudes.

Muito embora cada gênero desses tenha seu público alvo, seu fim específico e o tempo próprio a que se refere (passado, presente, futuro) eles se interagem e se complementam, sendo que o que distingue um dos outros são suas características preponderantes.

Assim explica Aristóteles em sua Retórica:

“Os gêneros de retórica são três em números; pois outras tantas são as classes de ouvintes dos discursos. Com efeito, o discurso comporta três elementos: o orador, o assunto que fala, e o ouvinte; e o fim do discurso refere-se a este último, isto é, ao ouvinte. Ora, é necessário que o ouvinte ou seja espectador ou seja juiz, e que um juiz se pronuncie ou sobre o passado, ou sobre o futuro. O que se pronuncia sobre o futuro é, por exemplo um membro de uma assembleia; o que se pronuncia sobre o passado é o juiz; o espectador, por seu turno, pronuncia-se sobre o talento do orador. De sorte que é necessário que existam três gêneros de discursos retóricos: o deliberativo, o judicial e o epidíctico.

“Numa deliberação temos tanto o conselho como a dissuasão; pois tanto os que aconselham em particular como os que falam em público fazem sempre uma destas duas coisas. Num processo judicial temos tanto a acusação como a defesa, pois é necessário que os que pleiteam façam uma destas coisas. No gênero epidíctico, temos tanto o elogio como a censura. Os tempos de cada um destes são: para o que delibera, o futuro, pois aconselha sobre eventos futuros, quer persuadindo, quer dissuadindo; para o que julga, o passado, pois é sempre sobre atos acontecidos que um acusa e outro defende; para o gênero epidíctico o tempo principal é o presente, visto que todos louvam ou censuram eventos atuais, embora muitas vezes argumentem evocando o passado e conjecturando sobre o presente.

Cada um desses gêneros tem um fim diferente e, como são os gêneros, três são também os fins. Para o que delibera, o fim é o conveniente ou o prejudicial; pois o que aconselha recomenda-o pra o melhor, e o que desaconselha dissuade-o para o pior, e todo o resto – como justo e o injusto, o belo e o feio – o que acrescenta como complemento. Para os que falam num tribunal, o fim é o justo e o injusto, e o resto também acrescentam como acessório. Para os que elogiam e censuram, eles também outros raciocínios acessórios (p. 21-22).

No gênero judicial o que está em disputa é algum acontecimento do passado, se os fatos ocorreram ou não, de que forma ocorreram e quais as consequências legais que deles derivam. Sempre que se coloca algo em julgamento, há um retorno a alguma conduta do passado, onde se visa decidir se algo foi justo ou injusto diante de um auditório (juízes) que decidirá sobre as questões postas.

Já no gênero deliberativo, o que está em debate é alguma decisão que visa o futuro, a lei que será aprovada, a resolução que se será tomada, o conselho que deverá ou não ser aceito, visando o que é conveniente e o que é bom para a comunidade, sendo que também passa pela aprovação de uma assembleia, no caso de uma democracia, o voto do povo ou manifestação de um conselho eleito para decidir.

No gênero epidíctico se debate algo do presente e visa censurar um vício ou elogiar uma virtude. Nesse gênero de oratória encontra-se a oratória sacra, a oratória pedagógica, a oratória motivacional, quase todas as outras espécies de oratória que se exercem em nossa sociedade. O professor ao ensinar, ao instruir o

aluno está exercendo a oratória epidíctica. Uma palestra, um seminário, uma aula, uma conferência, todas essas atividades instrutivas fazem parte do gênero epidíctico.

Em cada gênero oratório há uma maneira mais adequada de persuadir, há questões mais específicas a serem levadas em consideração, há regras mais voltadas para aquele ambiente no qual se desenvolve o trabalho persuasivo do orador. Nem sempre um bom orador no tribunal é um bom orador político, nem sempre um bom orador político é um bom orador no tribunal, nem sempre um bom professor, instrutor, se sairá bem numa tribuna parlamentar ou forense. Não se encontra em abundância oradores que sejam capazes de exercer esses três gêneros retóricos com igual desenvoltura, como um Demóstenes na Grécia Antiga ou um Marco Túlio Cícero na Antiga Roma. Cabe a cada orador desenvolver bem os talentos retóricos no gênero a que se dedica.

4.1.10 O éthos, o páthos e lógos na retórica aristotélica

Um dos temas teóricos atuais mais fecundos da retórica está relacionado ao que diz Aristóteles em sua *Retórica*. Ele fala do éthos, do páthos e do lógos, que são potências do dizer. O éthos relaciona-se à credibilidade, à honestidade, à ética, à moral do orador. O lógos está relacionado à racionalidade do discurso, a sua força lógica probante, à sua verossimilhança, à sua plausibilidade, à sua razoabilidade, à sua solidez argumentativa. O pathos está relacionado às paixões, às emoções, aos afetos despertados no auditório pela força da mensagem do orador. Em sua síntese, esses três elementos centrais da força persuasiva da comunicação, relacionam-se aos três elementos envolvidos no ato comunicativo: o éthos no emissor, o lógos na mensagem, e o páthos no receptor da mensagem.

Citemos o texto do livro I da *Retórica* de Aristóteles de onde toda essa discussão procede e se desenvolve até os dias atuais:

Das provas de persuasão, umas são próprias da arte retórica e outras não. Chamo provas inartísticas a todas as que não são produzidas por nós, já existem antes: testemunhos, confissões sob tortura, documentos escritos, e outras semelhantes; e provas artísticas, todas as que se pode preparar pelo método e por nós próprios. De sorte que é necessário utilizar as primeiras, mas inventar as segundas.

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como

se dispõe os ouvintes; e outras no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar.

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase que se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão.

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimentos tristeza ou alegria, amor ou ódio. É desta espécie de prova e só desta que, dizíamos, se tentam ocupar autores atuais de artes retóricas. E a ela daremos especial atenção quando falarmos das paixões.

Persuadimos enfim, pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular.

Ora, como as provas por persuasão se obtêm por estes três meios, é evidente que delas se pode servir quem for capaz de formar silogismos, e puder teorizar sobre os caracteres, sobre as virtudes, e em terceiro lugar, sobre as paixões (o que cada uma das paixões é, quais as suas qualidades, que origem têm e como se produzem (p. 13-14).

Meyer explica que o *éthos* é a imagem de si, o caráter, a personalidade, os traços de comportamento, a ética, a virtude, a escolha de vida e dos fins. É a imagem que o orador passa de si mesmo, seu exemplo aos olhos do auditório, o que dispõe o auditório a ouvi-lo e a segui-lo. As virtudes morais, a boa conduta, a confiança que tanto umas quanto outras suscitam conferem ao orador uma autoridade moral. O *éthos* é uma espécie de prova de autoridade, de argumento de autoridade, de força persuasiva pela honestidade, pelo exemplo de vida, pela credibilidade, pelo compromisso ético do orador (MEYER, 2007, p. 35 -36).

Aristóteles diz, no texto acima citado, que “quase que se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão”. Um pastor que prega na sua igreja o respeito à família, mas que os fiéis desconfiam e mesmo sabem que ele não respeita as mulheres de sua igreja, e aproveita de seu poder para tirar delas vantagens sexuais, pode até saber a Bíblia de cor, mas faltará nele o *éthos* - o que faz ruir por completo a sua autoridade e a sua força de persuasão. O professor que exige mais dedicação dos alunos para aprender, mas que não prepara suas aulas, que não lê, que não tem compromisso com a educação, que não mostra que está também se capacitando, se dedicando a aprender mais, perde sua força moral diante dos alunos. O político que arrota honestidade, mas que responde a um monte de processos por crimes de corrupção, não pode querer que as pessoas acreditem tão facilmente no que ele diz. E os exemplos são inúmeros. E veremos o quanto

essa dimensão da retórica, essa potência persuasiva do dizer dialoga com a pedagogia de Paulo Freire, quando este fala da necessidade da correspondência entre aquilo que se prega e aquilo que se vive, como uma unidade orgânica do viver.

Vemos, portanto, o quanto essa dimensão ética da oratória é essencial, pois como diz Aristóteles “não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade de quem fala”.

Quanto ao *lógos*, é tudo aquilo que precisa ser respondido pelo orador, explicado, desdobrado, destrinchado, provado com verossimilhança, com exemplos, é todo o trabalho da argumentação racional do orador, sua lógica, sua ordenação argumentativa, o embasamento conteudístico do que diz. Nesta dimensão do dizer o orador está atento para não defender coisas absurdas, nem chocar os ouvintes com opiniões inverossímeis, que choquem o senso comum e as opiniões geralmente aceitas pelo conjunto dos homens. O *lógos* é, segundo Aristóteles (p. 14), a faculdade de proporcionar razões para os argumentos, com o uso de exemplos, de entimemas, que são silogismos dialéticos, onde determinadas proposições levam a um determinado entendimento decorrentes deles. É a capacidade do orador de demonstrar o que se diz. Se a mensagem do orador estiver cheia de ilogicidade, de confusão lógica, dificilmente sua mensagem terá poder persuasivo, mesmo que seja o orador um homem possuidor do *éthos*.

Em relação ao *páthos*, Aristóteles esclarece que são as emoções, os afetos da alma que o orador desperta no ouvinte para que ele tenha determinada decisão. É o que o move o auditório. Aristóteles dedica todo um livro II de sua *Retórica* para falar dessas paixões. Diz: “As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes” (p.85).

A parte II do livro a *Retórica* de Aristóteles é um verdadeiro tratado psicológico sobre as paixões que movem os seres humanos: a ira, a calma, a amizade, a inimizade, o temor, a confiança, a vergonha, a desvergonha, a piedade, a indignação, a inveja, etc. Aristóteles ainda faz um profundo estudo de como essas paixões se apresentam no caráter dos jovens, dos velhos, dos adultos; como se mostram de formas diferentes em cada idade, o que prepondera mais em cada um deles. É um brilhante tratado psicológico sobre a alma humana. O bom orador sabe tocar as cordas das emoções dos seus ouvintes, conhece a alma dos seres humanos, aquilo que os leva a decidir.

Sabemos que o homem com raiva toma determinadas decisões. O jurado irado com o réu pelo discurso do promotor tende a condená-lo. Caso o advogado desperte nos julgadores a compaixão por quem está sentado no banco dos réus, eles tendem a absolvê-lo. O aluno que não gosta de determinado professor, e o professor que não gosta de determinado aluno, cria-se entre eles um obstáculo psicológico difícil de transpor no processo e ensino-aprendizagem. Tudo isso é muito fácil de compreender se meditarmos sobre nossos próprios impulsos. Calmo, somos uma coisa; irados, outra.

Daí porque falamos no início deste estudo sobre o éthos, o páthos e o logos como potências do dizer, potências que se interagem, se complementam. Caso o orador seja ético, tenha uma boa mensagem fundada na verossimilhança e na plausibilidade do que diz, e que ainda saiba tocar as emoções de seu auditório, estamos diante de um homem bem dotado na arte do dizer. Imagine um professor de ilibada reputação, de sólido conhecido, capaz de tocar não só a inteligência, mas também as emoções de seus alunos, tal mestre gozará de grande autoridade diante de todos – isso que é o éthos, o logos e o páthos: potências do dizer.

4.1.11. Voz, gestos, postura, usos dos meios tecnológicos: aspectos relevantes da pronúncia

Este é um derradeiro ponto a considerar em relação aos fundamentos teóricos da retórica. Muitos cursos que hoje se oferecem, tanto presencialmente quanto pela internet, em grande quantidade deles, reduzem a retórica a essa dimensão mais visível do trabalho do orador, ensinando os alunos apenas como se postar diante do público, como usar as mãos, como se movimentar, como empostar a voz, etc.

Realmente é uma parte muito relevante da arte de falar bem, que Demóstenes, como já vimos, considerava até a mais importante. No entanto, o que o grande orador grego quis dá a entender é que de nada adianta o orador ter o que dizer, se ele não consegue se expressar com desenvoltura, com uma certa teatralidade, com uma certa vivacidade na voz, nos gestos, na postura, no semblante; ou seja, com presença não só de espírito, mas também com presença corporal.

Por outro lado, outros desprezam o estudo desta parte da retórica achando-a de menor valor, acreditando que o que realmente faz um orador é a sua cultura intelectual, humanística, seu conteúdo filosófico. Não é bem assim, o orador ideal, o orador que busca ao máximo desenvolver seu talento, dá valor a todas as partes da retórica, e ver claramente que saber pronunciar o que se sabe com gestos corretos, com voz agradável, claro, audível, com a postura adequada, faz toda a diferença.

Levando em consideração o que foi disso acima, destacamos esse tópico para fazer algumas considerações complementares e mais detalhadas da pronúncia, a quinta e última parte da retórica, tratada no ponto 4.1.1. Mais uma vez afirmamos: a oratória é uma totalidade, mas devido a sua grandeza temática, qualquer parte da retórica pode ganhar foros de objeto de estudo independente. Aqui queremos trazer uma visão geral desta abrangente ciência.

A pronúncia é onde o orador é visto, ouvido, avaliado, julgado; é onde ele entrega o produto final de seu trabalho. Daí a necessidade de cuidar do jeito de se apresentar, de sua voz, de seus gestos, de sua performance. No mundo grego, essa parte da retórica é chamada de *hypócrisis*, e em latim de *actio*, traz a ideia do ator em ação. Quando fala, o orador é um ator em ação. Um estudioso brasileiro da oratória, o filósofo Mário Ferreira dos Santos, em seu *Práticas de Oratória*, diz que “o orador precisa ter “pinta” de orador, precisa teatralizar bem o seu próprio papel de orador” (1957, p. 40). Uma ideia interessante, pois o bom músico precisa ter “pinta” de músico, o bom jogador de futebol precisa ter “pinta” de jogador, o bom filósofo precisa ter pinta de filósofo. Assim o orador precisa ter pinta de orador.

Um curso de teatro, ou de exercícios de declamações teatrais seria de grande auxílio ao orador, pois essas práticas, segundo o filósofo Bacon, no seu livro *Novum Organum* “fortalecem a memória, educam a voz, apuram a dicção, aprimoram os gestos e as atitudes, inspiram a confiança e o domínio de si e habitam os jovens a enfrentar o olhar das assembleias” (Apud FRANCA LEONEL, 2019, p. 68).

Dentro deste talento na emissão teatral do discurso, o orador tem a sua disposição um poderosíssimo recurso persuasivo: a capacidade de fazer o público rir, de usar o cômico para deleitar seu auditório e conquistar o coração da plateia, o que fará em momento adequado e de maneira habilidosa e conveniente sem agredir as suscetibilidades dos ouvintes. Conforme diz Barrilli (1979, p. 31), Aristóteles já teorizava sobre o poder do cômico em sua *Retórica*, e desde então qualquer bom manual de arte do discurso inclui um estudo do riso como arma de persuasão.

Não confundamos as coisas quando falamos de saber teatralizar. Oratória não é um teatro, não é um faz-de-conta, o que aqui se destaca é a vivacidade, o colorido do dizer, que faz com que o orador se assemelhe ao ator em ação. Daí porque dirá Cícero: “Do orador deve-se exigir a agudeza dos dialéticos, a profundidade dos filósofos, as palavras dos poetas, a memória dos jurisconsultos, a voz dos atores trágicos e os gestos dos grandes atores. Todas essas coisas devem estar presentes em grau máximo no orador” (Do Orador, 1, 128).

Nesse sentido apesar da vocação teatral do orador, a naturalidade é fundamental, deve brotar espontaneamente do seu jeito, do seu estilo. A voz tem que ser audível, correta, agradável, flexível, firme, clara, fluente, uniforme, alternada. Exercícios de dicção para clarear a voz são de grande relevância. Quintiliano diz que “a voz é uma revelação da mente”. A oratória é também uma experiência auditiva, a voz tem que ter magia, ritmo, musicalidade. Quintiliano diz que a voz fica mais sonora, bonita e carismática e potente com a abstinência sexual – quem tiver disposto a melhorar a voz e a experimentar este conselho para ver se é verdade ou não, está aí uma dica de ouro. Diz também Quintiliano que a voz se embeleza na medida que o homem embeleza seu espírito, quando vive em integridade, quando é frugal, moderado no comer. O chá de gengibre e a maçã são usados por muitos oradores e atores para melhorar a sonoridade da voz. Os exercícios físicos também contribuem para uma boa voz. A voz tem tanta importância na oratória quanto na música. A voz reflete a qualidade da mente. Sócrates dizia: “Fala para que te conheça” (Apud COMENIUS, 2011, p.249), tão reveladora é a qualidade da voz sobre o grau intelectual, moral e espiritual de uma pessoa.

Os gestos devem obedecer à voz. Gestos devem ser moderados e elegantes; devem surgir espontaneamente – os braços, as pernas, o semblante, o olhar, tudo isso compõe a mensagem e o poder da linguagem não verbal. As mãos falam juntamente com a voz. O orador deve, ao se apresentar em público, ter uma postura vigorosa e apresentar-se bem apessoado, ereto, confiante. Tudo isso dentro de uma adequação ao ambiente, ao tema e as pessoas ali presentes. “Façamos tudo para conquistar o ouvinte, sem perder o prestígio de um homem de bem”, dizia Quintiliano.

Nenhum recurso tecnológico substitui os princípios e os fundamentos retóricos até aqui destacados. Na Grécia e em Roma não existia, por exemplo, o microfone; sua invenção facilitou que orador fosse ouvido por mais pessoas, mas

não dispensou o orador de treinar e qualificar a sua voz, para ser clara, limpa, forte, vigorosa. De que adianta falar ao microfone e ter uma voz débil, acanhada, sem poder persuasivo?

Não podemos deixar de considerar, embora o façamos de forma sucinta, os estudos do educador canadense Marshal McLuhan, que estudou os impactos dos *media* tecnológicos na comunicação. Barilli (1979, p. 159 -162) traz relevantes considerações a respeito do pensamento de McLuhan. Segundo o pensador canadense, a partir da descoberta da imprensa móvel de Gutemberg no século XVI, a retórica, não de forma imediata, sofreu enorme impacto, pois passou-se a prevalecer a cultura escrita sobre a oralidade. O livro, o folheto, o jornal registravam e propagavam a palavra falada que até então era em grande parte ouvida apenas no púlpito das igrejas, nas reuniões políticas, nas tertúlias filosóficas. Essa ampla época que compreende o predomínio da escrita, do século XVI ao início do século XX, Macluhan denominou de galáxia de Gutemberg.

Foi só a partir da invenção do rádio e da televisão, e acrescente, da internet, do mundo digital - que diminui barreiras e distâncias e aproximou povos – e que tornou o mundo, no dizer de McLuhan, uma aldeia global, é que volta a prevalecer a oralidade sobre a escrita, a expressividade do gesto, a variedade da voz que agora é transmitida por meio audiovisual a milhões de pessoas. A palavra agora não se perde, é gravada, pode ser ouvida em outros momentos devidos aos recursos das tecnologias. Se era verdadeiro na antiguidade o brocardo *verba volant scripta manent*, já não o é nos dias de hoje; a palavra gravada, filmada, também permanece, já não voa, já não desaparece. Diz Barilli,

Os valores de pronúncia, de efeito patético, de ênfase, readquirem toda a importância que já tinham na época antiga, onde não conheciam alternativas, ou encontravam uma bastante modesta, na escassa difusão da escrita (...) Agora, pelo contrário, a audiência do discurso oral pode estender-se a vastas proporções, atingir milhares e milhões de ouvintes, impondo a todos, mas particularmente àqueles que têm responsabilidades públicas, que se ocupem novamente da *actio*. Renasce o problema, a obsessão “antiga” de ser eloquente, bom orador e não só na aceção mediata e virtual de uma boa capacidade de escrita, mas através daqueles canais de alta fidelidade que são os processos eletrônicos de áudio e vídeo-transmissão (BARILLI, 1979, p. 166).

Como podemos perceber, estamos em plena era da comunicação oral, audiovisual, em que as atuais *lives* e videoconferências são as provas, e que demandam capacidade comunicativa, o que tornam os princípios e os fundamentos teóricos e práticos da retórica um saber atual e relevante.

As novas tecnologias auxiliam o orador. O Powerpoint, por exemplo, e outros recursos que possam surgir mais modernos no mesmo sentido, são valiosos instrumentos de que o professor e o orador podem usar, mas que jamais podem substituir a figura do bom do expositor. O bom orador também sabe criar imagens, criar cenas, despertar a imaginação dos ouvintes, sabe pôr diante dos olhos e dos sentidos, os fatos, os argumentos, as cenas, os personagens de uma história, e a isso chamamos de hipotipose.

Ao falar nas redes sociais, ao realizar suas *lives*, ao falar em ambientes tecnológicos, deverá o orador envidar esforços para acompanhar e dominar os recursos tecnológicos postos à sua disposição. Mesmo do outro lado da tela do computador, o auditório virtual examina se o orador tem invenção, disposição elocução, ação e memória; se o seu discurso foi preparado e ordenado, sem tem objetivo; se o orador trata bem seus ouvintes, se não os quer manipular, se domina o tema, se vive o que prega, etc.

Portanto, fora isso, de saber usar a tecnologia, a oratória permanece sempre viva e atual. Da Grécia Antiga para cá surgiram muitas novidades tecnológicas, a imprensa, o rádio, a televisão, o telefone, e agora a internet, as modernas redes de comunicação e interação digital (e outros inventos ao longo da história surgirão) e os princípios e fundamentos da retórica continuam perenes em todos esses ambientes – continuamos a estudar o que os sofistas, Platão, Aristóteles, Cícero, Quintiliano e outros disseram da arte retórica), pois a retórica, além de ser um saber clássico, e isso por si só explica sua perenidade, é também uma arte plástica, flexível, móvel, fluida, difusa, que segue o caminho da água a adaptar-se a todos os tempos, sistemas, pessoas e lugares.

4.2 OS FUNDAMENTOS DA DIDÁTICA MAGNA DE COMENIUS E A INTERAÇÃO ENTRE RETÓRICA E DIDÁTICA

Como já dito no ponto 3.4.3, a Renascença foi um período de grande destaque na história da humanidade e das ideias pedagógicas, que aconteceu por volta dos séculos XIV a XVI. Neste período há um forte ressurgimento da retórica, principalmente por meio das obras de Aristóteles, de Cícero e de Quintiliano. Essa época caracterizou-se como um retorno e uma valorização da cultura clássica greco-romana como fonte de conhecimento, de luz e de beleza. A educação visava formar

o homem de cultura clássica, letrado, erudito, amante do saber, exímio na arte da palavra.

Mas foi com destaque no século XVII, com o surgimento de numerosas escolas protestantes e católicas, dentro do contexto da Reforma e da Contrarreforma, numa luta pela disputa de fiéis, que surgiu uma grande necessidade de organizar o espaço educativo, de disciplinar a sala de aula, de direcionar a conduta de professores e alunos, de trabalhar a gestão do tempo escolar, de organizar os saberes. Esse século, portanto, marca o nascimento da pedagogia, entendida, conforme Clermont Gauthier como

O estabelecimento de um método e de procedimentos detalhados e precisos para dar aula. Esses processos implicam a consideração da organização do tempo, do espaço, do conteúdo a serem vistos, da gestão disciplinar; em suma, trata-se de um método que rege a totalidade da vida escolar, dos microacontecimentos aos aspectos mais gerais, da chegada dos alunos à sua saída, do primeiro ao último dia do ano letivo.

O que é, portanto, pedagogia? É um discurso e uma prática de ordem que visam contrapor-se a toda forma de desordem na classe. A questão pedagógica se torna então: como ensinar a grupos de crianças (do povo), durante um período contínuo, em determinado local e fazendo de modo que elas aprendam um acervo maior de conhecimentos, mais depressa e em melhores condições? (GAUTHIER, 2014, p.112).

Segundo Gauthier, nesse sentido, um conjunto de docentes passaram a refletir sobre seu ofício, a estudá-lo, codificá-lo, percebendo que não bastava apenas dominar o conteúdo para ensinar bem, que era necessário saberes especializados para ensinar; que ensinar é mais do que apenas administrar conteúdos, que envolve outras questões como a preocupação com o educando, o espaço escolar, a capacitação de professores capazes de desempenhar bem seu ofício, como uma arte que exige especialização (GAUTHIER, 2014, p. 113).

Não se trata mais de ensinar a poucos alunos, pois a proliferação das escolas, as salas de aula lotadas, exigia-se método, ordem, capacidade de gestão do ambiente escolar. Essas novas maneiras de ensinar terão a natureza como grande exemplo: a harmonia, o equilíbrio, a ordem, o que se nota a grande influência do espírito renascentista, que valorizava a natureza como inimiga da desordem, do tumulto, da dispersão. Diz Gauthier que

Neste caso, o subtítulo da obra de Comenius é revelador. Na verdade, “ensinar tudo a todos” implica não se limitar ao conteúdo, nem trabalhar segundo o modo de preceptorado, mas fazer com que “todos” tenham acesso ao conteúdo, independentemente de suas diferenças individuais.

Comenius esboça já um programa completo de pedagogia que só se conjuga no plural e exige um método: a aplicação de uma ordem cuidadosamente elaborada, a fim de garantir que os alunos aprendam um acervo maior de conhecimentos, mais depressa e em melhores condições (GAUTHIER, 2014, p.114).

Foi neste contexto que nasceu a obra mais importante de João Amós Comênio (1592-1670), *Didática Magna* (1657). Uma obra que, apesar do forte componente bíblico e religioso, pois era o autor era líder protestante, se faz sentir a influência da cultura antiga. O autor pagão mais citado por Comenius é Marco Túlio Cícero, citado em torno de 20 vezes. Também muito citado é o estoico latino Sêneca, filósofo e orador. Faz-se sentir também, ao longo do texto, a influência do pedagogo e retor latino Quintiliano.

No estudo introdutório à *Didática Magna* (2011. p. 9), assim escreve Marta Fattori:

A *Didática Magna*, sobre a qual Leibniz deu um parecer mais que positivo após a morte do autor, mostra “a arte de ensinar tudo a todos”, em geral, tomando a natureza como exemplo do seu método e baseando-se em três princípios, para que tudo seja ensinado com solidez, segurança e prazer: 1) analogia com o método natural; 2) caráter gradual e cíclico do ensino (que deve ser o das escolas, dos livros e das crianças); 3) vínculo entre palavras e coisas: tudo deve partir do sensível e do sabido, indo do conhecido ao desconhecido, do próximo ao distante, do abstrato ao concreto, da parte ao todo, do geral para o particular. A seguir Comenius trata em particular do método de ensino das ciências, das artes, das línguas, da moral e da piedade, analisando os quatro graus da escola (materna, vernáculo, latina e acadêmica). No último capítulo, faz um apelo a todos os eruditos, para que fundem finalmente um Colégio capaz de elaborar livros realmente “panméticos” e realizar, com a ajuda de Cristo, a exortação de Lutero: “Se para edificar cidades, fortalezas, monumentos, arsenais, se gasta uma moeda de ouro, será preciso gastar cem para instruir bem um jovem, para que feito homem, possa guiar os outros no caminho da honestidade. Na verdade o homem bom e sábio é a relíquia preciosa do Estado, pois nele há mais do que nos esplêndidos palácios, do que nas montanhas de ouro e prata, do que nas portas de bronze e nas fechaduras de ferro”.

Comenius explica que a didática é a arte de ensinar de uma maneira clara, agradável, correta, sólida e sintética alguma coisa a alguém; que a didática é um recurso contra o enfado, o fastio, o desinteresse e a desatenção (2011, p.10 -15). Caso o aluno esteja desinteressado, desatento, desmotivado em aprender (fora casos excepcionais) a culpa é do mestre que não soube despertá-lo para aprender (2011, p. 312).

Apesar de lançar a culpa quase que exclusiva no professor quanto ao rendimento do aluno, não deixa de ser interessante essa observação de Comenius Se ninguém dá atenção ao que você diz, no caso o professor, se ninguém dá valor

ao que você ensina, defende, divulga, dentre outras coisas, tal condição pode revelar a ausência dessa capacidade de ensinar e de despertar para a aprendizagem, que Comenius chama de método didático. Se pararmos um pouco para examinarmos, em conformidade com tudo o que já foi dito, parece até que Comenius está falando da oratória, pois uma das funções da primeira parte de um discurso é despertar a atenção, o interesse, a simpatia, a benevolência do ouvinte para aquilo que o orador vai dizer.

"Ensinar de modo certo, ensinar de modo agradável, ensinar de modo sólido", são os três grandes princípios da didática de Comenius para o exercício eficaz da arte de ensinar. Comenius mostra a utilidade da didática não só para o professor, mas também para os homens de estado, para os que lideram as coisas humanas, para os pregadores, para os diretores de escola, para os pais e para os preceptores da juventude.

É um livro que merece toda a atenção daqueles que trabalham com a arte de ensinar, seja em casa, seja na igreja, seja no trabalho, seja na comunidade, seja no parlamento, seja no tribunal, seja numa palestra, seja numa sala de aula, seja na grande escola da vida.

Pensamos, às vezes, que a didática, a arte de ensinar, é um assunto que só interessa ao professor; Comenius mostrou a utilidade dela para outros atores envolvidos no amplo trabalho educativo. Nesse sentido, o advogado que expõe sua tese diante do júri precisa da didática; o estadista que explica ao povo sua visão de sociedade precisa da didática; o pregador que conclama os fiéis à prática da virtude precisa da didática; o palestrante que motiva seu público para vencer na vida precisa da didática; o jornalista que divulga suas notícias ao povo precisa da didática; os pais que orientam seus filhos no caminho do bem precisam da didática; o vendedor que divulga seu produto ou serviço aos seus clientes precisa da didática; o líder que conduz seu público para o bem comum precisa da didática; o orador que busca convencer seu auditório a aderir uma ideia precisa da didática.

Não é sem razão que Comenius dedica sua *Didática Magna* aos ministros de estado, aos pastores das igrejas, aos diretores, aos pais e aos preceptores dos jovens, sendo que a própria didática deve estar no domínio do bom orador, pois um de seus objetivos, além do *deletere*, do *comovere*, é o *docere* (ensinar), e para ensinar é preciso saber ensinar; ensinar não é um ato que acontece apenas dentro

de uma sala de aula; Comenius diz que a didática é um saber ensinar, sem enfado, sem fastio, com agradabilidade e alegria.

Para Comenius, educar o homem, ser complexo e versátil, é a arte de todas as artes, e não há prêmio maior que possamos oferecer a um povo do que educação de qualidade de nossas crianças e jovens. Citando Cícero, diz Comenius: “que dádiva maior e melhor podemos oferecer ao Estado senão educar e cultivar a juventude? Sobretudo em tempos e costumes tais, nos quais ela avançou tanto que precisa ser freada e controlada pela ação de todos?” (p.14).

Como protestante, Comenius dava grande valor as escrituras sagradas como ponto de partida de suas reflexões, e a partir delas elaborava suas orientações pedagógicas, no entanto, não descarta o conhecimento dos antigos, como podemos ver nesta passagem da *Didática Magna*:

"Quando chegou a vez de Pítaco, este falou: "Homem, conhece-te a ti mesmo", os sábios, ali reunidos, de pronto, reconheceram a frase como uma máxima que veio do céu, e recomendaram-na ao povo, e em placa de ouro, determinaram que fosse afixada no Templo de Delfos (para onde afluía muita gente). Esse foi um ato de sabedoria e devoção (...) Que tudo isso não seja esculpido nas portas dos templos, nos frontispícios dos livros, não, em suma, na língua, nos ouvidos, nos olhos de todos os homens, mas em seus corações! Todos que tem a tarefa de formar homens devem educá-lo de tal forma que vivam lembrados de sua dignidade e de sua excelência: que procurem pois, orientar seus esforços para esse supremo fim". (COMENIUS, 2011, p. 41-42).

Quando Comenius diz que “a didática é a arte de ensinar tudo a todos”, ele não quer dizer que todo o conhecimento do mundo será ensinado, o que seria mesmo impossível ao homem a apropriação de tão vasto campo, mas todo o conhecimento útil para vida. E será ensinado não só para os filhos dos ricos, mas estará aberto a todos, aos pobres, aos ricos, aos meninos, as meninas, sem discriminação de ninguém. Pois todos os homens nasceram para desenvolver sua racionalidade, para apropriar-se do conhecimento das ciências, das artes, das técnicas e das letras; para expandir sua vida ética vivendo com honestidade e virtude; e para viver em harmonia com Deus (os três objetivos da educação comeniana).

Permitir que apenas alguns se eduquem é ofender não apenas nossos irmãos, mas a Deus, que a todos criou para desfrutar de sua luz (2011, p. 89). Portanto, não se devia excluir as mulheres da educação escolar, pois

As mulheres, assim como os homens, são imagens de Deus, participam da graça divina e do reino do século futuro; também são dotadas de inteligência aguçada e aptas ao saber (frequentemente mais que o nosso sexo); também para elas, como para os homens, estão abertas as portas de postos elevados, porque muitas vezes foram destinadas por Deus ao governo dos povos, a aconselhar sabiamente reis e príncipes, à ciência médica e às outras ciências úteis ao gênero humano, bem como ao dom da profecia e a censurar sacerdotes e bispos (COMENIUS, 2011, p. 91).

Um dos fortes componentes da educação comeniana é a sua inspiração na natureza. Devemos prestar atenção como a natureza funciona e tomá-la por imitação. O movimento do sol, as partes de uma árvore, o processo de concepção do homem, tudo deve ser tomado como parâmetro. Se o sol nasce para todos não devemos excluir ninguém do trabalho educativo, por exemplo. Diz Comenius, inspirando-se em Cícero, que

Está claro que essa ordem que desejamos como ideia universal da arte de ensinar e de aprender tudo só pode ser extraída da natureza. Feito isso, as coisas artificiais ocorrerão com facilidade e espontaneidade, assim como ocorrem com facilidade e espontaneidade as coisas naturais. “Cícero afirma uma verdade ao dizer que se seguirmos a orientação da natureza, nunca podemos errar, e tendo a natureza como guia, não é possível errar. Esperamos que, observando o modo como a natureza procede para fazer isto ou aquilo, sejamos convencidos a proceder de modo análogo.

Portanto, observar e seguir a natureza é uma boa fonte pedagógica para ensinar bem. E é dela que Comenius extrai os princípios em que se fundam a facilidade de ensinar e aprender, que ele desenvolve no capítulo XVI e XVII de sua *Didática Magna*.

Diz Comenius que examinando os exemplos da natureza, fica claro que a educação se desenvolverá mais facilmente se iniciada cedo, se ocorrer com a devida preparação, se proceder das coisas mais gerais para as particulares e das mais fáceis para as mais difíceis, se nenhum dos alunos for sobrecarregado com coisas supérfluas, se em tudo se proceder lentamente, se as mentes só forem compelidas para as coisas que naturalmente desejarem por razões de idade e inclinação vocacional, se tudo for ensinado por meio da experiência direta e para a utilidade imediata e com método.

Comenius (2011, p. 168-169) sempre insiste que é preciso despertar nas crianças o amor pelo saber, pois o desejo de conhecer, segundo o que Aristóteles diz em seu livro *A Metafísica* é algo natural do ser humano, e cabe aos pais, aos professores, a escola, avivar e acordar essa grande potência educativa que é inerente aos homens; e um método fácil, agradável, leve, amoroso, paternal, afável,

respeitoso, numa escola bonita, bem cuidada, contribui para despertar do desejo natural da criança em conhecer, sentindo nisso encanto e prazer.

Comenius diz que na natureza há um tempo propício para tudo, e dentro disso é que cada idade recebe o ensino apropriado para o tempo que vive, pois a natureza não dá saltos, e a formação da criança e do jovem se dá passo a passo. Comenius divide o tempo de estudo em quatro grandes períodos, cada um com seis anos, totalizando vinte e quatro anos. Em cada fase dessas existe a escola apropriada. Para as crianças de zero a seis anos, a Escola Materna; para os meninos de seis a doze anos, a Escola Vernácula; para os adolescentes de doze a dezoito anos, a Escola Latina ou Clássica; para os jovens de dezoito a vinte quatro anos, a Academia.

Segundo Comenius tudo que o homem vem a saber deve ser regado na Escola Materna, pois tudo está aí em semente, que se apresenta nas perguntas e nos interesses das crianças: a metafísica, as ciências físicas, os princípios da ótica, a astronomia, a geografia, a cronologia, a história, a aritmética, a poesia, a economia, a política, a música, a gramática, a dialética, a retórica.

Destas duas últimas, pela proximidade do saber, e pelo nosso objeto de estudo, destacamos o que diz Comenius:

A dialética, arte do raciocínio, também brota e lança rebentos nesta idade: crianças, percebendo que a conversação se desenvolve com perguntas e respostas, habitam-se a interrogar e a responder. Será necessário apenas ensiná-las a formular bem as perguntas e a responder diretamente à perguntas que lhe são formuladas, para que se habituem a não se distanciar do tema proposto (COMENIUS, 2011, p. 328)

Os inícios da retórica consistem na imitação dos tropos e das figuras contidas na linguagem, mas principalmente no uso apropriado da gesticulação e da inflexão de voz em relação às palavras, como por exemplo ao acentuar as últimas sílabas de uma pergunta e vice-versa na resposta. Essas são coisas ensinadas quase pela própria natureza, e se alguém errar será fácil corrigir com uma explicação perspicaz (COMENIUS, 2011, p. 328)

Cabe, nesta escola, aos pais a direção e o dever de estimular nas crianças o gosto por todos esses estudos.

Quando o período da Escola Materna termina, o menino e a menina serão enviados para a Escola Vernácula onde aprenderá a ler com perfeição, a escrever com zelo, a dominar as operações matemáticas, a aprender geografia, a conhecer as artes mecânicas, a conhecer economia, entre outros saberes. Nesse período de

estudo, as classes serão divididas em seis conforme a idade e a complexidade do ensino, cada uma com seu livro didático apropriado.

Concluído o período de seis anos na Escola Vernácula, o aluno entra na Escola Latina ou Clássica, também dividida em seis classes, e a missão dessa escola é ensinar por completo a enciclopédia das artes liberais, e ao sair dela os alunos deverão estar aptos a ser, segundo Comenius (2011, p. 344): gramáticos, perfeitos conhecedores da língua latina e da vernácula, com conhecimentos perfeitos do grego e do hebraico; dialéticos, muito hábeis em definir, distinguir, argumentar e resolver argumentações; retóricos ou oradores, capazes de discutir com propriedade sobre qualquer assunto; aritméticos e geômetras, tanto para as muitas necessidades da vida, quanto porque essas ciências, mais que outras, aguçam os engenhos e os estimulam para as outras disciplinas; músicos, teóricos e práticos; astrônomos, tendo pelo menos o conhecimento das noções fundamentais sobre movimentos celestes, e dos cálculos, pois sem isso a física, a geometria e a grande parte da história são cegas.

Neste período da Escola Clássica, o ensino da história ganha grande relevância, devendo ser ensinada um pouco em todas as seis classes - cada classe correspondendo a um ano -, da classe mais inicial a final, ou seja do sexto ao décimo segundo ano de estudo, a qual está dividida: Classe I – gramática; classe II – física; classe III – matemática; classe IV – ética; Classe V - dialética; classe VI – retórica.

A dialética e a retórica, portanto, são ministradas somente nos últimos anos da Escola Clássica, e Comenius explica com muita propriedade e conhecimento a razão, pois ninguém pode ser um exímio dialético e orador desprovido de um acúmulo de saberes:

“Pode parecer estranho a quem a julgue segundo a tradição que a dialética e a retórica estejam postas às ciências naturais. Mas assim deve ser, pois estamos convencidos de que é melhor ensinar as coisas antes do modo de ser das coisas, ou seja, a matéria antes da forma, e que o único método verdadeiro para fazer progressos rápidos e seguros é conhecer bem as coisas antes de emitir juízos fundamentados sobre elas e de expô-las com linguagem apurada. De outro modo, poderás conhecer muito bem todos os procedimentos da lógica e da eloquência, mas o que examinarás e quem persuadirás, se não conheces as coisas de que trata? Assim como é impossível que uma mulher não grávida dê a luz, também é impossível falar racionalmente de coisas que não sejam antes conhecidas. As coisas existem em si mesmas, independentemente de sua relação com o pensamento ou a linguagem: ao contrário, são o pensamento e a linguagem que sempre se referem às coisas e delas dependem: sem elas, não passam de som sem significado, perdidos em esforços, inúteis e ridículos. Portanto,

é absolutamente necessário – já que o raciocínio e o discurso se fundamentam em coisas – que seus fundamentos os antecedem (COMENIUS, 2011, p. 345).

Dando orientações gerais para o ensino da retórica, assim escreve Comenius, aproximando o orador do homem honesto e sábio, algo que Cícero já defendia em seus escritos de retórica, como visto no ponto 3.3.1:

A última classe será a retórica, em que serão feitos exercícios práticos, fáceis e agradáveis, englobando todas as matérias estudadas, para poder demonstrar que os alunos aprenderam alguma coisa e não estiveram na escola à toa. Segundo palavras de Sócrates, “Fala para que eu te conheça”, queremos que em todos aqueles cuja mente até então formamos para o saber seja formada a língua para a eloquência sábia.

Apresentadas, preliminarmente, mais uma vez, regras brevíssimas e claras de eloquência, passa-se aos exercícios, vale dizer, à imitação dos melhores mestres da arte de falar, mas sem se deter nos temas, apenas dando uma rápida olhadela em todos os campos da verdade e da variedade das coisas, nos jardins da honestidade humana e nos paraísos da divina sabedoria, para que, se os alunos souberem que algo de verdadeiro, bom, útil, agradável e honesto existe, saibam expressá-lo com propriedade e, sempre que necessário, reforçá-lo. Para atingir esse fim, terão a seu dispor um instrumento nada desprezível, ou seja, um bom conhecimento de coisas de todos os gêneros e um repertório discreto e suficiente de palavras, frases, adágios, sentenças, fatos, etc. (COMENIUS, 2011, p.349 -350)

Quanto a derradeira escola, a Academia, segundo Comenius (2011, p. 353 – 358) cabe a ela atingir o ápice e o arremate de todas as ciências e de todas as faculdades superiores. Só aos formados nela deveria caber o exercício de cargos públicos, só a eles deveriam ser confiados o governo as coisas humanas. Na Academia apenas a fina flor dos homens devem ter acesso por meio de uma rigorosa seleção, respeitando a inclinação vocacional de cada jovem. Na Academia deve ser lido todos os gêneros de autores: Cícero, Lívio, Platão, Aristóteles, Plutarco, Tácio, Hipócrates, Galeno, etc.

Para finalizar esta seção, trazemos para ilustrar, dentre tantos, apenas dois aspectos bem trabalhados na arte retórica que Comenius destaca no método didático: a voz e a clareza da exposição. Comenius diz que a voz do professor é muito importante para tornar o que está nos livros didáticos e nas coisas, algo vivo; a voz do professor deve ser agradável, simples, capaz de despertar o aluno para aprendizagem. O professor deve pronunciar bem, com vivacidade na voz aquilo que está mudo nos livros. Comenius (2011, p. 369) diz que o professor sempre deverá ilustrar com palavras a tarefa que está sendo desenvolvida em determinado momento, lendo, relendo, explicando de tal modo que tudo seja entendido com clareza.

Vemos, portanto, que muitos dos valores cultivados e trabalhados na arte retórica estão presentes na didática, isso porque um dos objetivos do orador é ensinar, *docere*, e para ensinar não é necessário apenas o conteúdo, mas também a maneira de dizer.

Outra coisa que aproxima a retórica da didática é que o professor também é um orador diante de seus alunos. Daí que deveres parecidos estejam presentes em ambas as artes: preparar-se para falar, despertar a atenção do auditório, cativar e respeitar os ouvintes, explicar com clareza, agradabilidade, facilidade e método a mensagem destinada ao seu público, entender o nível da comunicação que se deve desenvolver em cada lugar, conforme a idade, e as especificidades de cada grupo.

Retórica e didática são saberes que se entrecruzam e se interagem, são ferramentas pedagógicas de comunicação postas a serviço da prática educativa. Passemos agora, na última seção desta obra a mostrar mais diretamente como a retórica é um saber útil e necessário à prática docente.

5 A RETÓRICA COMO SABER NECESSÁRIO À PRÁTICA EDUCATIVA

Depois de termos recorrido a respeito da história da retórica em conexão com a educação ao longo do tempo, e de termos trazido à lume seus fundamentos teóricos e sua interação com a didática, acreditamos que estamos em melhores condições de demonstrar a atualidade e a utilidade da retórica como saber clássico e necessário à prática educativa. Pretendemos nesta seção mostrar com mais clareza como a retórica é um saber necessário ao trabalho docente.

A presente seção está dividida em três tópicos. No primeiro, será estudado o renascimento da retórica antiga na atualidade e sua incidência e relevância no campo educacional, o que será feito tendo como referencial teórico principal a obra de Chaim Perelman. No segundo tópico defendemos a retórica como um saber clássico no sentido de que fala Demerval Savianni, e que merece ter um espaço de estudo mais relevante dentro do sistema escolar.

Por fim, num diálogo com o educador Paulo Freire, principalmente com sua obra *Pedagogia da Autonomia*, melhor demonstraremos as contribuições do saber retórico para a prática docente em sala de aula, sendo instrumento de empoderamento de professores e de alunos e de fortalecimento do fazer pedagógico.

Tanto a retórica quanto a pedagogia são saberes que se interpenetram entre si, pois tratam de saberes ligados às ciências humanas. Marco Túlio Cícero, na Roma Antiga, na defesa do poeta Árquias, já constatava o grande grau de familiaridade que existe entre saberes que tratam das coisas do espírito: “Todos os ramos do saber, atinentes à cultura humana, têm como que um vínculo comum e estão ligados, digamos assim, por um certo grau de parentesco (1974, p.183).

5.1 RENASCIMENTO E ATUALIDADE DA RETÓRICA: SUA INCIDÊNCIA NO CAMPO EDUCACIONAL

Como dito anteriormente, deixamos para esta seção a abordagem do renascimento contemporâneo da retórica antiga com a obra *Tratado da Argumentação: A Nova de Retórica* de Chaim Perelman. Ao mesmo tempo que a faz renascer, o filósofo belga atualiza a importância da retórica como instrumento útil em vastos campos do saber humano, como a política, o direito e a educação. Meyer,

discípulo de Perelman, diz que “a nova retórica é o novo discurso do método de uma nova racionalidade, um livro que atravessará os séculos”.

Depois de a retórica atravessar todo o período antigo, medieval e da idade moderna, outro grande momento da história da retórica se dá no mundo contemporâneo, com o revivamento da antiga retórica greco-romana, com o pensador belga Chaim Perelman.

Chaim Perelman (1912-1940) nasceu em Varsóvia, Polônia. Em 1925 foi para Bruxelas, Bélgica, naturalizando-se belga. Doutorou-se em Direito e em Lógica. Em 1958 escreveu sua principal obra em parceria com Olbrechts-Tyteca, *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. Lecionou tanto na Universidade de Bruxelas quanto na Universidade da Pennsylvania nos Estados Unidos, e foi professor visitante em tantas outras universidades do mundo. Morreu em Bruxelas, em 1984.

Foi muito influenciado por Eugène Dupréel, sociólogo, e muito influenciou Michel Meyer, que deu continuação aos estudos da retórica. Os três fazem parte do que ficou conhecida como *Escola de Bruxelas*. Outras obras de Perelman traduzidas para o português são: *O Império Retórico* (1999), *Retóricas* (1999), *Lógica Jurídica e Nova Retórica* (1999), *Ética e Direito* (2005).

A partir de 1989 Perelman passou a ser estudado no Brasil; um dos pioneiros neste estudo foi o professor José Américo Motta Pessanha, com o artigo *A Teoria da Argumentação ou a Nova Retórica*, publicado no livro *Paradigmas Filosóficos da Atualidade*. Queremos destacar também os estudos do professor Renato José de Oliveira, da UFRJ, com o livro *Argumentação e Retórica: as contribuições de Chaim Perelman e a Teoria da Argumentação e Educação*.

Destacamos também o trabalho de Cláudia Servilha, *Teoria da Argumentação Jurídica e Nova Retórica; A Nova Retórica e o Ideal Humanista*, de Edilson Abad, e o livro de Marco Antonio Sousa Alves, *Perelman e Argumentação Filosófica: convencimento e universalismo*. Existem outros trabalhos, mas citei esses que pesquisei. Ainda há um campo muito vasto de pesquisa na Nova Retórica para ser explorado.

Perelman propõe reviver a retórica antiga, daí o nome Nova Retórica. Após um grande recesso no estudo da retórica, devido principalmente ao grande valor atribuído, a partir do século XVI à lógica formal, à racionalidade cartesiana e ao positivismo do século XIX, um tempo de quase trezentos anos de arrefecimento, Perelman reabilita o interesse pela retórica. Perelman encontrou na amplitude da

racionalidade retórica e dialética dos antigos gregos respostas para questões que estavam limitadas pelos rígidos cânones do positivismo-cartesianismo.

Há uma reatualização do rico debate entre platonismo e sofismo, opinião x verdade, aparência x essência, demonstração x argumentação. Nesse sentido foi de extrema importância para a revalorização da retórica antiga as obras de Aristóteles: *Retórica*, *Refutações Sofísticas* e *Tópicos*. Perelman percebeu os limites do raciocínio analítico, que pretendia a univocidade, e encontrou no raciocínio retórico e dialético uma maior elasticidade do pensar, mais condizente com o pluralismo e a diversidade da convivência social.

Um vastíssimo campo da vida, do conhecimento, das relações humanas, da política, do direito, da moral, da educação, precisa do diálogo, do acordo, do consenso, da argumentação, pois não tem soluções matemáticas, precisas, evidentes por si mesmo. Daí a importância da argumentação, da retórica, da dialética, do debate, em busca, não de um conceito absoluto de verdade, mas de soluções razoáveis, plausíveis, verossímeis. Com diz Rohden (2010, p.11) “no bojo da racionalidade retórica encontra-se uma força, um poder que estilhaça qualquer tipo de construção conceitual com pretensão de clareza e univocidade absolutas”.

Aristóteles diz em *Ética a Nicômaco* (1095a1): “É quase manifestamente tão implausível aceitar conclusões meramente prováveis de um matemático quanto exigir demonstrações rigorosas de um orador”. Sócrates também dá um bom exemplo no diálogo platônico *Eutífron* diferenciando as questões da vida, de questões meramente lógicas e matemáticas: se mede, se pesa, se conta nas coisas que se pode agir assim; mas quanto às questões de justiça, sobre o belo, a verdade, etc., temos que argumentar, fazer uso do debate, se entender e se aproximar por meio do diálogo. Daí porque definiu tão bem a retórica Meyer (2007, p. 25) quando, depois de dizer que “o orador e o auditório negociam sua diferença, ou sua distância, se preferirmos, comunicando-se reciprocamente”, propõe ser ela “uma negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”.

Para Perelman, concordamos com valores abstratos até cada um começar a dizer o que entende por eles – percebemos que eles são noções confusas, que são noções plásticas e não rígidas. Portanto, o pluralismo filosófico da nova retórica é uma de suas bases fundamentais. Perelman se põe contra todo tipo de monismo: ontológico, metodológico, pedagógico, axiológico, teológico, político, sociológico,

cultural, etc; nesse sentido, a nova retórica é um saber cuja vocação está centrada na diversidade e na democracia.

Um tema central da nova retórica é a noção de auditório. Perelman aborda os seguintes tipos de auditório: íntimo, dialógico, particular, de elite, universal (o imperativo categórico kantiano). Todo bom orador conhece para que tipo de auditório está falando, pois a qualidade das argumentações depende deles. Dominar esta compreensão é se tornar um grande orador, e quando falo em grande orador estou falando também no professor enquanto orador, pois ele também exerce sua profissão em escolas diferentes, em classes diferentes, em ambientes diferentes e plurais.

Saber lidar com os diferentes auditórios é um dos mais saberes retóricos mais relevantes para o orador, o que revela também a forte vocação democrática, dialógica e pluralista do pensamento perelmaniano, que se recusa a aceitar os diversos monismos que levam à intolerância e ao fanatismo: uma verdade única, um método, um valor único, um critério único do que é válido e oportuno.

Num dos textos mais ricos de Perelman, *Filosofia do Pluralismo e a Nova Retórica*, diz o pensador belga que o pluralismo retórico e filosófico convida à busca de soluções moderadas, aceitáveis, razoáveis, que se constroem por meio do diálogo persuasivo com o auditório, sem a coerção e a violência do pensamento único, seja este qual for sua importância ou mesmo sua primazia (PERELMAN apud LEGRUMBER; OLIVEIRA, 2011, p.22).

Para se obter a adesão do auditório, a adesão dos espíritos, o orador deve partir de premissas aceitas por cada auditório, de seu mundo, o que envolve fatos, verdades, presunções, costumes, tradição, os lugares comuns, os tópicos, o que cada auditório acredita. “Talvez o defeito mais grave do orador seja o de recuar ante a linguagem comum e ante as ideias geralmente aceitas de seus ouvintes”, diz Quintiliano, isso porque ninguém convence um auditório se de plano não fala a sua linguagem ou antagoniza com suas convicções íntimas.

Perelman afirma que é em função de um auditório que toda a argumentação se desenvolve. O orador é obrigado a adaptar-se ao auditório. Mudando de auditório a argumentação muda de aspecto. Não é pouco ter a atenção de alguém, ser admitido a tomar a palavra em certas circunstâncias. É preciso ter apreço pelo auditório. Falar diferente para auditório diferente.

“É a arte de levar em conta a heterogeneidade do auditório, diz Perelman, que caracteriza o grande orador”. Pertencemos a múltiplos auditórios; há uma variedade quase infinita de auditórios. O orador precisa ter conhecimentos de história, de antropologia, de direito, de sociologia, de didática, de psicologia para entender o auditório – lembremos aqui o que disse Cícero sobre o parentesco que existe entre os ramos do saber que tratam da cultura humana. O grande orador é animado por essa rica multiplicidade do seu auditório.

Pensemos quanta diversidade existe numa sala de aula, numa escola, numa dada comunidade. O professor-orador não poderá prescindir do conhecimento dessas diversas maneiras de ser, de pensar, se quiser desempenhar bem seu ofício. Falar bem e ensinar bem exige um conhecimento aprofundado daqueles os quais nos dirigimos.

Apesar do orador ser um homem do debate, ele não entra em qualquer disputa verbal. Aristóteles já alertava em *Tópicos* que o orador precisa saber escolher seu auditório, escolher seu campo de batalha, não argumentar com qualquer um. Por exemplo, com os fanáticos, os negacionistas e os céticos que negam a argumentação, que Perelman chama de o auditório dos recalcitrantes, pois não valorizam a razão, os fatos, a honestidade argumentativa, a ciência, pois encontram-se cheios de má-fé. Assim diz Aristóteles:

“Não se deve discutir com todos ou exercitar-se contra qualquer indivíduo, pois contra algumas pessoas todo argumento está fadado à deteriorização, pois com aquele que recorre a todos os meios para evitar a derrota, é justificado usar todos os meios para atingir a própria conclusão, mas este não é um procedimento digno. Não se deve, portanto, encetar prontamente disputas com pessoas casuais, o que só pode resultar numa forma aviltada de discussão, e os que assim se conduzem não conseguem barrar uma discussão que acaba em contenda” (Livro III, 10).

Perelman, na referida obra, investiga também algumas técnicas argumentativas importantes para o trabalho persuasivo do orador. O argumentador precisa evitar argumentações débeis, pois, diz, uma “uma argumentação fraca ou incoerente diminui a autoridade do orador”. O bom orador, o bom professor zela pela qualidade de sua argumentação, pela credibilidade da informação que manuseia, afastando-se de práticas manipuladoras e de *fake news*, que quando desmascaradas minoram a força ética e a reputação do profissional.

Assim, Perelman fala dos argumentos quase-lógicos, que são aqueles que tem um caráter rigoroso e que se espelham de alguma maneira na lógica formal: tem coerência, é concatenado, tem ordem, evita contradições.

O argumentam baseados na estrutura do real são aqueles presentes como elementos da realidade: o argumento de causa e efeito, o argumento pragmático, o sucesso como critério; evita usar a retórica como expediente; o argumento do desperdício; o argumento da direção; o argumento de autoridade (o éthos retórico, o orador e sua prática, sua honorabilidade, sua qualificação, seu prestígio, sua moral; o mesmo discurso tem peso diferente a depender de quem profere).

Os argumentos que fundam a estrutura do real são os argumentos que constroem um entendimento, uma compreensão, que traz um esclarecimento, e que auxiliam a tomar uma decisão a partir de um exemplo: o modelo e o antimodelo, as comparações, as ilustrações, as analogias, as metáforas, as figuras de linguagem. O bom orador, segundo Perelman, saber dissociar e fazer interagir os argumentos, saber pôr ordem no discurso.

Perelman afirma que a retórica é um império, um vasto campo de domínio, que se espraia por múltiplas áreas das ciências humanas, daí o título de uma de suas obras, *O Império Retórico*. Samuel Mateus, intelectual português, que tem focado seus estudos de retórica no ambiente tecnológico, computacional, digital, dos *media*, inclusive nesse período pós-pandemia, alargando, portanto o campo de aplicação da retórica, em seu brilhante e atual livro *Introdução a Retórica no Século XXI*, diz:

“Isso significa que o campo da Retórica é, desde modo, muito mais eclético. Não estando circunscrito a uma dissertação verbal (oral ou escrita), nem a uma razão linguística, os discursos de persuasão envolvem um campo de possibilidades infinito, desde a imagem publicitária, passando pelo silêncio até os usos de procedimentos digitais como estratégia persuasiva. Dado o enorme campo de aplicação da persuasão, sugerimos que a Retórica é a arte de persuadir: através do discurso, seja ele verbal ou não verbal, como por exemplo, o discurso visual. Pode, pois envolver elementos pictóricos mas igualmente elementos de ordem computacional ou procedimental” (MATEUS, 2018, p. 20).

A retórica, para os gregos, era a arte por excelência, a arte suprema, a rainha de todos os saberes. Cumpria assim um papel educativo dos mais valiosos, pois dependia, para afirmar seu valor, de um ambiente de liberdade da palavra, contrário a qualquer dogmatismo, monismo, ceticismo absoluto, violência, ditadura. A retórica se desenvolve num ambiente de pluralismo, diversidade, democracia,

liberdade, tolerância, heterogeneidade, sendo ela mesma, a retórica, a guardiã desses valores da convivência humana.

Assim a retórica torna-se um método de convivência humana, pautada dentro de valores humanísticos. Diz Maneli, discípulo de Perelman(2004):

“Desde que uma comunidade tenda a influenciar uma ou várias pessoas, a orientar os seus pensamentos, a excitar ou apaziguar as emoções, a dirigir uma ação, ela é do domínio da retórica. Esta engloba, como caso particular, a dialética, a técnica da controvérsia. Assim concebida, a retórica cobre o campo imenso do pensamento não-formal: pode falar-se a este propósito, de império retórico, foi neste espírito que o professor W. Jen, da universidade de Tübingen, a qualificou como ‘antiga e nova rainha das ciências humanas’”.

Para Perelman, é o domínio do discurso, do lógos, da palavra, que qualifica o homem para funções dirigentes. Barbara Cassin, em sua obra *O Efeito Sofístico* (2005, p. 347-366) traz em seu anexo, o mito da origem divina da retórica, narrado pelo retor grego Élio Aristides. Conta o mito, em rápida síntese, que a humanidade havia mergulhado numa crise sem precedentes, ninguém se entendia, era confusão e guerra por todos os lados, a existência da vida humana na terra corria perigo, a barbárie mostrava sua face horrenda em todos os lugares. Compadecendo-se dos homens, e para salvar a humanidade, Zeus enviou, por meio de Hermes, aos homens a retórica, e de posse dela puderam se entender, persuadir uns aos outros da necessidade da concórdia, da civilidade, da resolução pacífica de seus conflitos, e assim criaram leis, instituíram tribunais, fundaram cidades e a humanidade pode continuar existindo.

Ser professor é ser um dirigente, um líder, um promotor da civilização, e quanto mais a retórica tiver sob seu domínio, mais poderosa será a sua influência no mundo. Essa força argumentativa depende também do tempo, do modo, do lugar onde acontece o trabalho persuasivo. Argumentamos dentro do império do tempo, e o conhecimento para Perelman é “uma opinião posta à prova, que conseguiu resistir às críticas e às objeções e da qual se espera com confiança, mas sem uma certeza absoluta que resistirá aos exames futuros”. Assim, o conhecimento é sempre uma abertura, uma possibilidade de diálogo, de debate - o que exige do líder uma postura de humildade, de tolerância e de respeito pelo outro.

Nesse sentido, o valor da nova retórica é imenso dentro do momento atual em que vive a humanidade, ameaçada de todos os lados por crises ambientais, crises éticas, econômicas e políticas. A partir de Perelman, o mundo novamente pôde

sentir todo o frescor, a fecundidade, a atualidade e a beleza da retórica greco-latina, que irradia sua influência para todos os campos das ciências humanas: educação, história, filosofia, política, direito, etc. É a retórica uma poderosa arma em prol da civilização.

Vimos o quanto a retórica, ao longo do tempo, teve sua existência ligada ao trabalho pedagógico, influenciando de muitas formas a prática educativa. O valor e a importância que a retórica adquiriu ao longo dos séculos, como instrumento de ação política, judicial e pedagógica, apesar dos ataques de abalizadas vozes, como as de Platão e Sócrates e de outros ao longo da história, é vastamente atestada pela literatura pertinente ao tema que trouxemos nos capítulos anteriores.

Aristóteles, não obstante as críticas à retórica sofista, reconheceu sua relevância ao afirmar que

A retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza mais fortes que seus contrários. De sorte que, se os juízos não se fizerem como convém, a verdade e a justiça serão necessariamente vencidas pelos seus contrários, e isso é digno de censura (...) além disso, seria absurdo que a incapacidade de defesa física fosse desonrosa, e não o fosse a incapacidade de defesa verbal, uma vez que esta é mais própria do homem do que o uso da força física (...) e, se alguém argumentar que o uso injusto desta faculdade da palavra pode causar graves danos, convém lembrar que o mesmo argumento se aplica a todos os bens exceto à virtude, principalmente aos mais úteis, como a força, a saúde, a riqueza e o talento militar; pois, sendo usados justamente, poderão ser úteis, e, sendo usados injustamente, poderão causar grande dano (op. cit., p. 10).

Aristóteles, como vimos, seguindo os passos dos antigos, dividiu o edifício retórico em três gêneros: judicial, deliberativo e epidíctico. A retórica judicial se desenvolve no âmbito dos tribunais; a retórica deliberativa, no âmbito das assembleias políticas; e a epidíctica, no âmbito da instrução, do ensino, do ataque aos vícios e da promoção das virtudes. Tanto Cícero, quanto Quintiliano e Santo Agostinho, em suas obras retóricas defenderam, como um dos objetivos da retórica, a promoção do ensino, da instrução, da educação, mostrando, assim, a forte missão didática e a força pedagógica da retórica.

Em *Paideia: A Formação do Homem Grego*, Werner Jaeger, demonstra com primor a centralidade da retórica grega na educação ateniense. A retórica, principalmente na Escola de Isócrates, era tida como o instrumento fundamental da formação integral do homem; ensinar o jovem a falar bem era ensiná-lo a viver bem. A retórica ensinava a pensar bem, a falar bem e a agir bem (2013).

Estudos dos mais bonitos e profundos a respeito da arte retórica antiga e sua ligação com a formação cultural e educacional do jovem estudante foi desenvolvido no livro de Jacqueline de Romilly, ilustre componente da Academia Francesa, em *Os Grandes Sofistas da Atenas de Péricles* (2017).

A retórica, depois que chegou em Roma vinda da Grécia, seguiu espalhando sua influência por toda a Idade Média, no âmbito da educação cristã, mantendo sua importância como instrumento pedagógico. No contexto do Renascimento, a *Ratio Studiorum* (2019 p. 111) estabelece que “o fim especial do professor, tanto nas aulas, quando se oferecer a ocasião, como fora delas, será mover os seus ouvintes ao serviço e ao amor de Deus e ao exercício das virtudes que lhe são agradáveis, e alcançar que para este objetivo orientem todos os seus estudos”.

Mover seus ouvintes, diz a *Ratio*, e esse é um dos objetivos da retórica. Cabe ao professor-orador ensinar, mover, motivar, entusiasmar, despertar no aluno o amor pelas letras, pela virtude, pelo saber, pelo conhecimento. De posse do conhecimento da retórica o professor-orador terá maiores condições de cumprir essa finalidade. Comenius já dizia que é “imprescindível despertar nas crianças o amor pelo saber e pelo aprender” (2011, p.168). Quando um professor fala bem, se expressa bem, com clareza, com a consciência de que faz parte de seu ofício despertar o interesse e a atenção do aluno fica mais fácil alcançar seus objetivos.

Padre Leonel de Franca, analisando aquilo que a *Ratio Studiorum* tem de atual, permanente e válido (ou seja a capacidade reflexiva e a competência verbal dos educandos e dos educadores), depois de cinco séculos de sua elaboração, assim diz:

O alvo que mira a *Ratio* – nisto em concordância incontestada com o ideal do século XVI – é a eloquência latina: *ad perfectam informat eloquentiam*. Levar o aluno a exprimir-se de maneira irrepreensível na linguagem de Cícero é o termo a que se subordinam todas as séries sabiamente graduadas do currículo. A gramática visa a expressão clara e correta; as humanidades, a expressão bela e elegante, a retórica, a expressão enérgica e convincente. (...) Tornar mais homem: eis o alvo em que mirava todo o trabalho educativo. A utilidade instrumental do latim era subproduto do currículo; a formação do homem pelo desenvolvimento harmonioso de suas faculdades, o seu objetivo primordial. Para atingi-lo, a linguagem constitui o instrumento mais adequado e eficiente. Só pela palavra pode o autor atingir o espírito do aluno; só pela palavra pode o educador manifestar o próprio espírito. Uma faculdade revela-se na ação que lhe é própria e que, por isso, se pode chamar a sua expressão. A linguagem é a expressão do espírito, e, portanto, com a prova de sua existência, a medida de seu desenvolvimento. Mais. Quem se exprime, exercita a sua atividade mental, imagina, pensa, julga, raciocina, concatena ideias. Através da expressão pode, portanto, o professor, exercitar a atividade interior do estudante e medir-lhe e orientar-

lhe o progresso. A linguagem é, pois, o instrumento natural da formação humana. (...) Os conhecimentos positivos de geografia ou de física poderão estar antiquados no cabo de poucos lustros; o raciocínio seguro, o critério na apreciação dos homens, a capacidade de expressão exata, bela, enérgica de uma alma harmoniosamente desenvolvida representam aquisições humanas de valor perene (FRANCA, 2019, p. 75-78).

Percebe-se, pois, que falar com desenvoltura, com clareza, com poder, com habilidade argumentativa é um valor educativo que não tem como caducar ou perder sua importância. Daí, dessume-se a atualidade e o valor permanente que tem a retórica - a arte de falar bem, de pensar bem, de dizer bem sua palavra.

O relevância pedagógica da retórica cruzou os tempos, como vimos, e atualmente seu valor ressurgiu no mundo todo, sendo objeto de intensas pesquisas em diversos campos do saber. Chaim Perelman soube renovar e reavivar, reatualizar o saber retórico antigo, o que fez na sua monumental obra *Tratado da Argumentação: Nova Retórica* (2005).

A oratória que o professor exerce em sala de aula faz parte do gênero epidíctico, pois esta visa a aumentar a adesão de sua audiência (alunos) a valores (democracia, liberdade, diversidade, consciência crítica, tolerância, amor aos estudos, convivência pacífica, etc.) e a determinadas ações (atuar visando a transformação da sociedade, protestar por qualidade de vida, pela educação pública, pela melhoria das condições econômicas do trabalhador). Segundo Perelman, “na oratória epidíctica o orador se faz educador” (2005, p.57).

Falando dessa função pedagógica da retórica assim diz Oliveira em seu livro *Argumentação e Educação*:

“Ela [a retórica] ensina a pensar com coerência, a organizar a fala e a expressão escrita, a cultivar as normas do chamado bom vernáculo. E ensina mais: buscar a adesão do outro, motivando-o para determinada ação, nada tem de condenável. Somos seres de persuasão, seja nas pequenas coisas do cotidiano ou nas grandes decisões que esperamos ver nossos auditórios tomarem. Em vista disso, o outro não é nosso inferno como chegou a dizer Sartre, mas o complemento indispensável que, em sua alteridade, pode vir a se identificar conosco, tanto a propósito de uma desejo particular quanto de uma causa política.”

Lembramos o que diz a *Ratio*: “Os conhecimentos positivos de geografia ou de física poderão estar antiquados no cabo de poucos lustros; o raciocínio seguro, o critério na apreciação dos homens, a capacidade de expressão exata, bela, enérgica de uma alma harmoniosamente desenvolvida representam aquisições humanas de

valor perene”. E é essa perenidade que faz da retórica um saber clássico relevante à prática educativa.

Após termos discorrido neste tópico sobre o renascimento e a atualidade da retórica na contemporaneidade com a obra de Chaim Perelman, e de termos revisitado com novas considerações o seu uso pedagógico ao longo da história, seguiremos no tópico seguinte mostrando que a retórica é um saber clássico que merece ser reavivado e estudado no ambiente escolar.

5.2 A RETÓRICA COMO SABER CLÁSSICO ESCOLAR

A força da retórica permanece atual devido mesmo a sua condição de saber clássico, entendendo por saber clássico aquele trabalhado por Demerval Saviani em *Pedagogia Histórico-Crítica*. Diz Samuel Mateus que “a retórica não é uma arte esquecida ou obsoleta. Nem uma técnica antiga que se resgata por motivos históricos ou filosóficos ou filológicos. É uma arte eminentemente comunicativa, inerente ao homem enquanto ser social” (MATEUS, 2018, p. 22).

Convém destacar o conceito de saber clássico em Demerval Saviani para ver com mais clareza a retórica como um conhecimento clássico que merece ser estudado no seio da própria escola, tanto por alunos quanto por professores.

Para Savianni, a educação pertence ao âmbito do trabalho não-material, pois tem a ver com alguns elementos que pertencem ao homem, como conhecimentos, ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Esses elementos, que são objetos das ciências humanas, interessam a ciência da educação enquanto é necessário que os homens os assimilem, tendo em vista a constituição de algo como uma segunda natureza.

Portanto, o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens. Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica um trabalho educativo. (SAVIANNI, 2011, p. 7).

Todos esses elementos, diz Saviani, são de alguma forma desenvolvidos espontaneamente pelos homens ao longo de seu desenvolvimento histórico, de forma espontânea, fazendo parte do próprio ato de viver. Com o tempo, a

aprendizagem e o aperfeiçoamento desses elementos começam a se institucionalizar, nascendo assim a escola, estabelecendo o primado do mundo da cultura sobre o mundo da natureza. Em consequência disso, o saber metódico, sistematizado, científico, elaborado, passa a predominar sobre o saber espontâneo, natural, assistemático, meramente opinativo, resultando daí que a especificidade da educação passa a ser determinada pela forma escolar (SAVIANNI, 2011, p.7).

Um bom exemplo histórico do que diz Saviani podemos encontrar em torno do movimento sofístico surgido no século V na Grécia Clássica. Os sofistas eram filósofos, advogados, escritores, oradores, professores que ensinavam aos seus alunos, em troca de uma prestação pecuniária, a técnica de falar bem, de articular bem o pensamento, de argumentar com desenvoltura, com clareza, com persuasividade. Ou seja, o que já era dado pela natureza, como por exemplo, a fala, o pensamento, a ação, era algo que podia ser aperfeiçoado pelo ensino, pelo trabalho educativo.

Plutarco (40 – 120 d.C), filósofo, educador e historiador grego, em sua obra *Da Educação das crianças*, reproduzindo o que os antigos pedagogos da Grécia, a exemplo de Isócrates já diziam, destaca três elementos fundamentais da aprendizagem: a natureza, o ensino e o exercício. Deve haver no aprendiz uma natureza predisposta à aprendizagem de uma arte ou de uma ciência. Essa natureza deve receber o influxo do ensino, da teoria, do estudo por meio da ação de um professor, além de ser aperfeiçoada pelo exercício. “A natureza sem estudo é cega, a lição sem natureza é insuficiente e o exercício sem ambos é incompleto” (PLUTARCO, 2105, p.39).

Diz Giovanni Reale, historiador da filosofia, em *Sofistas, Sócrates e Socráticos Menores* (2013), que os sofistas faziam do seu saber uma verdadeira profissão; com eles, o problema educativo e o empenho pedagógico emergiram ao primeiro plano e assumiram um novíssimo significado. Contra a pretensão da nobreza, que sustentava ser a virtude uma prerrogativa de nascimento e de sangue, os sofistas pretenderam fazer valer o princípio segundo o qual todos podem adquirir a *areté*, e esta, mais que na nobreza de sangue, funda-se sobre o saber. Com os sofistas, nasce a ideia ocidental de educação (2013, p. 28-29).

Cabe, ainda, continuar uma breve consideração sobre o pioneirismo do projeto educacional sofístico, pois trata-se de um exemplo claro do que Saviani fala a respeito do surgimento do saber metódico, sistematizado, na origem da

institucionalização da própria escola, na Grécia Clássica. Em seu grande livro, *Paideia: A formação do homem grego*, afirma Werner Jaeger, filólogo alemão, que a sofística é um fenômeno da história da educação, um movimento espiritual de incalculável importância para a posteridade.

Os sofistas foram considerados os fundadores da ciência da educação. Com efeito, estabeleceram os fundamentos da pedagogia, e ainda hoje a formação intelectual trilha, em grande parte, os mesmos caminhos. Os sofistas elaboraram conscientemente um ideal de educação e o executaram também conscientemente. É a origem da educação no sentido estrito da palavra. “*A obra educadora realiza-se por meio do ensino, da doutrinação e do exercício que faz do que foi ensinado uma segunda natureza*”, (JAEGER, 2013, p. 356). E sinalizando para a condição clássica do saber que os sofistas ensinavam, fundado no ideal retórico, afirma Jaeger: “Ainda podemos aproveitar as instituições fundamentais da pedagogia dos sofistas (...) Aquilo que os sofistas pretenderam realizar ainda é indispensável em nossos dias” (idem, p. 356 - 358).

Retomando a discussão de Saviani a respeito do nascer da obra educativa, ele dirá que o objeto da educação está ligado, por um lado, a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelo homem para que ele se torne humano, e por outro, à descoberta das formas mais adequadas para atingir este objetivo. Quanto ao primeiro aspecto, o da identificação, é necessário distinguir o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório (2011, p. 13). Seguindo em sua análise, Saviani vai abordar uma das noções mais fecundas e essenciais da pedagogia histórico-crítica: a noção de clássico, dizendo:

Aqui me parece de grande importância, em pedagogia, a noção de clássico. O clássico não se confunde com o tradicional, e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial. Pode, pois, constituir-se num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico (2011, p. 13).

Quanto ao segundo aspecto, o da descoberta das formas mais adequadas de desenvolvimento do trabalho pedagógico, trata-se da organização dos meios (conteúdos, espaço, tempo e procedimento) através dos quais, progressivamente, cada indivíduo singular realize, na forma da segunda natureza, a humanidade produzida historicamente (SAVIANNI, 2011, p. 13).

Saviani, então, passa a tecer reflexões quanto ao papel da escola como instituição cujo objetivo consiste na socialização do saber clássico, sistematizado;

não qualquer tipo de saber, mas um saber elaborado, e não espontâneo; um saber articulado, e não um saber fragmentado; um saber erudito, e não um saber popular.

A escola tem a ver com a ciência, e a ciência é um saber metódico, sistematizado, é *episteme* (conhecimento), como os gregos antigos diziam, e não *doxa* (opinião), senso comum, conhecimento espontâneo; a opinião, o palpite, o achismo, não justifica a existência da escola (2011, p. 13-14). Isso não quer dizer, é claro, que essa *episteme* se confunda com a demonstração da lógica formal, que não é a vocação das ciências humanas, sendo estas saberes abertos à construção dialética.

É a exigência, contínua Savianni, de apropriação do conhecimento sistematizado, erudito, da cultura letrada, por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola. É partir deste saber clássico, que se deve estruturar o currículo escolar. A escola não deve perder de vista sua finalidade nuclear, a razão de ser da escola, o ensino do que é clássico, do que tem caráter permanente, que resistiu aos embates do tempo; “é nesse sentido que se fala na cultura greco-romana como sendo clássica, que Descartes é um clássico da filosofia, Dostoiévski é um clássico da literatura universal, Machado de Assis é um clássico da literatura brasileira”, (2011, p. 17). E é nesse sentido que a retórica, que sobreviveu aos maiores embates intelectuais da história, apresenta-se como um saber consolidado pelo tempo, portanto clássico.

Muitas outras obras tratando do valor da retórica no mundo antigo e sua ligação com a educação do homem foram e estão sendo escritas, mas os autores referenciados nos dão um norte teórico sólido para tratarmos da retórica enquanto saber sistematizado e seu vínculo com a prática educativa. Após essa exposição quanto ao embasamento teórico da retórica enquanto saber sistematizado e metódico, e, portanto, clássico, e seu vínculo com a educação, cumpre investigar brevemente a retórica como saber docente, que exsurge da experiência, e que é relevante na prática educativa.

Em artigo publicado na Revista Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, abril/2001, a professora Assistente da Universidade Federal de Ouro Preto, CÉLIA Maria Fernandes Nunes, aborda o tema *Saberes Docentes e Formação de Professores*. No referido texto, a autora expõe a necessidade de maior estudo a respeito dos saberes docentes, aqueles saberes que o professor mobiliza e desenvolve através da experiência e que lhe são úteis para o exercício da prática

pedagógica. Essa temática dos saberes docentes é uma área de estudo recente que demanda estudos de diferentes enfoques, buscando identificar diferentes saberes implícitos à prática docente, ainda pouco valorizados nas investigações e programas de formação de professores.

Sem dúvida, que na relação de ensino-aprendizagem, o professor, de posse do conhecimento específico de que dispõe para ensinar, muitas vezes se vê em dificuldade para expressar, discorrer e abordar o que sabe, por uma deficiência na capacidade da expressão verbal. Ver-se, pois, forçado, na prática, a manejar os recursos expressivos da linguagem para poder repassar aos alunos aquilo que aprendeu, desenvolvendo, por hábito e por necessidade aquela retórica de que fala Aristóteles, de que todos de alguma maneira dela participam.

Identificar este saber docente implícito e inerente à arte de ensinar, ou seja a retórica, reconhecer seu valor, trazê-lo ao debate, propor formas de aperfeiçoá-lo, sem dúvida, é um caminho importante, de consequências positivas para aluno, professores, escola e sociedade.

Segundo a tradição antiga, relembramos, a retórica é dividida em cinco partes estruturais: *inventio*, *dispositivo*, *elocutio*, *memoria* e *pronunciatio*: Na primeira parte, o orador descobre, inventa, cria, num processo elaborativo mental, aquilo que vai falar; na segunda parte, ele organiza, dispõe, com início, meio e fim, aquilo que descobriu; na terceira parte, ele dá brilho, luz, beleza, ornamento ao que vai dizer; na quarta parte, grava na memória o conteúdo de sua oratória; e, na quinta parte, expõe com voz, gestos e posturas adequadas, para o público, o objeto de seu dizer.

O conhecimento desse saber retórico sistematizado, que exige do orador zelo pelos ouvintes, domínio do conteúdo, conduta ética, habilidade na exposição dos temas, razoabilidade de sua argumentação, adequação ao auditório, percepção do momento oportuno da intervenção comunicativa, em muito tem a contribuir com a qualidade e a eficácia deste mesmo saber retórico, praticado pelos professores no seu dia a dia como uma necessidade natural do ato de ensinar.

Ensinar oratória ao professor, desenvolver sua expressividade na fala pública em muito engrandece o processo de ensino-aprendizagem, e eleva a dignidade e o poder da docência na sociedade, tornando-o mais capaz de argumentar, defender suas ideias de forma trabalhada e mais consciente dos recursos que a linguagem dispõe para convencer, persuadir, cativar a mente e o coração dos ouvintes.

Nesse sentido, a retórica está bem próxima da didática. Como já dito, Comenius escreve em sua *Didática Magna* que a didática é a arte de ensinar de uma maneira sintética, fácil, agradável, suave e sólida, que é um recurso contra o enfado, a canseira e desatenção dos ouvintes (211, p. 13-15). Aperfeiçoar a arte de da persuasão também significa aperfeiçoar a arte de ensinar bem. Tringali explica essa arte:

Persuadir, etimologicamente vem de *persuadere*, *per* + *suadere*. O prefixo *per* significa de modo completo, *suadere* = aconselhar (não impor). As palavras da mesma família esclarecem o valor da raiz: *suadv-*. *Suavis* = suave; *savium* = beijo terno. Daí o sentido geral de *persuadere* = aconselhar, levar alguém a aceitar um ponto de vista de modo suave, habilidosamente. *Persuade-se* provando de alguma forma (1988, p.20)

Proporcionar aos professores o aperfeiçoamento deste saber é fortalecer ao mesmo tempo sua formação clássica, humanista, valorizando o espaço escolar e a palavra do professor. Esse retorno ao clássico, essa revisitação à própria origem da escola, seu sentido, sua beleza, sua poesia, é tema bem trabalhado no livro *Em Defesa da Escola*, de autoria de Jan Masschelin e Maarten Simons (2018). Constantemente os autores fazem referência à Grécia Antiga, aos primórdios da escola, como tempo livre, como ócio criativo, como *locus* privilegiado a despertar nos alunos potencialidades criativas, artísticas, verbais, talentos naturais do homem. O ensino da retórica acompanha essa própria valorização da escola e da educação em seu sentido autêntico, clássico.

Portanto, vimos que a retórica tanto é um saber clássico, no sentido de que fala Savianni, como é um saber docente que se mobiliza espontaneamente devido à própria natureza do ofício do professor, sendo passível de ser estudado e aperfeiçoado pelo ensino e pelo exercício, sendo instrumento útil para empoderar e qualificar o trabalho do professor. A retórica não só é um saber clássico e um saber docente mobilizado espontaneamente, mas mesmo um saber necessário à prática pedagógica, tópico que abordaremos como conclusão desta seção.

5.3 O PROFESSOR-ORADOR: A RETÓRICA COMO SABER NECESSÁRIO À PRÁTICA EDUCATIVA

Faremos algumas considerações, mais especificamente, em torno da retórica como um saber necessário à prática educativa, incluindo a retórica como um

daqueles saberes de que fala Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*. Assim, acreditamos que ao final se evidenciará melhor, com mais precisão, a relevância, a utilidade e as contribuições da retórica para o trabalho docente, mostrando a interconexão entre retórica e educação na história, na teoria e na prática.

Antes de adentrarmos ao ponto, queremos fazer nossas também as palavras de Luiz Rohden, que em seu livro *O Poder da Linguagem: A Arte Retórica de Aristóteles*, esclarece que “o pressuposto metodológico que orienta esta obra é aristotélico, ou seja, não podemos exigir exatidão matemática em todos os assuntos, e toda a pesquisa somente poderá ser adequada uma vez que tiver tanta clareza quanto comporta o assunto, pois não é possível exigirmos a mesma precisão matemática em todos os problemas humanos” (2010, p. 11).

Passamos agora a refletir sobre a noção de saberes necessários à prática educativa desenvolvida por Paulo Freire, como dito, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*. Nessa perspectiva freiriana, incluímos, autorizados pelo texto do próprio autor, a retórica como um desses saberes úteis, importantes, relevantes que compõe as competências necessárias ao ato de ensinar. Paulo Freire, em sua obra referida elenca uma série de saberes necessários à prática educativa, deixando ao leitor crítico o acréscimo de outros saberes, o que acrescentamos, como dito, a retórica como um desses saberes necessários ao trabalho docente.

Façamos, em homenagem ao grande educador pátrio, de renome internacional, breves considerações biobibliográficas. Paulo Freire nasceu em Recife e morreu em São Paulo (1921-1997). Formado em Direito, foi, por um período muito curto, advogado, tendo optado por ser educador, após uma experiência que o sensibilizou profundamente num escritório de advocacia, fato narrado em *Pedagogia da Esperança*. “Já não serei advogado. Não que não veja na advocacia um encanto especial, uma necessidade fundamental, uma tarefa indispensável que, tanto quanto outra qualquer, se deve fundar na ética, na competência, na seriedade, no respeito às gentes. Mas não é a advocacia o que quero” (2019, p. 24).

Foi exilado na época da Ditadura Militar. Criou um método de alfabetização a partir do que chamou de palavras geradoras. Atuou em outros países da África e da América. É um dos pensadores brasileiros mais citados no mundo.

As obras mais conhecidas de Paulo Freire são: *Educação como Prática da Liberdade*, *Pedagogia do Oprimido*, *Cartas a quem Ousa Ensinar*, *Pedagogia da Esperança*, *A Importância do Ato de Ler*, *Pedagogia da Autonomia*. Têm pelo menos

29 obras de Paulo Freire publicadas pela editora Paz e Terra; é uma vasta produção literária. Quem quiser conhecer melhor este universo bibliográfico, além de ler as obras, indicamos aqui o livro *Paulo Freire: Uma Biobibliografia*, de Moacir Gadotti.

Centraremos nossas considerações em grande parte no livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (1996). Há um valor especial nas obras que os pensadores escrevem já próximo de morrer. Essa obra tem um cunho universal, serve não só para o professor progressista, mas também para o professor liberal, para o professor conservador. Não serve apenas para o professor, mas para o pai, para o mestre, para o pastor, para o líder, para o advogado, para o empreendedor, para todo aquele que ensina algo a alguém, é como a *Didática Magna* de Comenius, interessa a muitos protagonistas do ato de ensinar.

Vejamos a origem etimológica de ambas as palavras que intitulam a obra em comento: pedagogia e autonomia: pedagogia, do grego *paidos* (criança), *agogé* (conduzir), é o guia, é o mestre, é o que segura na mão; autonomia, do grego *autarkeia* (autarquia, autossuficiência, independência, autonomia). Visa a pedagogia freiriana ser um instrumento de autonomia, de libertação do homem por meio de uma educação que desabroche o senso crítico da humanidade.

Em *Pedagogia da Autonomia*, o ilustre educador brasileiro, expõe uma séria de saberes que são necessários à prática educativa do professor, sempre iniciando a exposição de cada saber com a expressão “ensinar exige”..., tais como: 1 – ensinar exige rigorosidade metódica (disciplina intelectual); 2 – ensinar exige pesquisa (conteúdo); 3 – ensinar exige respeito aos saberes do educando (aqui ele fala sobre o saber mais e o saber menos e cita, como exemplo, a conhecida anedota do doutor e do ribeirinho); 4 – ensinar exige criticidade (etimologia da palavra: discernir, capacidade de julgar); 5 – ensinar exige estética (boniteza) e a ética (a práxis); 6 – ensinar exige a corporificação dos trabalhos pelo exemplo.

E continua Paulo Freire, na sequência, elencando inúmeros outros saberes necessários à prática educativa: 7 – ensinar exige a aceitação do novo e a rejeição da discriminação (a abertura, a flexibilidade paulofreireana); 8 – ensinar exige a reflexão crítica sobre a prática; 9 – ensinar exige reconhecimento da identidade cultural; 10 – ensinar exige consciência do inacabamento (origem e fundamento da educação, a vocação ontológica do homem: ser mais); 11 – ensinar exige reconhecimento do ser condicionado; 12 – ensinar exige respeito a autonomia do educando; 13 – ensinar exige bom-senso; 14 – ensinar exige humildade; 15 –

ensinar exige tolerância; 16 – ensinar exige luta pelos direitos; 17 – ensinar exige apreensão da realidade; 18 – ensinar exige alegria e esperança.

E mais: 19 – ensinar exige convicção de que a mudança é possível; 20 – ensinar exige cultivo da curiosidade científica; 21 – ensinar exige comprometimento; 22 – ensinar exige compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo; 23 – ensinar exige equilíbrio entre liberdade e autoridade (o desequilíbrio gera autoritarismo e licenciosidade); 24 – ensinar exige tomada consciente de decisões; 25 – ensinar exige saber escutar; 26 – ensinar exige o reconhecimento de que a educação é ideológica; 27 – ensinar exige disponibilidade para o diálogo.

Acrescentamos a esses saberes a retórica: *ensinar exige falar bem, argumentar bem, dizer bem, pronunciar bem a sua palavra*. Não seria o domínio da retórica, do discurso, da arte do bem falar, do bem argumentar, da boa comunicação, da persuasão pela palavra e pelo diálogo, e não pela força, um saber necessário à prática educativa? Sim, parece evidente. Paulo Freire diz:

A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressista em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno de que gira este texto. Temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais àquela prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenha escapado ou cuja importância não tenha percebido” (2019, p. 15).

É isso que estamos tentando fazer, acrescentando o domínio da retórica, da arte do bem falar, da ciência do bem dizer, da boa comunicação, da persuasão pela palavra, como um desses saberes importantes, relevantes, clássicos, à disposição do professor para que este possa desenvolver com mais proficiência uma boa aula, sustentar um bom diálogo, realizar uma boa reunião, abrilhantar sua boa exposição, expressar melhor seu saber aos educandos, se apropriar com mais articulação do discurso pedagógico, e mesmo ter condições de denunciar as injustiças sociais com coragem e competência argumentativa.

Defendendo o ensino da retórica no Ensino Médio, diz o professor Valdo Rosário Sousa, em sua dissertação de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins, que ela

Possibilita aos discentes e docentes umas das principais maneiras de garantir a liberdade de expressão, liberdade às minorias, coibir o individualismo, tanto prático quanto de ideias, garantir a democracia, evitar tirania política, cultural, econômica, social e religiosa. A retórica sofisticada não pode ser entendida como uma panaceia para a cura dos problemas educacionais e dos demais. Entretanto, ela tem a função de fundamentar

uma ideia numa discussão e na capacidade persuasiva, e não no uso da força como forma de poder. (2020, p. 13).

Importante destacar aqui essa aproximação entre a paideia retórica clássica e a pedagogia crítica de Paulo Freire, tão bem trabalhada por Fotini Egglezou, que em seu artigo *O Debate no liminar da Pedagogia Crítica e da Paideia retórica: cultivando cidadão ativos* (2020, p. 218), afirma:

Finalmente, apoiáramos a ideia de que essa aceitação [da retórica] não é contrária aos princípios teóricos básicos da pedagogia crítica. Freire destaca as implicações negativas de um diálogo, que é reduzido a “uma simples troca de ideias a ser consumida pelos debatedores (FREIRE, 2000, p.89). Além disso, em *Pedagogia da Esperança*, ele lembra a imagem de um homem que diante de um grande auditório defendia sua opinião “...falando em voz alta e clara, seguro de si, proferindo seu discurso lúcido (FREIRE, 1998, p.18), baseando-se na força de sua retórica. Em outras palavras, Freire parece incorporar um poder latente à retórica, como Platão fez em Fedro, quando “é atrelada a um objetivo idealista e ética emancipatória que segue, na esteira da investigação dialógica [...] a natureza da alma” (CRICK, 2016, p. 2017). O debate como um aspecto central da retórica fornece o espaço necessário para a formação de pessoas políticas e retóricas responsáveis. Está relacionado a indivíduos que não hesitarão em levantar suas vozes para apoiar os direitos e valores humanos essenciais naquele momento da vida, “quando for imperiosa uma verdadeira investiva, quando houver uma necessidade absoluta de um profundo senso de justiça, denunciar, zombar, vituperar, atacar, atacar na linguagem mais forte possível”, como destaca o poeta servo-americano Charles Simic (TANNEN, 2029, p.17).

Egglezou destaca na verdade a força persuasiva da pedagogia crítica freireana e a grande competência verbal de Paulo Freire, que hoje, mesmo para aqueles que não o conheceram pessoalmente, podem assistir às suas palestras nas mídias sociais e constatar a beleza, a clareza e o poder de sua palavra. Apesar dos ataques fascistas que Paulo Freire tem sofrido no atual momento em que vive o país, sua influência se expande e suas ideias cruzam fronteiras.

Aos analisarmos melhor os saberes necessários à prática educativa expostos em *Pedagogia da autonomia*, veremos o quanto ele são também saberes retóricos: o orador precisa ter *rigoriedade metódica*, disciplina intelectual, pois a própria retórica é um método rigoroso, embora flexível, de bem dizer. O orador deve ser um homem de *pesquisa*, de conteúdo, pois não se fala bem quando não temos o que dizer. O orador precisa *respeitar os saberes dos educandos*, ou seja, precisa respeitar o seu auditório, seus conhecimentos, seus valores comunitários, seus costumes, suas crenças.

A *criticidade*, outro dos saberes necessários à prática educativa, é inerente ao trabalho do orador, pois ele precisa que suas palavras sejam transformadoras, persuasivas, que levem o outro a pensar, a falar e a viver com mais consciência crítica. A *estética (boniteza)* e a *ética (a práxis)* são partes mesmo da arte retórica, pois falar com beleza (*elocutio*) e com ética (*ethos*) são qualidades indissociáveis, como vimos, de uma fala convincente. A *corporificação dos trabalhos pelo exemplo* está ligado diretamente à força retórica do orador, pois ninguém acredita naquele que prega o que não vive. A *aceitação do novo e a rejeição da discriminação (a abertura, a flexibilidade paulofreireana)* é algo que faz parte da retórica, pois esta é sempre uma relação comunicacional, onde o outro deve ser respeitado, aceito e tolerado como condições necessárias à vida em sociedade.

Seguimos mostrando o quanto os saberes necessários à prática educativa estudados por Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* são também saberes retóricos que evidenciam a interconexão entre pedagogia e retórica, entre professor e orador. Outro saber que destaca Freire é que ensinar exige *reflexão crítica sobre a prática*, o orador deve sempre examinar sua vida, sua conduta, sua prática, a força moral de sua existência. Ensinar e falar bem exigem *reconhecimento da identidade cultural*, pois é a partir da vida, da sociedade, dos valores culturais que cada pessoa está inserida que o conhecimento se constrói; o orador parte dessas premissas para dialogar com seu público, assim também como o professor.

Ensinar, e também se expressar bem, exige a *consciência do inacabamento*, pois ninguém sabe tudo, estamos sempre em formação, essa é a própria origem e fundamento da educação, a vocação ontológica do homem: ser mais.

Ensinar, e também pronunciar bem exige o *reconhecimento do ser condicionado*, e é essa consciência que impulsiona o sujeito na busca de sua própria emancipação; o bom orador e o bom professor contribuem para que seu ouvinte perceba e entenda seus condicionamentos e queira superá-los. Boaventura de Souza Santos, ao escrever sobre a centralidade da retórica em nosso tempo, fala de seu potencial emancipatório, que se assenta na criação de processos analíticos que permitem a descoberta das razões que levam em determinadas circunstâncias, certos motivos parecerem ser melhores e certos argumentos mais poderosos que outros (SANTOS, 2007, p.106). Descortinar, desvelar condicionamentos faz parte do potencial libertário da retórica.

Outro saber que Freire destaca é o *respeito à autonomia do educando*; se dirigir aos outros, falar ao/com outro exige esta postura de respeito à liberdade de expressão de seus ouvintes de examinar, de aceitar ou não aquilo que lhe é colocado para seu assentimento. Ensinar exige o *bom-senso*, assim como persuadir; sem sensatez, sem razoabilidade nas nossas argumentações não temos o direito de esperar do outro qualquer concordância com as nossas ideias.

Ensinar, diz Paulo Freire, exige *humildade*, esse é um saber extremamente necessário à prática educativa. Llull, escritor catalão, em sua *Retórica Nova*, manual da arte de falar bem escrito no ano de 1301, tratando da afeição que o orador deve ter pelos seus ouvintes, já dizia que a humildade torna atrativa as palavras, favorece a imaginação, esclarece a inteligência, potencializa a memória e agrada a vontade dos ouvintes (2006, 29-30). No mesmo sentido de Llull e Freire, Perelman afirma que argumentar bem também exige humildade, modéstia:

Cumpra observar, aliás, que querer convencer alguém implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta, o que ele diz não constitui uma “palavra do Evangelho”, ele não dispõe dessa autoridade que faz com que o que diz seja indiscutível e obtém imediatamente a convicção. Ele admite que deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito (2005, p. 18).

Ensinar exige a *tolerância, disponibilidade para o diálogo*. A retórica é um excelente instrumento da tolerância, pois ela aposta no debate, no diálogo, e não na violência, nas armas. Ensinar é tanto saber falar *como saber escutar*. Há que se cultivar uma vocação democrática, um espírito republicano. Em seu *Curso de Retórica*, Nietzsche bem intui essa vocação da arte retórica ao escrever:

Esta é, assim, uma arte essencialmente republicana: há que se habituar a suportar opiniões e pontos de vista e, igualmente, a sentir um certo prazer no antagonismo; deve-se gostar de escutar do mesmo modo que de falar; como ouvinte, deve-se poder apreciar, em alguma medida, a arte empregada. A educação do homem antigo habitualmente culmina na retórica: é a mais alta atividade espiritual do homem político instruído (1999, p. 29).

Egglezou (2018, p. 2000) ao examinar a atualidade e a força educativa da retórica, e a sua interconexão com a pedagogia crítica, afirma que ela “contribui para o empoderamento pedagógico dos estudantes como pensadores críticos e cidadãos ativos dentro do sistema educacional moderno. O que Nietzsche afirma da retórica antiga (“alta atividade espiritual do homem instruído”), Egglezou mostra que isso

permanece válido para os dias de hoje: a retórica instrui, capacita, empodera, dá poder à palavra de alunos e professores, tornando-os mais articulados e qualificados para denunciar as desigualdades e os arbítrios estatais e promover a consciência emancipadora da sociedade (ENGLEZZOU, 2018, p. 202).

Voltando aos saberes necessários à prática educativa, que também são saberes retóricos, segue Paulo Freire dizendo que ensinar exige *a luta pelos direitos*. Quanto mais o homem se capacita na arte de bem falar, mais ele estará qualificado para erguer sua voz, com força e independência, em favor dos direitos humanos, pauta essa presente tanto da Nova Retórica quanto na Pedagogia Crítica freireana.

Ensinar exige *a apreensão da realidade*. Ninguém consegue falar bem se não apreender, não captar, não ler com acuidade a realidade das coisas, pois é esse saber fenomênico, “a leitura do mundo que precede a leitura das palavras”, que o habilitará a falar com senso da realidade.

Ensinar *exige alegria e esperança*. Da mesma forma ninguém valoriza um professor-orador triste, pessimista, negativo. O orador é um líder que ergue o ânimo de seu público, que aponta horizontes, que alimenta utopias, que pacifica conflitos, que constrói civilização, como no mito narrado por Élio Aristides. Assim também um professor deve agir com seus alunos, sustentando uma postura de alegria e esperança.

Ensinar exige *a convicção de que a mudança é possível*, pois ensinar é também ter *a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo*. Escreve Paulo Freire:

Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa (2019, p.70).

Ensinar também exige *o cultivo da curiosidade científica*. Tanto o professor quanto o orador, e estamos falando aqui da mesma pessoa, o professor-orador, deve sempre buscar se esclarecer mais, aprender mais, descobrir mais, investigar mais o mundo em que vive. Escreve Paulo Freire que “o professor se ache ‘repousado’ no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer” (2019, p. 84). Quanto mais o homem conhece, mas ele está em condições de bem falar, mais ele estará

comprometido com a força libertadora do conhecimento. “O que importa é que o professor e alunos se assumam como epistemologicamente curiosos” (FREIRE, 2019, p.83).

Ensinar exige, segue dizendo Freire, *tomada consciente de decisões*, e isso só é possível de posse do conhecimento. O professor-orador não pode ficar todo tempo dizendo que não sabe, ele precisa estudar, se capacitar, ampliar seu conteúdo. E de posse deste conteúdo, a ética deve seguir junta. Freire esclarece que “outro saber indispensável à prática docente é saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos” (2019, p. 93).

Como vimos ao longo desta dissertação, ter conteúdo e ser ético são pressupostos essenciais de uma oratória eficaz. Lembremos o que diz Aristóteles em sua *Retórica*: “Não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade de quem fala (...) quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão” (1356a). Portanto, conforme diz Freire, e isso serve também para o orador, “o ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor” (2019, p. 92).

Segue dizendo ainda Freire em *Pedagogia da Autonomia* que ensinar exige *equilíbrio entre liberdade e autoridade* (o desequilíbrio gera autoritarismo e licenciosidade). Nem a Pedagogia Crítica nem a Paideia Retórica tem compromisso com o autoritarismo ou a libertinagem, pois é na ordem democrática que se pode florescer uma educação libertadora e uma retórica comprometida com os valores da boa convivência humana. Paulo Freire deixa claro isso quando escreve:

É interessante observar como, de modo geral, os autoritários consideram, amiúde, o respeito indispensável à liberdade como expressão de incorrigível espontaneísmo e os licenciosos descobrem autoritarismo em toda manifestação legítima de autoridade. A posição mais difícil, indiscutivelmente correta, é a do democrata, coerente com seu sonho solidário e igualitário, para quem não é possível autoridade sem liberdade e esta sem aquela (2019, p. 106).

Paulo Freire conclui sua *Pedagogia da Autonomia* dizendo que ensinar exige *reconhecer que a educação é ideológica*. Cabe ao professor desnudar a falsa neutralidade, tirar a penumbra da realidade que a ideologia impõe para tornar o homem míope para não ver as injustiças sociais. A ética do mercado, do lucro, do neoliberalismo não é uma ética universal do ser humano. Temos que “consolidar uma rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso

solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo gentificado serão armas de incalculável alcance” (FREIRE, 2019, p. 125).

A defesa dos direitos humanos, como fala Freire, o ideal humanista de uma sociedade plural, como uma arma de incalculável alcance, é mais uma das conexões profundas entre Pedagogia Crítica e Nova Retórica. Maneli diz que a Nova Retórica é um humanismo moderno. Assevera que

As características mais essenciais da visão humanista sobre a vida são: aos indivíduos deve ser dada a chance de desenvolver seus talentos pessoais e seu potencial: eles devem ter a oportunidade de serem criativos e felizes.

(...)

Esse conceito básico de humanismo é também uma base filosófica da Nova Retórica. Uma vez que a Nova Retórica tomou como proposição básica que nada é absolutamente bom ou sagrado, exceto a dignidade humana, devemos buscar constantemente valores mais nobres e formas e estilos de vida melhores. Há três áreas específicas que são particularmente importantes para o humanismo moderno: a justiça social e individual, a liberdade contra a opressão como uma oportunidade genuína de uma vida decente, e tolerância e privacidade.”.

O humanismo é inerente à arte retórica. O dom de pensar, de falar, que nos distingue dos animais, de aperfeiçoar estas faculdades pelo estudo, leva o homem a valorizar-se a si mesmo, a dignificar-se perante a existência, a reconhecer a sua singularidade, o seu poder, a sua autodeterminação. Tringali afirma que o

Humanismo nasceu com a Retórica, o primeiro grande humanismo foi retórico. Ele vem à luz na Grécia, entre os sofistas, toma vulto com Isócrates e atinge sua plenitude, em Roma, com Cícero que o teoriza e transmite à Renascença que o aprofunda.

Na Antiguidade grega e latina, sobretudo, em Roma, a Retórica ocupa o mais alto degrau na escala de valores e marca o limite da mais alta realização humana. Não se concebe maior nobreza do que ser orador.

Que é, pois, o humanismo, o humanismo retórico?

Antes de tudo, o humanismo se programa estabelecer o que distingue e especifica o homem em relação aos demais seres do universo. O homem participa a animalidade com os animais e a racionalidade com os deuses. Onde descobriremos o traço que discrimina o homem tanto em face dos animais como dos seres espirituais, aí se encontra a essência, a linha de força do humanismo. O homem animal racional se individualiza no concerto do universo porque é um animal racional, falante. O que em última análise distingue e especifica o homem é a fala (...) Os deuses só falam no mito porque se antropomorfizam. Os animais só falam nas fábulas, fazendo às vezes de homem. Os animais não falam porque destituídos de racionalidade, os seres espirituais não falam porque destituídos de animalidade. Portanto, o humanismo se funda na valorização da fala, que particulariza o homem (...) a fala destaca o homem dos animais e dos seres espirituais. Mas o cultivo, o culto da fala, da linguagem verbal valoriza, por sua vez, uns homens em relação a outros homens. Em função da linguagem, um homem pode ser mais homem, engrandecendo a si, a humanidade (...)

Em resumo a *summa humanitas* aspira a falar com clareza, correção, adequação, elegância sobre qualquer questão que diga respeito ao homem (1988, p 191-192).

Vemos, pois, que tanto a missão da pedagogia da autonomia quanto a retórica é conscientizar e capacitar o homem a ser mais, a afirmar sua humanidade, a pronunciar a sua palavra, num exercício constante de reflexão, expressão e ação. O poder do verbo, claro, ordenado, preciso, autônomo, seguro de si são condições fundamentais para que uma educação libertadora e humanista se realize. Podemos dizer, como já falamos, autorizados por Paulo Freire, que ensinar exige domínio da argumentação, apropriação do saber retórico.

João Adolfo Hansen, em seu estudo *A Civilização pela Palavra*, artigo que abre o livro *500 anos de Educação no Brasil*, bem traçou o conceito de retórica dado pelos antigos, e depois, mais na frente, usado também nas pregações sacras do cristianismo medieval, como instrumento de educação e propagação da fé cristã:

Definida por gregos e romanos como uma técnica ou uma arte de bem falar (*ars bene dicendi*) que ensina, agrada, persuade, a instituição retórica fornece preceitos e modelos que são imitados para o funcionamento verossímil e decoroso de cada um dos quatro termos da fórmula da proposição: “alguém diz algo sobre alguma coisa a alguém”. Retoricamente, a fórmula pode ser analisada segundo duas articulações. Uma delas, “alguém diz para alguém”, refere-se ao ato da fala, como relação pragmática de sujeito da enunciação e destinatário, ou relação dialógica ‘eu/tu’, que define o contrato enunciativo. Retoricamente, esta enunciação se inclui na memória, técnica de decorar o discurso, e na *actio*, técnica vocal e gestual de dramatizá-lo na fala. A outra articulação, “algo sobre alguma coisa”, refere-se à construção do discurso como estrutura sintática (sua ordenação sequencial) e estrutura semântica (sua significação). Retoricamente, esta articulação implica três partes, a *inventio*, a *dispositio*, e a *elocutio*, que são as partes especificamente linguísticas do sermão. Na fórmula, a expressão “alguma coisa” significa o tema sobre o qual se fala. Este era classificado e distribuído em elencos de tópicos e argumentos, que os pregadores “achavam”, “encontravam” ou “levantavam”, usando-os no ato da invenção. No caso o bom orador, memorizava os *elencha auctorum*, os elencos dos autores, tradições canônicas e autoridades escriturais, além dos *topoi*, *loci*, “lugares-comuns” ou argumentos genéricos próprios de cada gênero de sermão para repeti-lo a cada nova pregação (2000, p. 31).

Sem dúvida que o domínio da palavra, da exposição oral, da explicação clara, da argumentação verossímil, concatenada, ordenada, com vista a um fim pedagógico, tem grande repercussão na didática do professor, no discurso pedagógico do professor, pois o professor quando ministra a sua aula é também um orador, daí a expressão que usamos: professor-orador. Magistralmente sintetizou essa ideia, o filósofo da educação francês Olivier Rebooul:

O ensino não pode prescindir da pedagogia; e toda pedagogia é retórica. O professor é um orador que, como todos os outros, deve atrair e prender a atenção, ilustrar os conceitos, facilitar a lembrança, motivar o esforço. Iremos mais longe: aquilo que hoje chamamos de didática faz parte da retórica; ensinar uma matéria é conferir-lhe uma clareza, uma coerência que ela não tem necessariamente como ciência, e passar da invenção à elocução e à ação, porém muitas vezes em detrimento do conteúdo propriamente científico. As pedagogias ativas, que tendem a suprimir a aula professoral, não escapam a essa regra: o que há de mais retórico do que conhecer antes aqueles que vão ser instruídos e obter sua adesão? Note-se enfim que, mesmo quando se trata de ensinar a demonstrar, só se obtêm resultados através da argumentação retórica (2004, p.105).

Comenius, repise-se, esclarece em sua *Didática Magna* que a didática é arte de ensinar e de aprender, que é um recurso para afastar a desatenção e o enfado tão comum no mundo das escolas (2011, p. 15). E é isso que a retórica também é: um instrumento para manter o interesse, a atenção, a adesão, o envolvimento do auditório. Daí Reboul ter conexionado a retórica à didática, dizendo que esta é parte daquela.

Enfim, com autorização e sugestão do mestre Paulo Freire, afirmamos também que a retórica é um dos saberes necessários à prática educativa. Estudá-la, e dominá-la é um dos ganhos intelectuais mais valiosos para o exercício professoral, pois o professor, como dizia Giroux, é um intelectual, e espera-se de um intelectual, de um professor, de uma professora, de um educador, capacidade comunicativa, habilidade argumentativa, e isso é possível adquirir com o estudo da retórica, que como a definia o pedagogo e retor romano Quintiliano é a *scientia bene dicendi*, a ciência do bem dizer.

O domínio do *logos* discursivo está associado à vocação ontológica do homem de ser mais, expressão usada por Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido*. Expressar-se melhor, pronunciar sua palavra com talento, diplomacia, liberdade, lucidez, racionalidade, coragem e segurança é expandir nossa vocação ontológica de ser mais; é realizar a natureza humana, pois dizia Aristóteles que “o homem é um ser dotado de *logos*”, e isso é o que nos distingue dos animais: o dom de pensar, de raciocinar, de discursar com razão, com consciência.

Mas isso tudo precisa ser trabalhado, cultivado no homem, desenvolvido em sua alma. Como dizia Kant, em seu pequeno texto *Sobre a Pedagogia*, “o homem pode ser meramente adestrado, amestrado, instruído mecanicamente como os animais, ou ser realmente esclarecido. Adestra-se cães, cavalos, e também se pode

adestrar homens. Com o adestramento, porém, ainda não se esgota a educação do homem, o importante é principalmente que as crianças aprendam a pensar” (2019, 20).

Bem pensar, falar, agir bem, esclarecer o espírito, eis a vocação ontológica do homem de ser mais, e que a retórica, disciplina que aperfeiçoa o homem em sua integralidade, pode contribuir com sua realização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os cânones da retórica antiga, o orador, após introduzir seu discurso com o proêmio para esclarecer o assunto, afastar as prevenções de seu auditório e conquistar a atenção e a benevolência dos ouvintes, e em seguida expor suas teses, argumentando em torno delas, confirmando e refutando fatos e ideias, ele chega à conclusão. Na conclusão ele recapitula o que diz e faz os apelos e recorre aos argumentos necessários para mover o ânimo e o entendimento dos ouvintes, persuadindo-os a mudar de ideais e agir de conformidade com o ele propôs.

Não só na retórica é assim, ela foi a primeira disciplina no mundo a ensinar que um discurso precisa seguir uma ordem se quiser ser entendido pelos seus ouvintes. Uma aula precisa ter ordem discursiva, uma redação, um trabalho acadêmico, uma palestra, até mesmo uma simples congratulação a um aniversariante precisa ter ordenamento na fala, seja num ambiente físico ou mesmo digital.

Com a pandemia da COVID-19, o mundo se tornou ainda mais *online*, no entanto, as regras da arte de falar bem permanecem atuais, apenas seu campo de incidência se expandiu exigindo do orador o domínio das ferramentas básicas da tecnologia para melhor acompanhar as mudanças dos tempos. Como já disse alhures, um dos estudiosos modernos que bem trabalha essa temática é o intelectual português Samuel Mateus, que além de seu livro *Introdução à Retórica no Século XXI* (2018), tem inúmeros artigos onde investiga como os cânones tradicionais da retórica podem ser trabalhados em ambiente virtual.

Ao prefaciá-la referida obra diz o professor doutor Tito Cardoso e Cunha que Mateus além de fazer uma síntese histórica da retórica, atualiza “o seu campo problemático até aos desenvolvimentos mais atuais do fenômeno comunicacional ao estudar, nomeadamente, a ‘persuasão na tecnologia’ e a ‘retórica digital’” (2018, p.13).

Diz ainda Cunha que “com efeito, se, como alguns pretendem, a meu ver com razão, que vivemos hoje inseridos na ‘chamada economia da atenção’, podemos compreender que são só métodos persuasivos o que melhor permite captar, fixar e manter a atenção das audiências, esse bem tão frágil e valioso”.

Edgar Lyra, em sua obra *O Esquecimento de uma Arte: Retórica, educação e filosofia no século 21*, no capítulo 3, traz também algumas reflexões interessantes a respeito de questões tecnológicas com repercussão no universo pedagógico e comunicacional que a pandemia precipitou e que já vinham pedindo atenção pelo menos desde o advento da internet.

Lyra nos convida a redescobrir a retórica dos antigos, pois ela persiste mesmo diante das chamadas retóricas digitais e algorítmicas - ela revela nossas mazelas e falências discursivas principalmente no ambiente digital, que como diz Umberto Eco promoveu “o idiota da aldeia a portador da verdade” e criou um cenário propício aos negacionismos mais infames, em matéria científica, climática, histórica, educacional, política e cultural (2021, p. 205-208).

E como manter a atenção, o interesse dos ouvintes em meio a essa hegemonia tecnológica atual? Como despertar os estudantes para o amor ao conhecimento, se desconhecermos métodos úteis para mobilizar tão frágil tesouro da aprendizagem, mormente nesta época digital? Como vimos, tanto a retórica quanto a didática, saberes que se interconectam, colocam a disposição do professor ferramentas poderosas que potencializam o processo dialético de ensino aprendizagem. Como diz Thomas Farrell, citado por Lyra (2021, p. 167) a retórica é “a arte, a fina e útil arte, de fazer as coisas importarem”. A retórica nos capacita a fazer com que alguém se importe com aquilo que falamos, que nos ouça, que nos dê atenção; ela recupera o poder de nossa palavra.

Colocamos como questão central deste estudo a indagação de como a retórica pode se constituir num saber necessário à prática educativa, empoderando a palavra dos sujeitos envolvidos no ato de educar. Para tanto, a resposta a essa questão não poderia ser dada sem explicar o conceito de retórica, sua trajetória histórica, sua teoria e sua interconexão com a educação, com a pedagogia, com a didática ao longo do tempo.

Vimos que desde a Grécia Antiga, a retórica, entendida como arte de bem falar com o objetivo de ensinar, deleitar e convencer, marcou forte presença como disciplina importante na formação educacional do homem. Os sofistas, nossos primeiros professores profissionais, herdando a retórica dos sicilianos Córax e Tísias, a elegeram como rainha de todas as ciências, instrumento de poder a disposição do cidadão da pólis. “[A cultura retórica} imprime uma marca profunda em todas as manifestações do espírito helenístico. Para a grande maioria dos

estudantes, fazer estudos superiores significava ouvir as lições do mestre de retórica e iniciar-se, com ele, na arte da eloquência” (MARROU, 2017, p. 328).

Conforme Marrou (2017, p. 495) em Roma, a retórica manteve o mesmo status que tinha na Grécia, sendo a disciplina-mor ensinada nas escolas romanas, em espaços próprios e belos, onde os professores, os chamados *rhetores*, principalmente durante o período imperial, eram honrados, prestigiados, bem pagos, condecorados e avidamente procurados. Em Roma, *a arte suprema* (era assim que o retor Isócrates concebia a retórica), encontrou grandes teóricos e professores ilustres como Marco Túlio Cícero e o pedagogo Marco Fábio Quintiliano. Da “Cidade eterna”, a influência da retórica expandiu-se para todo o mundo ocidental e grande parte do oriente, devido a extensão do império romano.

Durante o chamado período medieval, a retórica, já tendo sido assimilada pelo cristianismo, principalmente pelo trabalho realizado por Santo Agostinho, estava no centro da formação do homem cristão, e fazia parte do *Trivium*, sendo ensinada como recurso importante na pregação religiosa, nas escolas monacais, episcopais e palatinas. Durante todo esse período a retórica manteve-se viva como um saber essencial do homem erudito.

Com o Renascimento, que significou o resgate da cultura greco-latina, a retórica ganhou novo impulso, nova abordagem, novo reavivamento, sendo um saber essencial na formação humanista do homem, encontrando no educador Erasmo de Roterdã um dos mais ferrenhos defensores da antiga arte da linguagem dos gregos. Em sua *Educação Liberal* (2020, p. 110) Roterdã aconselha o homem a desenvolver a sua capacidade de falar corretamente lendo os antigos autores greco-romanos conhecidos por sua eloquência, como Homero, Demóstenes, Cícero, dentre outros. Diz mesmo que “quem não conhecer a fundo a essência da linguagem necessariamente será míope, enganar-se-á e delirará a cada passo também no juízo das coisas” (2020, p.109).

Com a reforma e a contrarreforma, ou seja, no meio da luta entre protestantes e católicos continuou a retórica sendo ensinada nas escolas, como vimos no prestígio que gozava no *Ratio Studiorum* (texto católico) e na *Didática Magna* (texto protestante) de Comenius. Tanto católicos quanto protestantes, na luta pela disputa das almas, não dispensaram a retórica, arte por excelência da pregação e da conversão dos fiéis.

Durante o século XVIII, o Século das Luzes, a retórica continuou sendo ensinada nas escolas, e foi teorizada também por alguns pensadores iluministas como Giambattista Vico, Rousseau e Adam Smith. Apesar de ter arrefecido os estudos retóricos no século XIX, devido ao triunfo do positivismo e da lógica formal, a retórica continuou sendo ensinada nas escolas e encontrou também estudiosos de grande inteligência.

Mas foi no século XX que a retórica encontrou um impulso semelhante ao que teve durante o Renascimento, e hoje são inúmeros os teorizadores e estudiosos da retórica pelo mundo, cabendo destacar o papel central do filósofo belga Chaim Perelman, que ao escrever a sua obra *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*, o fez com o objetivo de reviver a tradição gloriosa da retórica antiga. Tão importante é este trabalho de Perelman, não só para a retórica, mas para as ciências humanas, que Meyer, prefaciando o *Tratado* (2005, p. XIX) afirma que “trata-se de um dos grandes clássicos do pensamento, uma dessas raras obras que, tais como as de Aristóteles e de Cícero, de Quintiliano e de Vico, atravessarão os séculos”.

Depois de termos discorrido a respeito da história da retórica, trouxemos à lume seus fundamentos teóricos em interação com a *Didática Magna* de Comenius, mostrando o quanto a retórica tem de didática e o quanto a didática faz uso dos saberes que a retórica mobiliza para despertar a atenção e o interesse de seus ouvintes.

Abordamos o significado de kairós retórico, falamos sobre a lei da adequação do discurso, de suas partes constitutivas (*inventio, dispositio, elocutio, actio e memoria*), a ordem do discurso (exórdio, narração, confirmação, refutação, peroração), as figuras de linguagem, as falácias, os estilos retóricos (simples, temperado e elevado), os objetivos do orador, os gêneros oratórios (deliberativo, judiciário e epidíctico), o éthos, o lógos e o páthos na retórica aristotélica, a voz, os gestos e a postura do orador e o uso dos recursos tecnológicos e digitais.

A seguir fizemos uma análise comparativa e aproximativa entre saber retórico e didática a partir da *Didática Magna* de Comenius, elaborando uma síntese desta e trazendo à baila, a partir de uma visão interdisciplinar, o quanto a retórica tem de didática e o quanto que a didática tem de retórica, pois ambas visam conquistar a atenção, a simpatia, o interesse e o envolvimento dos ouvintes para a instrução (*docere*).

A retórica pode ser aplicada, não só ao trabalho do advogado, ou do político, mas também ao trabalho do professor, pois este é também um profissional da palavra. Desde a concepção (*inventio* - encontrar argumentos), passando pela ordenação do discurso (*dispositio* - proêmio, exposição, argumentação e peroração)), pela elocução (*elocutio* – estética do dizer com figuras de linguagem) e pela pronúnciação (*actio* – expressar-se com talento diante de seu público), partes constitutivas da retórica, a retórica coloca a disposição do professor um rico e amplo material de técnicas e habilidades úteis ao desenvolvimento de seu ofício.

Na derradeira parte deste trabalho apresentamos a retórica como um saber vivo e atual que encontrou no século XX - e continua a expandir sua influência no século XXI -, um grande renascimento por meio, principalmente, da obra de Perelman. Abordamos, ainda, a retórica como um conhecimento clássico que merece toda a atenção dos protagonistas do fazer pedagógico.

Seguimos dissertando sobre a retórica como saber necessário à prática educativa, mostrando a forte interconexão entre a Nova Retórica e a Pedagogia Crítica de Paulo Freire. Segundo Perelman, a argumentação persuasiva envolve um encontro, um contato de espíritos que se respeitam mutuamente, em busca de razões plausíveis que justifiquem a adesão a uma ideia, a uma causa, a um projeto, etc. A visão perelmaniana tem grande repercussão no âmbito da relação professor-aluno, pois argumentar, ensinar, persuadir não é impor, é dialogar respeitando a capacidade do outro de discernir e aceitar o que lhe é posto para exame. Nesse sentido, diz Perelman (parece até Paulo Freire criticando a educação autoritária e bancária) que

Os seres que querem ser importantes para outrem, adultos ou crianças, desejam que não lhes ordenem mais, mas que lhes ponderem, que se preocupem com as suas reações, que os considerem membros de uma sociedade mais ou menos igualitária. Quem não se incomoda com um contato assim com os outros será julgado arrogante, pouco simpático, ao contrário daqueles que, seja qual for a importância de suas funções, não hesitam em assinalar por seus discursos ao público o valor que dão à sua apreciação (2005, p. 18).

Podemos perceber que a retórica tem seu próprio código ético, pois uma das condições necessárias para persuadir, além do orador ser um homem honesto, como diz Aristóteles, é o respeito pelo seu auditório. Isso não quer dizer que não se possa, como dito antes, fazer uso maléfico da retórica - foi essa prática condenável,

manipuladora, e atualmente muito em voga nos ambiente digitais com as *fake news*, que levou Platão a criticá-la.

Mas desde a origem da retórica, ao contrário do que muitos pensam, devido à ignorância quanto ao conhecimento de sua história, a ética sempre encontrou nos cânones da arte da persuasão, um lugar especial. Num dos livros mais antigos de retórica que chegou até nós, *Retórica a Alexandre*, escrito no século IV a.C., de autoria de Anaxímenes de Lâmpsaco, é aconselhado: “É imperioso não sermos cílios apenas no nosso discurso, mas também na nossa conduta pessoal (...) porque nosso modo de vida contribui para a nossa capacidade de persuasão tanto quanto para a consecução de uma boa reputação” (2012, p. 123).

E Górgias, um dos pais da retórica, um século antes de Anaxímenes de Lâmpsaco, já exortava:

A harmonia para uma cidade é a coragem de seus cidadãos; para um corpo, a beleza; para a alma, a sabedoria; para uma ação, a excelência, para um discurso, a verdade, e os contrários destas coisas são formas de desarmonia. É preciso honrar com louvor o que é digno de louvor e censurar o que for indigno: um homem, uma mulher, um discurso, um feito, uma cidade. De fato é igualmente erro e ignorância censurar o louvável e louvar o censurável (Apud MARTINS, 2021, p. 50)

Diante do dito de Górgias, se faz pertinente mais uma vez trazer a citação de Eglezzou, (2020, p. 218), que após defender a retórica como instrumento de formação e de luta nas mãos de cidadãos críticos e corajosos diz que estes de posse da poder da persuasão “não hesitarão em levantar suas vozes para apoiar os direitos e os valores humanos essenciais naquele momento da vida, “quando for imperiosa uma verdadeira invectiva, quando houver uma necessidade absoluta de um profundo senso de justiça, denunciar, zombar, vituperar, atacar, atacar na linguagem mais forte possível”, como destaca o poeta servo-americano Charles Simic (TANNEN, 2029, p.17)”.

Marsillac, em sua obra *Retórica e Direitos Humanos* (2020), chamou essa voz dos excluídos, dos famintos, dos desempregados, voz que se ergue, que clama, que denuncia, como a “retórica do grito”, o grito e o clamor dos espoliados, das minorias, esse grito que é uma expressão persuasiva de sua dor, de seu abandono. “O grito deveria ser assim a mais persuasiva das elocuições por sua força mobilizadora. Se a retórica deve persuadir, a retórica do grito de quem tem fome deveria nos arrastar” (MARSILLAC, 2020, p.146)

O mundo atual foi pego quase que desprevenido por uma onda obscurantista que tomou conta de grande parte da mentalidade mundial, principalmente no Brasil. Somado a isso o mundo mergulhou na pandemia da COVID-19 que assolou milhões de vida humana no planeta. Pandemia, *fake news*, negacionismo, pobreza, fome, desemprego, desigualdade social, desmonte do estado pelo neoliberalismo, vivemos um tempo em que o mundo parece às portas da barbárie.

Diante deste cenário desesperador, nem a nova retórica, nem a pedagogia crítica se entregam ao pessimismo, a desilusão, a descrença. É preciso falar, é preciso denunciar, é preciso resistir, é preciso proclamar nossa esperança num mundo mais fraterno onde prepondere os direitos humanos, a democracia, a liberdade e a justiça social. E nesse sentido a retórica cumpre um papel fundamental para dar voz aos silenciados, como assevera Egglezou:

A pedagogia retórica, por meio do debate, oferece possibilidade de novas vozes serem ouvidas, em contraste com as ideias dominantes e conservadoras. Por exemplo, podemos nos referir às vozes de classes sociais oprimidas, como mulheres oprimidas, ou outros grupos de minorias sociais, (por exemplo, refugiados) devido à possibilidade de geração de argumentos sólidos. Em outras palavras, poderíamos apoiar a ideia de que o debate oferece aos alunos a possibilidade de sublinhar as injustiças sociais e liberar seu modo de pensar das ideias convencionais, triviais e/ou dominantes (2020, p. 202).

Enfim, ressoam atuais o que disse o grande retor e educador grego Górgias: “É preciso honrar com louvor o que é digno de louvor e censurar o que for indigno: um homem, uma mulher, um discurso, um feito, uma cidade. De fato é igualmente erro e ignorância censurar o louvável e louvar o censurável”. E qual saber nos empoderará, a nós professores, a cumprir essa missão social com clareza, com solidez, com coragem, com poder de convencimento?

A retórica não é só um saber necessário à prática educativa, como acredito que ficou evidenciado, mas também um saber necessário à transformação social, compromisso de todo professor liberal e progressista. Como diz Samuel Mateus (2018, p. 35), “a retórica pode ser também capaz de dar poder ao auditório, de lhe dar expressão, de o empolgar na realização dos seus ideais. E nesse caso, a retórica pode mudar o mundo.”

Como diz Frei Sebastião de Santo Antonio, em sua obra escrita no século XVIII, *Retórica Elementar*

“Da utilidade da retórica só pode duvidar quem não tiver conhecimento do seu ofício e do seu fim. Que coisa mais útil que encaminhar o entendimento para que não erre no modo de achar e ordenar seus pensamentos, ensinar o homem a fazer com graça e energia sensíveis os mesmos pensamentos, e triunfar das paixões do ânimo em abono da justiça e da verdade em benefício do bem particular e público? Nem contra isso vale poder-se usar para mau fim desta arte, porque certamente não há coisa santa de que não tenham abusado mal os homens” (2020, p. 11).

A nossa esperança, e aqui lembramos do livro de Paulo Freire, *Pedagogia da Esperança*, virtude tão necessária em tempos de crise e em épocas de barbárie, é que nossos leitores tenham sido persuadidos, ao chegar ao final da leitura desta dissertação, da utilidade, da atualidade, da força libertária e do valor da arte retórica como um saber necessário capaz de empoderar e iluminar à prática educativa de professores e alunos, e mais: iluminar a própria civilização. Lembremos sempre do mito de Élio Aristides: quando o mundo estava envolto às trevas da ignorância, à beira da barbárie, foi o dom luminoso da retórica que Zeus enviou aos homens como presente para salvar a humanidade.

REFERÊNCIAS

ABELSON, Paul. **As Sete Artes Liberais: Um Estudo sobre a Cultura Medieval**. Tradução de Nelson Dias Corrêa. Campinas, SP: Kíron, 2019.

AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Tradução: Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **O Trivium: Sobre Gramática, Sobre Retórica, Sobre Dialética**. Tradução de Roger Campanhari. Campinas, SP: Kíron, 2021.

ANTIFONTE. **Testemunhos, Fragmentos, Discursos**. Tradução de Luis Felipe Bellintani Ribeiro. São Paulo: Edições Loyolas, 2008.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Retórica**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro: 2011.

_____. **Ética a Nicômaco**. Tradução Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2014.

_____. **Órganon**. Tradução Edson Bini. 2ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2010.

_____. **Retórica a Alexandre**. Tradução Edson Bini. 1ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2012.

ANTONIO. Fr. Sebastião de Santo Antônio. **Retórica Elementar**. Porto Alegre – RS: Instituto Hugo de São Vítor, 2020.

Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano IX, nº 14.
PIMENTA, Rita. **A função Pedagógica da Retórica: A Racionalidade que Negocia Distâncias**.

BARILLI, Renato. **Retórica**. Lisboa: Editorial Presença, 1979.

BARTHES, Roland. **La Retorica Antiga**. Communications, nº 16,1970.

BREDIT, L. **Demostenes y la Elocuencia Politica en Grecia**. Buenos Aires - Argentina: El Ateneo, 1943.

BRUEDORN, Harvey & Laurie. **Ensinando o Trivium: Estilo Clássico de Ministrar Educação Cristã em Casa**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016.

CASSIN, Barbara. **O Efeito Sofístico**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.

CASTRO, Monica Rabello de et all. **Análise das Interações em Educação: Retórica, Argumentação, Comunicação e Representações sociais**. São Paulo: Editoria, Marsupial.

CASTRO, Roberto C.G. **Demóstenes Educador: O Pensamento Ético, Político e Pedagógico do Maior Orador da Antiguidade**. Santos: Editora Universitária Leopodianum, 2013.

CÍCERO, Marco Túlio. **As Divisões da Arte Oratória**. Estudo e Tradução de Nídia Emanuel Magalhães Pinheiro. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

_____. **Retórica a Herênio**. Tradução e Introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Editora Hedra, 2005.

COMENIUS. **Didática Magna**. Tradução Ivone Castilho Beneddeti. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2011.

_____. **Brutus e a Perfeição Oratória (Do Melhor Gênero de Oradores)**. Introdução, tradução e notas de José R. Seabra Filho. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2013.

_____. **Da Invenção**. Tradução e Estudo de Kabengele Ilunga. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Letras Clássicas e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Arquias, Defesa de Milão**. Série Clássicos Gregos e Latinos. Direção de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Verbo, 1974.

_____. **A virtude e a Felicidade**. Tradução Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Dos Deveres**. Tradução e notas de João Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2019.

_____. **De Oratore**. Tradução de Adriano Scatolin.

_____. **Orator**. Tradução de Soraia Nascimento Gonçalves. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal: FLUL, 2017.

_____. **Tópicos: Os Lugares do Argumento**. Tradução de Gilson Charles dos Santos. São Paulo: Pontes Editores, 2019.

_____. **Orações: As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Arquias e Defesa de Milão**. Série Clássicos Gregos Latinos. Direção de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Verbo, 1974.

DAMASCHKÉ, Adolfo. **A Eloquência na Grécia Antiga**. Tradução: Henrique Vaz. Lisboa: Argos, 1939.

DESCARTES, René. **Regras para a Orientação do Espírito**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Discurso do Método**. Bauru, SP: EDIPRO, 2ª ed., 2006).

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2015.

ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. 27ª edição. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, p 197-212, jul/ago 2018.
OLIVEIRA, Helen Silveira Jardim de. **Retórica e Argumentação: Contribuições para a Educação Escolar**.

EGGLEZOU, Fotini. **O debate no liminar da Pedagogia Crítica e da Paideia Retórica: cultivando cidadãos ativos**. Tradução: Ana Maria Lúcia Magalhães. EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 20, v. 2, p. 200-223, ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.47369/eidea-20-2-2780>.

FIORIN, José Luiz Fiorin. **Figuras de Retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.
FONSECA, Maurício (org.). **Breve Manual de Educação Clássica**. Tradução de Ulisses Teles. São Paulo: Trinitas, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 23ª reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um Encontro com a Pedagogia do Oprimido**. 25ª. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 270 p. pp. 157-164.

HANSEN, João Adolfo. **A Civilização pela Palavra**, in: 500 Anos de Educação no Brasil. 2ª ed. Organizadores: Lopes, Eliane Marta Teixeira, et alii. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____. **Hinos Homéricos**. Tradução Edvanda Bonavina da Rosa et al. Edição e organização de Wilson Alves Ribeiro Jr. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

JAEGER, Werner. **Paideia: A Formação do Homem Grego**. Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOSEPH, Miriam. **O Trivium**. Tradução de Henrique Paul Dmyterko. São Paulo: É Realizações, 2008.

LYRA, Edgar. **O Esquecimento de uma Arte: Retórica, Educação e Filosofia no século 21**. São Paulo: Edições 70, 2021.

LUCAS, Miguel. **A Arte de Ensinar: Ensine Como Santo Agostinho**. São Paulo: Ibrasa, 1984.

LLULL, Ramon. **Retórica Nova**. Tradução de Ricardo Costa. Santa Coloma – Espanha: Obrador Edèndum, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **O Trivium Clássico**. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

MANELI, Mieczyslaw. **A Nova Retórica de Perelman**. Filosofia e Metodologia para o Século XXI. Tradução de Mauro Raposo de Mello Barueri, SP: Manole, 2004.

MARTINS, Renata Renovato Martins. **A Retórica de Górgias: Considerações sobre o Górgias de Platão e sobre o Górgias histórico**. Belo Horizonte. Editora Dialética, 2021.

MARSILLAC, Narbal. **Retórica e Direitos Humanos**. Curitiba: Appris, 2020;

MASSCHELEIN, J. **Em Defesa da Escola: Uma Questão Pública**. Tradução Cristina Antunes, 2ª ed. Belo horizonte: autêntica, 2017.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U., 1983.

MATEUS, Samuel. **Introdução à Retórica no Século XXI**. Covilhã, Portugal: LabCom.IFP, 2018.

MEYER, Michel. **A Retórica**. Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Editora Hucitec, 9. ed. revista e aprimorada, 2006.

MONTPALAU, Antônio de Capmany de. **Filosofia de la Eloquencia**. Impresso por H. Bryer et ali. Lonfres, 1812.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. **As Reflexões Metadiscursivas no Discurso Antídoto de Isócrates**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2016.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de João Tiago Proença. Rio de Janeiro: Edições 70, 2019.

KENNEDY, George. **The Art of Persuasion in Greece**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1963.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. In: OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa / Maria Marly de Oliveira. 3. Ed. Revista e ampliada – Petroópolis, RJ: Vozes, p. 117, 1999.

OLIVEIRA, Renato José de. **A Nova Retórica e a Educação: As Contribuições de Chaim Perelman**, Curitiba, CRV, 2016.

_____. Renato José de. **Modernidade e Escola: Contribuições da Retórica para Pensar a Ação Educativa**, in: Colóquio Brasileiro de Filosofia da Educação, 4., 2008, Rio de Janeiro: UERJ 2008, p-1-14.

OLIVEIRA, Custódio José de. **Tratado do Sublime de Dionísio**. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

PASCAL, Blaise. **Da Arte de Persuadir**. Tradução Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2005.

PERELMAN, Chaim e Olbrechts-Tyteca. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins fontes, 2005.

_____. **O Império Retórico**. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Lisboa, Portugal. Edições ASA, 1999.

PIRIE, Madsen. **Como vencer todas as argumentações: usando e abusando da lógica**. Tradução de Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

PRADO JR., Bento. **A Retórica de Rousseau**. São Paulo: Editora, Unesp, 2018.

PLATÃO. **Górgias**. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. 4ª edição. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

_____. **Fedro**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

_____. **Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon**. Tradução Edson Bini. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 2008.

PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. Tradução: Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EDUSP, 19789.

PLUTARCO. **Vida de los Diez Oradores**. Madrid, Espanha: Ediciones Akal/Clasica, 2005.

_____. **Da Educação das Crianças**. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo Edipro, 2015.

QUINTILIANO, Marco Fábio. **Instituição Oratória**. Tradução: Bruno Fregni Basseto, 4 vl. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.

SANTO ANTONIO, Frei Sebastião de. **Retórica Elementar**. Porto Alegre: Instituto Hugo de São Vítot, 2020.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 8. ed. São Paulo, Cortez. 2013.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

SILVA, Edna Lúcia. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezs – 4ª ed. rev. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVEIRA FRANCA, Pe. Leonel Edgard da. **O Método Pedagógico dos Jesuítas: O Ratio Studiorum**. 2ª edição. Campinas – SP: Kírion, 2019.

SUAREZ, Rosana. **Nietzsche e os Cursos sobre Retórica**, in: O que nos faz Pensar, Revista nº 14. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2000.

REALE, Giovanni. **Sofistas, Sócrates e Socráticos Menores**. Tradução: Marcelo Perine. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROHDEN, Luiz. **O Poder da Linguagem: A Arte Retórica de Aristóteles**. 2ª ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ROMILLY, Jaqueline de. **Os Grandes Sofistas da Atenas de Péricles**. Tradução: Osório Silva Barbosa sobrinho. São Paulo: Editora Octavo, 2017.

ROTTERDÃ, Erasmo. **A Educação Liberal**. Tradução e notas de William Bottazzini Rezende. Campinas-SP: Kírion, 2020.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou Da Educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Revista Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril/2001. NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes Docentes e Formação de Professores: Um Breve Panorama da Pesquisa Brasileira**.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Práticas de Oratória**. São Paulo: Editora Logos, 1957.

SOUSA, Valdo Rosário. **Uma proposta para o Ensino da Retórica na E. E. Ensino Médio Profa. Elza Maria Corrêa Dantas - São Domingos do Araguaia/PA - 4º URE-Marabá-SEDUC/PA.** Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins. Palmas -TO, 2020.

SMITH, Adam. **Conferências Sobre Retórica e Belas-Letras.** Tradução de Rebeca Schwartz. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Como Vencer um debate sem Precisar Ter Razão.** Tradução Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

TÁCITO. **Diálogo dos Oradores.** Tradução e notas de Antônio Martinez de Rezende e Júlia Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TIMON. **Libro de los Oradores.** Barcelona: Librería El Plus Ultra, 1861.

TOULMIN, Stephen E. **Os Usos do Argumento.** Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TRINGALI, Dante. **Introdução à Retórica: A Retórica como Crítica Literária.** São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sermões Escolhidos.** São Paulo: Martins Claret, 2003.